
**Programa de Pós-graduação em Ciências da
Motricidade
Pedagogia do Movimento**

**A RELAÇÃO TÉCNICO-ATLETA
E SUA INFLUÊNCIA NO DESEMPENHO
ESPORTIVO**

Bruno Stramandinoli Moreno

Dissertação apresentada ao
Instituto de Biociências do
Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual
Paulista, como parte dos
requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ciências
da Motricidade.

Rio Claro, 2005

Bruno Stramandinoli Moreno

**A RELAÇÃO TÉCNICO-ATLETA
E SUA INFLUÊNCIA NO DESEMPENHO
ESPORTIVO**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Biociências - Campus Rio Claro da
Universidade Estadual de Paulista - "*Júlio de Mesquita Filho*".**

Orientador: Prof. Dr. Afonso Antônio Machado

Rio Claro, 2005

*Para Regina, minha companheira,
meus pais, Aldo e Sônia, cuja colaboração
foi fundamental para que este trabalho pudesse
ser desenvolvido, e cuja compreensão e carinho
foram essenciais para que esta tarefa não se
tornasse por demais desgastante.*

Agradecimentos

Este estudo contou com o apoio do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte da UNESP/Rio Claro.

Minha profunda gratidão ao prof. Afonso, meu orientador, em quem desde o primeiro momento aprendi a confiar e que se tornou um grande amigo. Com ele tenho apreendido os atalhos do “jogo acadêmico”. A ele pertencem muitos dos méritos deste estudo.

*“A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só
pode ser vivida olhando-se para a frente.”*
(Soren Kierkegaard)

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Prof^a.Gisele Maria Schwartz

Prof. Dr. Daniel Presoto

Resumo

MORENO, Bruno Stramandinoli. *A Relação Técnico-Atleta e sua influência no Desempenho Esportivo.*

As tensões próprias da competição esportiva, que tanto interferem no rendimento atlético, têm suas bases no que, acredito, caracterizam-se como um dos caminhos trilhados para o estudo das relações entre os personagens no meio esportivo. Desde a aparição desta vertente na psicologia do esporte observa-se o rendimento atlético crescer e superar patamares, até então, desconhecidos. Entre outros, um dos objetivos se mostra na análise da relação estabelecida entre o técnico e seus atletas (sua possibilidade de interferência na distribuição dos papéis no grupo), alterando assim os estados emocionais dos participantes. A prática do esporte de alto rendimento produz significados, muitas vezes, paradoxais para os atletas, pois ao mesmo tempo em que se sentem satisfeitos, em alcançar objetivos de sucesso, superação e vitórias (inerentes ao esporte de competição), sua prática produz conflitos a partir das diferenças que se estabelecem em relação a interação com o técnico. Como estratégia metodológica, adotou-se a observação e a aplicação de um questionário, bem como a apreensão de dados de modo *informal*, prezando o sigilo de era fonte, onde foram observadas as interações estabelecidas, junto a uma equipe de handebol de alto-rendimento e sua comissão técnica, na pessoa do treinador. A ótica adotada pode apontar algo novo neste fenômeno, agraves do choque de duas forças, até então esquecidas: o *inconsciente* (desejos, medos, traumas psíquicos) dos atletas e o conteúdo do técnico. Trazendo também as *nuances* da possibilidade de entendimento das maneiras que atuam e interagem estes protagonistas. A partir dos dados coletados e da análise do questionário “*demarcaram-se*” algumas considerações sobre o sistema psicológico inconsciente: seu dinamismo na relação entre técnico e atletas. Esta análise se pauta em três momentos que, significativamente, exemplificam uma cartografia da dinâmica relacional.

Esquemas que se referem unicamente às transações entre o atleta e o técnico (como fenômeno social) e que indicam uma maior ou menor vulnerabilidade, por parte do atleta, em relação à ação do fenômeno, a transferência; e o qual o inclina a uma determinada direção. Sendo assim, ao final da dissertação tem-se em mente abrir caminho com esta questão de maneira a ampliar o que motiva e movimenta os atletas em seu dia-a-dia, bem como na vida. Limitação e especificação de uma proposta de trabalho, que partindo da inclusão de uma categoria de estudo, acopla, ao alívio na interação técnico-atleta, a revelação de uma verdade singular sobre o que permeia o inconsciente e o desejo que os anima.

Palavras Chaves: Psicologia do esporte; psicanálise; relação técnico-atleta; handebol.

Abstract

MORENO, Bruno Stramandinoli. The Relationship Coach-Athlete, and its influence in the Sportive Performance.

The proper tensions of the sportive competition, that as much intervene with the athletical income, have its bases that, I believe, are characterized as one of the ways trod for the study of the relations between the personages in the half sportive. Since the appearance of this source in the psychology of the sport the athletical income is observed to grow and to surpass platforms, until then, strangers. Among others, one of the objectives if shows in the analysis of the relation established between the coach and its athlete (its possibility of interference in the distribution of the papers in the group), thus modifying the emotional states of the participants. The practical one of the sport of high income produces meanings, many times, paradoxical for the athletes, therefore at the same time where if they feel satisfied, in reaching objectives of success, overcoming and victories (inherent to the competition sport), practical its produces conflicts from the differences that if establish in relation the interaction with the technician. As methodological strategy, it was adopted comment and the application of a questionnaire, as well as the apprehension of data *in informal* way, valuing the secrecy of the source, where the established interactions had been observed, together to a team of handball of high-income and its commission technique, in the person of the trainer. The adopted optics can point something new in this phenomenon, aggravates of the shock of two forces, until then forgotten: unconscious (psychic desires, fears, traumas) of the athletes and the content of the coach. Also bringing nuances of the possibility of agreement in the ways that act and interact these protagonists. From the data collected and of it analyzes of the questionnaire "had demarcated" some considerações on the unconscious psychological system: its dynamism in the relation between technician and

athlete. This analysis if guideline at three moments that, significantly, gets an example of a cartography of the relational dynamics. Projects that if the athlete and the coach relate solely to the transactions between (as social phenomenon) and that they indicate a greater or minor vulnerability, on the part of the athlete, in relation to the action of the phenomenon, the transference; e which inclines it to one definitive direction. Being thus, to the end of the dissertation it's had in mind to open way with this question in way to extend what it day-by-day motivates and it puts into motion the athletes in its, as well as in the life. Limitation and specification of a work proposal, that leaving of the inclusion of a category of study, it connects, to the relief in the interaction coach-athlete, the revelation of a singular truth on what it is produced by the unconscious one and for the desire that livens up them.

Words Keys: Psychology of the sport; psychoanalysis; relation coach-athlete; handball.

Sumário

Pág.

Resumo

Notas preliminares

01

PARTE I – A PSICOLOGIA E SUAS POSSIBILIDADES COM O ESPORTE

05

Cap 1 Um Panorama sobre a Psicologia NO Esporte

06

O esporte

08

O que a Psicologia tem a ver com o Esporte?

19

A História da Psicologia “no” Esporte em Terras Brasileiras

20

A Psicologia “no” Esporte Hodierna

23

O Método Psicanalítico no Âmbito Esportivo

24

Considerações Éticas para a Psicologia “NO” Esporte

30

Cap 2 A relação Técnico-Atleta - notas sobre a (contra)transferência

33

Olhares a mais e suas implicações motivacionais

34

Quando a realidade se torna indigesta

38

A função da repressão

39

Repressão: em primeira e segunda instância

40

O porquê de uma conduta

43

(Des)Motivos para uma NÃO TÃO BOA performance esportiva

44

Contando até DEZ

45

Capacidade de deixar os problemas de lado

49

Os indiferentes que podem jogar

50

Os problemas de saber e esquecer

52

Caça aos demônios

54

O corpo psicanalítico

56

<i>A descoberta do Outro</i>	62
A transferência na vida cotidiana	66
<i>Na relação Técnico-Atleta</i>	67
<i>A (contra)transferência por parte do técnico esportivo</i>	71
O papel do Técnico: funções e perfis	74
<i>A atuação do técnico esportivo: estilos de comando.</i>	75
<i>Uma visão mais Sociológica da questão.</i>	78
<i>Uma visão mais sistematizada.</i>	80
<i>A visão psicanalítica da atuação do técnico: um estilo de comando mais “consciente”</i>	82
PARTE II – UMA CARTOGRAFIA DO DINAMISMO RELACIONAL	92
<hr/>	
Cap 3 – Estratégias da investigação e decisões metodológicas	93
<hr/>	
O paradigma qualitativo	94
Contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre o contexto esportivo	98
<i>Aspectos epistemológicos</i>	98
<i>Questões metodológicas</i>	102
<i>A pesquisa empírica</i>	108
<i>A relevância do uso do referencial psicanalítico</i>	109
Construindo o objeto de estudo	112
<i>O handebol</i>	112
<i>Atividade de oposição</i>	113
<i>Automatismos inconscientes</i>	114
<i>Do contexto da pesquisa</i>	116
<i>Dos participantes</i>	117
A questão problema	118
Resultados encontrados	120
Cap 4 – Desnudando o véu: o desvelamento do sistema inconsciente na relação técnico-atleta.	133
<hr/>	
Psique	133
Relação psique-mundo	135
Mundo: psicanálise e sociologia	136
<i>A cultura do narcisismo</i>	136
<i>A crise do self</i>	138
O sistema psicológico inconsciente	140
<i>PRIMEIRO MOMENTO: a fraqueza do indivíduo, a angústia de destruição e os impulsos agressivos.</i>	140
<i>SEGUNDO MOMENTO: projeção e identificação com o agressor.</i>	142

<i>TERCEIRO MOMENTO: a introjeção.</i>	143
<i>A fraqueza do ego</i>	145
<i>Origem das estruturas inconscientes</i>	147
<i>A imagem e o culto do poder do fenômeno esportivo</i>	147
<i>A máquina do prazer</i>	148
<i>O isolamento do atleta</i>	149
<i>Um modelo de personalidade baseado no sucesso e na vitória</i>	150
<i>A máquina de angústia</i>	151
À guisa da “conclusões”	158
<hr/>	
Bibliografia	164
<hr/>	

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Processo de pesquisa qualitativo

94

Índice de Figuras

Figura 1 - Esquema I: o técnico esportivo poderoso.	141
Figura 2 - Esquema II: o técnico esportivo imaginário (defesa e repressão).	142
Figura 3 - Esquema III: o técnico esportivo imaginário (2ª situação).	143
Figura 4 - Esquema IV: sistema de sanções.	154

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Relações interpessoais	121
Gráfico 2 - Padrões de relacionamento	122
Gráfico 3 - Relações grupais	123
Gráfico 4 - Padrões de comunicação	124
Gráfico 5 - Canais de comunicação	125
Gráfico 6 - Estilo de liderança	126
Gráfico 7 - Processo de tomada de decisão	127
Gráfico 8 - Planejamento	128
Gráfico 9 - Resolução de problemas	129
Gráfico 10 - Trabalho em equipe	130
Gráfico 11 - Clima da equipe	131
Gráfico 12 - Motivação	132

Notas preliminares

Este trabalho procura estudar psicanaliticamente o tecido de que é feito o cotidiano de um grupo esportivo. Não é uma pesquisa sistemática, pois a natureza do cotidiano rejeita qualquer empreendimento que tente abarcar por inteiro e qualquer sistema que lhe imponha limites ou categorias precisos. Reúno aqui um conjunto de ensaios articulados, como se fossem poços de prospecção dos subsolos da dinâmica esportiva: cada qual mais ou menos independente, todos eles relacionados pela meta e pelo método que partilham.

No alvorecer deste século, *A psicanálise*, de Freud, criou o gênero a que deveria filiar-se a investigação das exceções da racionalidade suposta dos homens – atos falhos, lapsos, esquecimentos inexplicáveis, *et cetera*. Mesmo endereçado ao contexto esportivo competitivo, esta pesquisa não pretende analisar as exceções à regra, mas as próprias regras de configuração do cotidiano de um grupo esportivo. Todavia, como não será possível deixar de notar, o panorama resultante deste estudo é provavelmente mais grave, em termos psicopatológicos. Dá-se que, despidido da ilusória roupa da

trivialidade, o corpo do contexto e da dinâmica do cotidiano esportivo revela-se não apenas estranho, mas a fonte mesma da estranheza.

Destarte, o eixo condutor e produtor desta pesquisa é o estudo de caso de uma equipe esportiva, onde a partir da sua dinâmica de treinos e competições, seus protagonistas (técnico esportivo e atletas) encenam seu cotidiano.

A pesquisa está dividida em duas partes. A primeira – *“A Psicologia e suas possibilidades com o Esporte”* – apresenta um *“Panorama sobre a psicologia ‘NO’ esporte”* de maneira a elencar os fatos, os paradigmas e as práticas mais importantes e significativas da leitura da psicologia acerca do contexto esportivo. Assim, faz-se uma leitura histórica sobre o entendimento do panorama esportivo mundial. De maneira mais geral, o *esporte* se apresenta como fenômeno social – manifestação cultural – donde se percebeu a necessidade de se relevar algumas considerações mais específicas, algumas delas no plano de conceitos preliminares tratados pela literatura.

O capítulo seguinte trabalha *“A relação técnico-atleta”* trazendo consigo algumas *“notas sobre a perspectiva psicanalítica”* acerca do tema. O intuito no capítulo 2, refere-se à busca pelo entendimento sobre a dinâmica da transferência (FREUD, 1998a) seu papel e sua influência na relação Técnico-Atleta. A ótica do termo fundido por Freud aponta algo novo neste fenômeno, agravas do choque de duas forças, até então esquecidas: o inconsciente – desejos, medos, traumas psíquicos – do atleta e os conteúdos do técnico, trazendo também as *nuances* da possibilidade de entendimento das maneiras que atuam e interagem estes dois protagonistas. Sendo assim, ao final de

nossa discussão temos, em mente abrir caminho com esta questão de maneira a ampliar o que motiva e movimenta o atleta em seu dia-a-dia de treinamento, bem como na vida. Limitação e especificação de uma proposta de trabalho, a qual, partindo da inclusão de uma categoria de estudo, acopla, ao alívio na interação Técnico-Atleta a revelação de uma verdade singular sobre o que permeia o inconsciente e o desejo que o anima.

Na segunda parte desta pesquisa - *“Desnudando o véu: o desvelamento do sistema psicológico inconsciente”* - o capítulo terceiro é destinado a elencar as *“Estratégias de investigação e as decisões metodológicas”*, onde são abarcadas as questões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em si. Bem como, apresentar a população estudada e os resultados encontrados. Nas últimas décadas, com a massificação da evolução dos recursos de preparação esportiva, no campo da investigação, tem surgido a preocupação quanto à realização de um estudo que se verificasse a partir da perspectiva de atletas e técnicos esportivos, o que ocorre no contexto no esporte, onde aparece a díade ATLETA-TÉCNICO ESPORTIVO.

Na área de concentração da Psicologia do Esporte, percebe-se que as pesquisas estão voltadas para um paradigma mais quantitativo; sendo o intuito deste trabalho, levando-se em consideração que se trata de um estudo, cujo interesse é investigar a complexidade e a subjetividade das questões que envolvem as relações entre os sujeitos envolvidos no esporte de alto-rendimento, buscar novos caminhos, usando um paradigma qualitativo, com a intenção de também ampliar os conhecimentos nesta interface: psicanálise e fenômeno esportivo.

O trabalho se finda a partir “*Das análises*” tecidas no capítulo quarto, acerca de aspectos como projeção, introjeção, identificação, ambivalência, prazer agressivo, fusão amorosa com a figura maternal, ideal de Ego, angústias da retirada do amor, os quais constituem-se em elementos dos processos psicológicos inconscientes da relação sobre a qual se dispôs discutir aqui. Na seqüência, são apontadas a gênese e a *mecânica* destes processos, e são apresentadas as análises mais aprofundadas sobre os processos intra-psicológicos. As análises sobre o fenômeno transferencial no âmbito da relação técnico esportivo-atletas apontam para o surgimento de questões mais intrínsecas.

* * *

A contribuição mais importante do presente estudo é demonstrar a todos que pesquisam o contexto esportivo e exercem práticas psicológicas a importância dos entornos cultural e social, do lugar de inserção do analisando e do analista, e assim alertar para a necessidade de se ampliar a espacialidade e a temporalidade do trabalho psicológico murado nos enquadres do aqui e do agora. A flexibilidade nas articulações da reflexão, a abertura nas percepções dos fenômenos, atualidade nos conhecimentos e contemporaneidade das concepções dos fenômenos psicanalíticos, permitem um alcance abrangente efetivo da prática psicológica.

PARTE I

*A Psicologia e suas
possibilidades com o Esporte*

Capítulo 1

Um Panorama sobre a Psicologia NO Esporte

Apesar da prática de modalidades esportivas datarem de muito tempo e a preparação destas serem desenvolvidas de variadas formas, a partir das XVI Olimpíadas, em Melbourne - 1956, os países socialistas começaram a ver no esporte um meio de propaganda do seu sistema político. Assim, investiram no desenvolvimento esportivo do seu povo e em um desses investimentos apareceu a periodização do treinamento esportivo (planejamento com mais cientificidade) e tendo apresentado, a partir disso, sucessivas vitórias nos campos esportivos.

Em 1961, Raoul Mollet (apud SANTOS & SHIGUNOV, 2000), observando o panorama desportivo mundial, enuncia o conceito de treinamento total, da seguinte forma:

É uma filosofia de apreciação em função de todos os seus componentes que, através de uma programação racional, procura desenvolver as técnicas, as táticas e as qualidades físicas, apoiando-se em uma alimentação apropriada, numa atitude psicológica favorável, nos

regramentos dos hábitos de vida, na adaptação social adequada e no planejamento de horas de lazer (p.75).

Mollet (1963), já nesta época, atentava seus olhares para a necessidade de diferentes profissionais formarem, o que se chama de Comissão Técnica e trabalharem **pluridisciplinarmente** em prol do atleta. Em uma outra ponta da mesa, o mesmo autor, já em 1961 teria essa visão *holística* do treinamento esportivo, ou seja, pensar o atleta como um todo e não meramente como “*máquina de aquisição de recordes*”, vemos não ser isto o que ocorre em termos de treinamento esportivo, principalmente no que concerne à realidade brasileira.

De uma maneira geral, o treinamento esportivo tem seu “*foco-base*” na preparação física, passando para a preparação técnica e tática, inclusive a própria literatura da área coloca a preparação psicológica em último plano, haja vista a hierarquia em termos de prioridades preconizada por Tubino (1980) que é utilizada até hoje, onde a base do triângulo é a preparação física, seguida da técnica, da tática e por fim, no topo, da preparação psicológica.

O Esporte

Antes de avançarmos águas mais profundas do âmbito esportivo, com nosso caiaque psicológico, acredito ser de grande importância conhecermos de maneira mais consistente como se caracteriza este “ÂMBITO ESPORTIVO”. O conceito de esporte, trabalhado por Gaya (*apud* FREITAS, 1996), entende que este fenômeno (esporte):

[...] tornou-se plural. Nesta nova dimensão ele assume novas formas e modelos, novos valores e sentidos. Surge-nos como comércio, como indústria, como atividade cultural, como estilo de vida, como fator econômico, como fator de socialização, como meio de educação e formação, como estratégia de saúde e como objeto de investigação científica (p.2).

Ao referir-se ao esporte enquanto fenômeno social ou como manifestação cultural, percebe-se a necessidade de se relevar algumas considerações, algumas delas no plano de conceitos preliminares tratados pela literatura. Pereira (*apud* CAVALCANTI, 1996), ao revisar a literatura sobre o termo esporte, apresenta a seguinte consideração “[...] o esporte é uma prática universal, que se pode considerar como um dos fenômenos culturais mais representativos do século XX. De certa forma, por quase todo o planeta, encontra-se a prática desportiva, suas relações sócio-culturais e afins” (p.24).

Nem sempre, os autores que tratam deste tópico são claros quanto ao emprego do termo esporte ou desporto. De fato, trata-se de uma discussão semântica e secundária, já que, o que importa, é o seu conceito e suas formas de manifestação. Todavia, o autor ainda considera que:

A utilização dos termos esporte ou desporto é perfeitamente aceitável em nossos meios. Ambos os termos significam a mesma coisa; a diferença entre eles é a seguinte: quando se diz esporte, parte-se do inglês e quando se diz desporto baseia-se na origem francesa do termo (*id idiem*, p.212).

Se considerarmos, inclusive, a própria legislação vigente no Brasil, iremos ver que o pressuposto alinhavado por Tubino (*apud* CAVALCANTI, 1996) a respeito do “*Manifesto Mundial do Desporto*”, em seu preâmbulo, aponta que: toda “[...] *atividade física, com caráter de jogo, que toma a forma de uma luta de seu executante consigo mesmo, ou de uma competição com outros, é um [...]*” esporte (p.24-25). Destarte, com Brohm (*apud* CAVALCANTI, 1996), as definições clássicas do esporte, incorporadas a algumas outras características como: sistema de hierarquização, princípios de rendimento, de organização burocrática e de publicidade, conseguiremos chegar a uma primeira conceituação:

O esporte é um sistema institucionalizado de práticas competitivas, predominantemente físicas, delimitadas, codificadas, regradas convencionalmente, cujo objetivo conhecido é, sobre a base de uma comparação de performances, de proezas, de demonstrações físicas designar o melhor concorrente (o campeão) ou registrar a melhor performance (o recorde) (p.25).

Todavia, com o intuito de compreendermos melhor este termo, quanto às finalidades e sua conseqüente classificação, manuseemos as leis “Zico”¹ e “Pelé”², expoentes da “Nova Lei do Desporto Brasileiro”, a qual caracteriza o Esporte em Educacional, de Participação e de Rendimento. Segundo esta lei, o esporte pode ser reconhecido em qualquer destas manifestações:

¹ Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993.

² Lei nº 9615, de 24 de Março de 1998.

I – [...] **Educacional** (grifo nosso), praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II – [...] **de Participação** (grifo nosso), de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III – [...] **de Rendimento** (grifo nosso), praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

Parágrafo único. O desporto de rendimento pode ser organizado e praticado:

I - de modo profissional, caracterizado pela remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva;

II - de modo não-profissional, compreendendo o desporto:

a) semiprofissional, expresso em contrato próprio e específico de estágio, com atletas entre quatorze e dezoito anos de idade e pela existência de incentivos materiais que não caracterizem remuneração derivada de contrato de trabalho;

b) amador, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de qualquer forma de remuneração ou de incentivos materiais para atletas de qualquer idade (capítulo III, art.3º, item III).

Entretanto, como aponta Bourdieu (1980), o esporte atual, enquanto um fenômeno social, não comporta mais ser reduzido a analisá-lo como um jogo, ritual ou entretenimento de caráter religioso ou não. Logo, urge percebermos a existência de toda uma realidade própria ao esporte, um conhecimento específico e que, caso se queira conhecer e entender – bem como sua manifestação – faz-se necessário a busca de sua lógica, história e suas práticas sociais próprias.

O esporte, na maioria destas manifestações supracitadas, é sempre visto no seu caráter competitivo como exclusivo ou ideal de uma sociedade produtiva ou sociedade do êxito, parece configurar-se em uma visão unilateral, já que os atletas, independentemente do regime político, submetem-se às normas de preparação para o rendimento, visando resultados que nada mais são do que a sua própria produtividade como trabalhadores, no caso, do esporte.

Estas pessoas possuem, antes de tudo, expectativas, aspirações e frustrações constituídas a partir de suas relações sociais cotidianas, por meio dos vários sistemas de cultura (o esporte é um deles). Cavalcanti (1996) ressalta que os valores sociais perpassados por estas manifestações têm, em seu bojo, a ideologia da sociedade produtiva articulada pelo princípio do desempenho. Os valores subjacentes introjetados nas pessoas servirão de esteio na construção de sua realidade e representações.

Entende-se que o esporte restrito apenas à busca de resultados, ou seja, com fim em si mesmo, restringe as possibilidades dos indivíduos (atletas) se emanciparem como cidadãos e conquistarem sua cidadania de fato e de direito, como já se frisou anteriormente.

Campos (1976), ao contestar o enfoque do esporte como fim em si mesmo considera que o **esporte** não é um fim em si mesmo, mas um meio para a pessoa humana atingir o seu desenvolvimento sob certos aspectos; é, mais ainda, um meio de valorização social através e em benefício das mesmas pessoas que constituem a sociedade, assumindo uma posição, ou melhor, uma oposição à idéia de que a competição esportiva seja um fim em si mesmo; ao contrário, ele enfatiza que a possibilidade do Esporte tem de ser encarada como um meio de desenvolvimento do indivíduo e da própria sociedade.

Destarte, podemos nos enveredar para a idéia de que o esporte, sob uma ótica contemporânea, possui dois elementos substanciais, protagonizantes de um diálogo: *o indivíduo desportista* e *a sociedade desportiva/desportivizada*. De maneira tal, que

o indivíduo acaba por praticar esporte para si próprio, ou praticá-lo requerido por esta sociedade esportivizada. A propósito, podemos considerar ainda que:

A “mesma” prática desportiva realizada pelo “mesmo” indivíduo pode ter duas finalidades bastante díspares. A ciência que estuda este indivíduo praticando esporte poderá ter, assim mesmo, um enfoque totalmente distinto conforme investigue para que a atividade beneficie o indivíduo ou para que o indivíduo renda mais desportivamente a esta sociedade que o requer (CAMPOS, 1976, p.25).

Aponta, portanto, para os enfoques que a psicologia, enquanto ciência aplicada ao esporte, pode investigar. Cagigal (1973), afirma que, tanto a psicologia que estuda o indivíduo para que este, na competição, renda o máximo, como a psicologia que se preocupa com benefícios que o esportista pode obter humanamente de sua prática desportiva, como hábitos de controle, segurança em si mesmo, equilíbrio, consciência corporal, ajuste ao princípio de sua própria realidade somática, aprendizagem realista em relação à sua posição no grupo social etc, são ciências aplicadas, sendo que a primeira serve primariamente a grupos sociais (clubes, federações, país, *et cetera*), e a segunda, ao indivíduo. Ou seja, "*Homem à serviço do desporto (resultados, marcas, triunfos etc) ou Desporto a serviço do homem (hábitos e aprendizagens utilizáveis para a vida)*" (p.27). Cabe lembrar que em ambos as veredas se complementam, pois, um esportista, a quem se "*adestra*" para que no momento da competição seja capaz de render o máximo ("*homem a serviço do esporte*"), adquire uma aprendizagem de controle que lhe pode resultar proveito para outras situações da vida ("*esporte a serviço do homem*").

A “NOVA LEI DO ESPORTO NO BRASIL”, em suas referências ao Esporte de Participação e Educacional, cita promoção da saúde e da educação; e, assim, quando apresenta estas características do esporte de rendimento, encontra sentido nas afirmações de Cagigal (1973), quando diz que os enfoques se complementam – alusão ao “*esporte a serviço do homem*” e ao “*homem a serviço do esporte*”; ou seja, de alguma maneira ocorre uma comunicação entre ambos. Embora se saiba que aos mentores e promotores do evento desportivo de natureza competitiva o que interessa são os lucros e o “*show*”, que “*deve continuar*”.

Para Sant’anna (2001) o fenômeno esportivo necessita ser observado em sua pluralidade. Nas inúmeras modalidades esportivas – cada qual com sua história – representando valores e funções sociais diferentes. Na história de cada modalidade esportiva – coletivas e individuais³ –, modificações culturais, a regras e exigências de medidas inovadoras. Na visão da autora, o fenômeno *esportivo* não pode ser encarado como um campo de atividades e práticas aquém de receios e desejos: cada atividade esportiva se apresenta carregada de um simbolismo heterogêneo, capaz de exprimir e absorver os fantasmas, receios, desejos e limites de cada sociedade na qual ela se desenvolve.

O esporte, segundo Carravetta (1997), se caracteriza por um significativo “*processo de diferenciação*”, representando, a um nível mais amplo, uma sistematização capaz de se reformular de maneira quase ilimitada. Mantém um vínculo funcional, de

interação com outras expressões sociais (a família, a escola, a economia, a política, a religião e o lazer), de maneira a preservar com profundidade e constância sua interdependência, no apoio recíproco para a satisfação de suas respectivas necessidades, na emergência de seus modelos de atuações e de construção de vínculos organizados em uma rede de relações sociais de grande importância para o processo de funcionamento em diferentes setores da sociedade atual.

Pereira (1988) entende o esporte como: “[...] *uma prática universal, que se pode considerar como um dos fenômenos culturais mais representativos do século XX. De certa forma, por quase todo o planeta, encontra-se a prática desportiva, suas relações sócio-culturais e afins*” (p.211).

A partir das considerações acerca do fenômeno esportivo, sob a perspectiva de Bourdieu (1980) – onde este afirma a existência de uma não suficiência para se compreender as manifestações esportivas – se busca entender apenas a sociedade em que esta se insere. Os aspectos específicos do esporte, bem como, sua relativa autonomia, necessitam de uma considerável ênfase, de maneira a se argumentar sobre as diferenças entre a lógica social e a esportiva, em todo o tempo de seu estudo.

Assim, recorrer-se-á a algumas concepções psicanalíticas para o entendimento de tal fenômeno:

³ Esportes que em sua origem abrigavam classes populares e grupos de trabalhadores camponeses, assim como existem os esportes filhos do desenvolvimento urbano e industrial.

"[...] na atualidade, o conflito (gerado no tanto no contexto esportivo), é uma forma de competição inteligente elaborada, na qual os participantes procuram 'ganhar', utilizando estratégias, táticas e técnicas similares àquelas que regem qualquer tipo de jogo no qual esteja incluído o planejamento" (PICHON-RIVIÈRE & QUIROGA, 1998, p.104).

Nesta concepção, o contexto esportivo, de maneira a atender estas estratégias e planejamentos, se constitui em um ambiente no qual convivem pessoas com diferentes formações e desenvolvimentos (atletas, técnicos, dirigentes, comissão técnica, torcidas), com interesses voltados à resolução destes conflitos a fim do alcance de um determinado objetivo – vitórias, títulos – próprios deste fenômeno (BOURDIEU, 1990). Desse modo:

"Essa interpretação embora descreva fatos reais que intervêm na dinâmica do conflito, como interdependência nas decisões das partes adversárias e expectativa que cada um tem a respeito da conduta do outro, deixa escapar a motivação subjacente em tais comportamentos competitivos" (PICHON-RIVIÈRE & QUIROGA, 1998, p. 104).

Todo o trabalho que preste suas ações no envolvimento com fatores emocionais, afetivos, comportamentais, enfim, uma intervenção de ordem psicológica, no âmbito esportivo (ARTUSIO, 1985; BAYER, 1999; DOLTO, 2001; WAGNER, 2001), precisa enfocar suas atenções em abarcar os conteúdos inconsciente, partindo de situações concretas e reais, a fim de caracterizar a origem dos comportamentos em conflito. Pois, nem todo comportamento explicita suas causas de forma precisa e concreta, apresenta sim, na maioria das vezes, suas razões mais profundas e obscurecidas, seja ela nos treinamentos, na competição, na vida cotidiana.

Para Guttmann (1978), o esporte é um fenômeno que atravessa os tempos e pode ser encontrado em distintas eras, em diferentes povos, de forma que os atributos do esporte vão depender das características da sociedade na qual está inserido. O autor ainda aponta que, o esporte, responde à determinações de uma sociedade.

O modelo de Guttmann preocupa-se em caracterizar os esportes de alto rendimento, não se aplicando adequadamente aos esportes praticados atualmente em escolas, universidades, clubes associativos, etc. Nesse sentido, não fica claro se as formas ditas “modernas” da prática esportiva (caracterizadas por aqueles sete atributos enumerados) estariam convivendo com formas “pretéritas” (nas quais não há necessidade de burocracia, produção de estatísticas ou preocupação com recordes); se existem distintos graus de incorporação da “modernidade” ao universo das práticas esportivas; ou se os esportes modernos são exclusivamente aqueles que visam o alto rendimento (PRONI, 1998).

Em outras palavras, a convivência com os “outros” e o êxito social do indivíduo dependem, em grande medida, do desenvolvimento de “estruturas” psicológicas seguras, que impedem manifestações espontâneas de desejos e sentimentos e, ao mesmo tempo, dependem da possibilidade que o indivíduo tem de encontrar espaços e oportunidades socialmente adequados para liberar as tensões provocadas por esse esforço de autocontenção. Para produzir esse efeito catártico, o esporte deve ser capaz de provocar uma tensão emocional que, paulatinamente, cresça e atinja um clímax (PRONI, 1998).

Ao se pleitear o entendimento acerca do fenômeno esportivo, faz-se necessário, assumir a compreensão de que suas manifestações se relacionam, diretamente, com as condições sócio-econômicas da sociedade contemporânea. Sua história, mesmo articulando-se (e com relativa autonomia), apresenta-se diferenciada: temporalidade e cronologia próprias, bem como, crises e leis de evolução específicas (BOURDIEU, 1980).

Por outro lado, é preciso relacionar esse espaço de práticas e de disputas com o espaço social que se manifesta nele, sem o que não se compreenderia o sentido mais profundo das mudanças na organização e no conteúdo de determinadas modalidades. Sem dúvida, tanto a oferta quanto a demanda de bens e serviços esportivos guardam alguma relação com as conjunturas econômica, social e política na qual estão inseridas.

Bourdieu (1990) esclarece que o espaço do esporte não é um universo fechado em si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. Quero simplesmente dizer que não se pode estudar o consumo esportivo, se quisermos chamá-lo assim, independentemente do consumo alimentar ou do consumo de lazer em geral.

A realidade, no âmbito esportivo, enfatiza a exposição de atletas que já vivenciaram muitos anos de prática, de preparação, de treinamento e de competições

esportivas. Expoentes, sobreviventes, um processo seletivo que consolida seus aspirantes a um verdadeiro *estrelato*, ou os condena ao ostracismo, à prática esportiva.

Lima (2000) aponta ser através desta reunião de condições necessárias, à preparação e desenvolvimento efetivos das habilidades e das potencialidades, a possibilidade do alcance, por parte do atleta, de níveis de excelência em sua prática esportiva.

O esporte competitivo, que será no decorrer do processo civilizatório organizado, terá sempre um caráter de disputa, com *vencedores* e *vencidos*, no qual, contudo, a vitória será fugaz e transitória, tanto que o jogo deverá ser, em intervalos de tempo, seguidamente repetido, aparentemente, para a repartição dos louros. Ao longo dos tempos estas disputas foram se especializando ou seja, o homem foi procurando novas formas de se confrontar com o outro, até o brincar instalou o competir, do prazer de brincar com a bola veio a disputa por quem brincava melhor, daí para o esporte de competição, onde, individualmente ou em grupo, o homem se mede com o outro, tendo na vitória a fugaz e transitória ilusão de ter vencido o outro, de ser melhor e, por isso mais amado e admirado, satisfazendo, no fundo, os anseios de sua mãe. O homem quer, no desejo de glória e de prestígio, dizer que, por esta superioridade, ele deve ser mais amado que o vencido - na verdade, na vida, nada está fora da esfera do amor. Sem o olhar do outro, que é o que nos constitui como seres amáveis (que podem ser amados) não vamos poder existir (FREITAS, 2002).

O que a Psicologia tem a ver com o Esporte?

Atualmente, o esporte é um grande fenômeno que vem se desenvolvendo cada vez mais. A cada dia surge uma nova técnica, um novo meio de treinamento, um novo material utilizado para melhorar ainda mais a performance dos atletas.

As competições estão acirradas e pequenos detalhes fazem a diferença. Um atleta que busca ótimos resultados procura se estruturar buscando tudo o que há de mais novo e todos que estão disponíveis a otimizar o seu rendimento. Além de um bom técnico, de um nutricionista, fisioterapeuta, médico, massagista, acupunturista, a busca pelo psicólogo e pelo preparo emocional vem aumentando por ser tido como diferencial. Aí que entra a Psicologia “NO” Esporte.

O treinamento, antes encarado apenas sob o ponto de vista físico é visto hoje como um conjunto: a preparação física e a preparação emocional. Diversos atletas confirmam a importância do preparo emocional, pré e durante a competição, pois relatam ficar ansiosos, desconcentrados e acabam não rendendo o que podiam, ou mesmo não chegam perto daquilo que alcançam nos treinos. A rotina de treinamento desgastante é outro fator importante a ser considerado no preparo psicológico porque pode desmotivar o atleta a ponto de levá-lo a abandonar a carreira esportiva.

O que se observa no mundo desportivo é um processo evolutivo, marcado pela existência de forte competição e conflito na busca de vitórias. A exigência pode ser maior em alguns clubes do que em outros, é verdade; mas o desafio de sobreviver e

atuar com sucesso em quadra é um jogo de astúcia e agilidade, sorte e força bruta; um jogo no qual nem todos os chamados logram se fazer escolher.

Quando, neste meio, onde a informação é acessível a todos, a questão de até onde um atleta pode chegar na busca de seus imperativos atléticos está além de um planejamento adequado das unidades de treinamento ou mesmo além da utilização de uma aparelhagem moderna, enquadra-se o aparelho psíquico do desportista como responsável pelas manifestações do inconsciente e que pode, por fim, determinar algumas ações ocorridas em quadra que comprometem sua atuação.

A História da Psicologia “no” Esporte em Terras Brasileiras

No Brasil, a Psicologia “NO” Esporte teve seu início com o psicólogo João Carvalhais quando, por volta de 1958, dedicou-se à seleção de árbitros de futebol para a Federação Paulista. Outro psicólogo que participou no surgimento da psicologia desportiva no Brasil foi Ataíde Ribeiro da Silva, o qual em 1962, trabalhou com a seleção brasileira de futebol.

Não foi por acaso que o surgimento da psicologia desportiva no Brasil esteve vinculada ao futebol. Isso pode ser explicado pelo fato de que este desporto no país, além de ser um fenômeno desportivo, é também um fenômeno social. Assim, os acontecimentos mais marcantes desta nova ciência pertencem, também, à história do futebol brasileiro. Um fato, por muitos considerado mais uma lenda, diz respeito ao episódio da “*Seleção Canarinho*”, que disputou a Copa de 58, na qual Pelé e Garrincha se

mantiveram afastados dos primeiros jogos, após algumas conclusões tiradas pelo psicólogo da equipe (CARVALHAES, 1974) ao analisar as respostas dos testes de inteligência que foram aplicados. Segundo tais testes, Garrincha assumiria uma posição limítrofe, enquanto Pelé seria considerado muito imaturo. Em consequência destes resultados ambos os atletas só entraram em campo após a terceira partida disputada pela Seleção e brilharam na conquista da Copa. Ao se questionar o por quê da não escalação dos atletas nos primeiros jogos a culpa ficou para Carvalhaes e também para a psicologia desportiva, que se manteve afastada da Seleção por aproximadamente 40 anos. O retorno público da psicologia nos campos de futebol estaria vinculado a um segundo episódio, bem mais recente, intitulado pela mídia como o “*caso Ronaldinho*”, no qual se atribuiu o insucesso do jogador na Copa de 98 à ausência de um profissional da psicologia na Comissão Técnica que dirigia a Seleção Brasileira de Futebol (RUBIO, 1999).

Atualmente, são poucas as publicações e estudos desenvolvidos no Brasil, demonstrando uma psicologia desportiva ainda recente e em processo de evolução. Segundo o jornal do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (RUBIO, 1999), a especialização nesta área só ganhou importância no Brasil no início da década de 90, devido ao desenvolvimento do desporto no país. Dentro deste contexto, grande parte dos profissionais que têm produzido na área da psicologia desportiva é, na verdade, graduada em Educação Física, território no qual a disciplina vem sendo administrada há mais de 20 anos e que concentra a maior parte da produção bibliográfica da área.

Não é só no futebol que a psicologia desportiva brasileira vem ganhando terreno. Outras modalidades, individuais e coletivas, também são alvo deste novo campo, principalmente quando se atribui às conquistas o envolvimento psíquico do atleta como fator decisivo no resultado final da prática desportiva. Com aumento da competitividade e da igualdade desportiva devido ao desenvolvimento tecnológico e à instrumentação cada vez mais acessível aos profissionais que trabalham com o desporto de alto rendimento, a procura por algo que diferencie os atletas fica muito visada e a psicologia desportiva acaba ganhando mais força com seus novos aliados.

Um exemplo de que a psicologia desportiva brasileira está atuando em outras áreas pode se caracterizar pelo trabalho realizado pela psicóloga Regina Brandão na seleção masculina de voleibol, campeã nos Jogos Olímpicos de 1992 (BRANDÃO, 1996) e em algumas equipes de basquetebol que disputam os principais campeonatos da modalidade, bem como, trabalho com várias esferas: técnicas de mentalização, consciência corporal, relaxamento, visualização, dentre outras.

Por fim, é importante ressaltar que os trabalhos desenvolvidos nesta área (em sua maioria) estão enraizados em métodos provenientes da psicologia comportamental ou da neurolingüística. A idéia de introduzir a psicanálise como conceito que servirá de referência para a intervenção da psicologia desportiva é inovadora e pouco utilizada até o momento.

A Psicologia “no” Esporte Hodierna

Segundo Williams & Straub (1991), a Psicologia “NO” Esporte se caracteriza pela busca da identificação e compreensão de teorias e técnicas psicológicas que possam ser aplicadas ao esporte, visando maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta. Entre outras coisas, ajuda técnicos e atletas a melhorar o desempenho, através do controle da concentração, do desenvolvimento da autoconfiança, do autocontrole e da capacidade de comunicação do atleta. Ajuda ainda a estabelecer modos de enfrentar situações de estresse durante as rotinas de treinamento e nos períodos pré, pós e durante a competição.

No entanto, a Psicologia “NO” Esporte não está concebida para prescrever aos atletas e técnicos receitas prontas. Cada modalidade esportiva e cada atleta são singulares, o que quer dizer que é necessário, por parte do psicólogo inserido no âmbito esportivo, o conhecimento da modalidade esportiva em que estará trabalhando e as particularidades que possui, bem como, o conhecimento de seu atleta ou equipe, suas dificuldades, facilidades e pontos de conflito.

Kozac (2001) aponta que dar aos atletas respaldo psicológico é tão importante quanto lhes dar uma alimentação balanceada, programada por nutricionistas. Afinal, o corpo físico e o mental são as duas faces de uma mesma unidade e merecem a igual atenção. Cuidar do corpo significa também percebê-lo como um todo unificado, do qual fazem parte as emoções e as estruturas mentais.

A realidade é que muitas equipes esportivas não sabem que atitude tomar frente a um determinado atleta que, eventualmente, demonstre dificuldades de atuação sem perceber que disso pode advir um comprometimento da performance – que poderia ser evitado se o indivíduo em questão tivesse uma assistência em nível psíquico.

Cada atleta, assim como cada ser humano, independente da sua profissão, é um ser humano único, universo particular sujeito a oscilações, dúvidas e conflitos que determinam seu comportamento. Mas, o atleta de alto-rendimento, especificamente, enfrenta problemas básicos diante dos quais nem sempre sabe se posicionar: a) o abandono da adolescência, período de experiências definitivas, em prol da carreira; b) o distanciamento do mundo devido à dedicação exigida pela grande carga de treinamentos; c) a necessidade de abrir mão de uma vida familiar tradicional; d) as dificuldades decorrentes de mudanças de país – exigindo adaptação a novos idiomas, clima e hábitos estrangeiros; e) o desejo de sucesso e as dificuldades para atingir e conviver com a fama; f) a curta duração da carreira.

O Método Psicanalítico no Âmbito Esportivo

Considerando as diversas possibilidades de contribuição dos ramos da psicologia, é notória a esmagadora presença de trabalhos produzidos na área, que se encontram de acordo com as linhas objetivas propostas pelo enfoque comportamentalista ou, também, da psicologia psicodinâmica.

FEIJÓ (1992) apresenta que:

[...] até o presente, a escola comportamentista tem sido aquela mais utilizada na psicologia aplicada ao esporte. Seus métodos principais tem sido o estímulo-resposta, o reflexo condicionado, os testes psicotécnicos. Do ponto de vista humano, o comportamentismo tem sido mecanicista com um pragmatismo mais preocupado com os resultados do atleta, do que com o bem estar total do atleta como pessoa (p.116).

RAMIREZ (1999), CILLO (in RUBIO, 2000), FIGUEIREDO (in RUBIO, 2000), entre outros autores, nos fazem chegar à conclusão de que, a linha comportamental encara seus trabalhos no âmbito esportivo através de um esquema de adequação do comportamento pela premiação ou punição, de modo que, a mudança do comportamento, acontecerá através de estímulos e respostas, erros e acertos, incentivando o comportamento adequado ou eliminando o inadequado, tudo isso, com o intuito de otimizar os atletas na busca da conquista desportiva. A Psicologia Comportamental é treinável e é neste ponto onde os técnicos, preparadores físicos e demais profissionais da área da ciência do treinamento desportivo encontram respaldo para a incluírem em seus trabalhos.

No esporte ainda podem ser encontradas as ciências que cercam a neurologia, como as teorias psiconeuroimunológica, psiconeuromuscular e também os trabalhos propostos pela neurolingüística. Todas elas têm em comum o fato de trabalharem questões de: como os pensamentos e as emoções se relacionam com o sistema nervoso central? e, como isso pode afetar as demais estruturas fisiológicas e biológicas do organismo?; baseando-se na repetição de pensamentos que produzem atitudes (cientificamente corretas) em prol de resultados positivos.

Outra aplicação no âmbito esportivo é o treinamento autógeno, muito difundido no esporte, elaborado por SCHULTZ (apud BECKER Jr. & SAMULSKI, 1998), que tem em seus pressupostos o trabalho com a concentração, o relaxamento e a auto-sugestão, objetivando levar o atleta a um estado hipnóide (RAMIREZ, 1999) e grande relaxamento muscular. A idéia central para este treinamento, foca-se na importância da recuperação e restabelecimento da potência física e psíquica do atleta, o qual encontra-se esgotado.

Bom, chegamos ao cerne de nossa discussão. A Psicanálise⁴ trata de outros aspectos que também podem integrar e complementar o trabalho no âmbito esportivo, principalmente quando se fala das categorias menores ou na preparação física de muitos anos. Esta, enquanto ciência, não é treinável, tampouco imediatista. Ramirez (1999) nos traz que:

[...] a psicanálise tem em seu conjunto de atividades a busca do prazer e a fuga do desprazer como resultado das representações associadas às lembranças de experiências agradáveis ou desagradáveis, positivas ou negativas que se incluem no inconsciente do sujeito e que podem estar presente nas mais diversas ações desportivas (p.18).

Isso nos abre um novo horizonte no âmbito esportivo, haja vista a psicanálise se encontrar na possibilidade de se privilegiar a repetição do inconsciente ao invés da repetição do movimento físico e mecânico. Isto porque enfatiza, principalmente, questões relativas ao desejo e ao prazer, como princípios que constituem o sujeito e suas influências na prática desportiva.

Ora, para a psicanálise, cada um possui uma história única e particular e, no percurso da construção desta são priorizadas algumas escolhas em troca de outras. O que acontece é que, quando se faz uma escolha algo é deixado de lado gerando um sofrimento pelo que foi abandonado. Escolher entre isto ou aquilo são situações que se repetem durante a existência do sujeito e que permanecerão, enquanto representações, no inconsciente.

Para LAPIERRE & AUCOUTURIER (1984, p.56): “[...] *durante toda a [...] vida repetimos, sob diferentes formas, os mesmos comportamentos, mesmos se eles se revelarem inadaptados nas circunstâncias do momento. As condutas do insucesso são uma ilustração evidente disso*”.

Ou seja: o inconsciente se repete e se traduz num modo de ser do sujeito, é a janela por onde ele vê o mundo. No desporto esta repetição também se manifesta. Um atleta vai lidar com as pressões da torcida da mesma forma como ele lida, por exemplo, com as pressões exercidas pelos seus pais ou pela escola, porém, o sujeito só pode se dar conta deste fato quando ele é falado, já que estas repetições sempre acontecem de forma involuntária.

A contribuição do método psicanalítico é clara, quando o indivíduo passa a ser social. Inserido em uma determinada sociedade, em que raras vezes é dada ao homem a oportunidade de não se relacionar com seus semelhantes.

⁴ Ciência estruturada inicialmente por Freud.

Na vida do sujeito aparece sempre o “*Outro*” como modelos objetivo, auxiliar ou adversário e, desse modo, a psicologia individual é ao mesmo tempo e desde o início, psicologia social, em um sentido amplo é justificado o método psicanalítico na abordagem do atleta ou de equipe esportiva, tendo em vista o indivíduo compondo a perspectiva global do Eu e do Tu das relações (ANGELO, 2000)

Nada ocorre ao acaso, muito menos os processos mentais. Se nada ocorre ao acaso e se cada pensamento tem sua razão, podemos entender que, em muitos momentos, quando parece não existir nenhuma explicação para aquele comportamento, a causa se encontra exatamente em algum processo mental inconsciente, que, por algum motivo, não pode vir à tona à consciência. De modo que, o método psicanalítico integrado ao esporte existe na possibilidade da transformação de conteúdos inconscientes em conteúdos conscientes, como por exemplo, recuperar recordações reprimidas. E, deste modo, propiciar amadurecimentos conscientes, levando a certa autonomia, no que tange às determinações inconscientes

Entretanto, é interessante colocar a necessidade de uma postura mais ágil e rápida às questões psicanalíticas no âmbito esportivo através da Psicoterapia Breve. Isto nos parece ser um processo que pode oferecer uma resposta mais rápida aos atletas. Pois, como lembra SMALL (1971):

A demanda, na verdade, vem obrigando [a comunidade profissional a uma busca por] métodos que venham ao encontro deste desafio. A disponibilidade de pessoal especializado não foi e nem provavelmente não poderá ser, aumentada na medida necessária; a alternativa que resta é a de procurar uma redução eficaz do processo terapêutico (p.11).

O esporte exige resultados a curto prazo, desta forma, o trabalho de “longa duração” representa um complicador às expectativas e demandas esportivas. O esporte, em especial o esporte competitivo, é sinônimo de situações de rápidas e imediatas, de objetivos competitivos a alcançar prontamente, de desafios, de rivalidades, de expectativas, e de uma série de outras características que exigem da atuação psicanalítica maior agilidade em suas atuações.

Considerações Éticas para a Psicologia “NO” Esporte

Rubio (1999), em seu artigo sobre a abrangência da Psicologia “NO” Esporte, intitulado “*A Psicologia do esporte: histórico, áreas de atuação e pesquisa*”, aponta ser comum a associação da Psicologia “NO” Esporte a um tipo de prática esportiva que tem a vitória como objetivo e a televisão como veículo de divulgação de resultados. O que denotaria ao profissional desta área a obrigação de fazer com que o atleta renda o máximo. Assim como aponta a autora, tomemos um pouco de cuidado, haja vista dois pontos equivocados virem à tona.

Quanto ao primeiro, se nos referendarmos no conceito de esporte, ao menos no que tange aquele associado à Psicologia e o que oficialmente dita a legislação esportiva no Brasil, veremos que o esporte é bem mais do que o preconizado como de alto-rendimento. Já no que concerne ao segundo, o profissional de psicologia inserido no âmbito esportivo não busca, pelo menos não deveria buscar, tão somente o resultado obtido pelo atleta ou equipe esportiva. O compromisso, como profissional da psicologia no esporte não é diferente daquele estabelecido com as demais áreas da psicologia.

Se estamos pensando em um novo campo de atuação sobre o fenômeno esportivo na atualidade, precisamos refletir para além de marcas, recordes e rendimento, antes de tudo, reconhecer o esporte como um conjunto complexo de elementos que envolvem o atleta e o técnico (protagonistas do espetáculo); o espectador e a torcida (razão da realização do espetáculo); e os patrocinadores e as empresas

envolvidos com a manutenção de equipes e atletas, responsáveis diretos pela transformação do esporte em um dos principais negócios do planeta e pela superação do amadorismo, um dos elementos fundantes do Olimpismo moderno.

A Psicologia “NO” Esporte, conforme vimos anteriormente, tem se apresentado, nas quatro últimas décadas, relacionando-se diretamente ao rendimento de atletas e equipes esportivas. Considerada ora uma especialidade da Psicologia em vários países das Américas e da Europa, ora uma subárea das Ciências do Esporte, acaba sendo definida, grosso modo, como o estudo do comportamento humano no contexto do esporte ou como os fundamentos psicológicos, processos e conseqüências da regulação psicológica de atividades relacionadas com o esporte de uma ou várias pessoas atuando como sujeito da atividade. O foco se presta no comportamento humano ou em suas diferentes dimensões psicológicas como a afetividade, a cognição, a motivação ou o senso de percepção e motricidade, sob a ótica das variadas correntes teóricas e paradigmas da Psicologia.

Entretanto, diante da importância que o esporte e a atividade física vêm adquirindo enquanto fenômeno social na atualidade, essa concepção de Psicologia NO Esporte tem sido ampliada, expandindo-se como campo de intervenção e área de conhecimento. Dessa forma, as atividades de tempo livre, o esporte praticado sem fins competitivos e em projetos sociais, bem como, a reabilitação tanto de atletas como de não-atletas, têm sido agrupadas ao universo do profissional de psicologia NO esporte, expandindo o conceito de esporte para além do alto rendimento.

Uma consequência nefasta e quase inevitável desse fato é a disseminação de aventureiros que se auto-intitulam “*psicólogos do esporte*” e que passam a atuar com uma metodologia próxima “*à tentativa e erro*”. Segundo Rubio (1999), ao se utilizar técnicas ingênuas de auto-ajuda⁵, tem-se contribuído para uma visão distorcida da Psicologia “NO” Esporte. A autora aponta como “*Terra de Ninguém*”, o panorama hodierno da Psicologia “NO” âmbito esportivo, levando-nos à necessidade de se realizar novas tentativas de delimitação do campo de atuação.

O caminho é longo e ainda deverá ser trilhado, para que se possa garantir um espaço de atuação psicológica nas práticas esportivas, nas mais diversas modalidades esportivas, que muito carecem de um trabalho psicológico com seus atletas e equipes. Alguns obstáculos se mantêm intransponíveis, sendo que o principal deles é a mentalidade primitiva e posturas conservadoras de dirigentes, técnicos e muitos atletas, os quais devem ser desafiadas e combatidas. Só assim os atletas poderão receber a totalidade dos benefícios que lhes são devidos.

⁵ Técnicas que pouco, ou nada, têm a ver com o rigor metodológico esperado dos profissionais que pretendem atuar nesse campo.

Capítulo 2

A relação Técnico-Atleta – notas sob a perspectiva psicanalítica.

Nosso intuito agora, segue às questões de entendimento sobre a dinâmica da transferência (FREUD, 1998d[1912]) seu papel e sua influência na relação Técnico-Atleta. A ótica do termo fundido por Freud aponta algo novo neste fenômeno, agraves do choque de duas forças, até então esquecidas: o inconsciente – desejos, medos, traumas psíquicos – do atleta e os conteúdos do técnico, trazendo também as *nuances* da possibilidade de entendimento das maneiras que atuam e interagem estes dois protagonistas. Sendo assim, ao final de nossa discussão temos em mente abrir caminho com esta questão de maneira a ampliar o que motiva e movimenta o atleta em seu dia-a-dia de treinamento, bem como, na vida. É uma limitação e uma especificação de uma proposta de trabalho, que partindo da inclusão de uma categoria de estudo, acopla, ao alívio na interação Técnico-Atleta, a revelação de uma verdade singular sobre o que permeia o inconsciente e o desejo que o anima.

Olhares a mais e suas implicações motivacionais

Nossas posturas, nossos gestos, o modo como caminhamos, como sentamos, como nos levantamos, como gesticulamos em uma conversa entre amigos, ou no trabalho, não são atos autômatos, mas sim, movimentos que, analisados em seu espaço e tempo de maneira contextualizada, escancaram um mundo de significados. Assim como Pichon-Rivière & Quiroga (1998) apontam, é interessante entender o movimento como um sinal que traz em seu bojo revelações da alternante relação de harmonia e discórdia entre o homem e o mundo, que acaba por se resolver através de suas condutas frente a este.

Desta feita, é no corpo - protagonista do movimento e inserido num âmbito social, no qual age como sistema de expressão e de linguagem - que, (re)descobrimos o lugar do sujeito, definindo-o como aquilo que lhe é mais próprio, menos alheio e menos antagonico. Esta característica é o resultado de uma análise do vínculo entre o corpo e o eu.

Entretanto, surge a suspeita de que alguma mudança decisiva pode acontecer nesse corpo tão seu, a partir do momento em que possa se distanciar dele e *presenciá-lo*, como uma coisa entre outras. Isto ocorre quando é submetido a uma observação total ou parcial. Aparece, então, um sentimento de estranheza que converte o corpo que é num objeto que *tem*, que está a nossa disposição.

Muito ainda se pensa sobre a idéia de um corpo existente em uma tripla dimensão, onde se inclui a presença do próximo (o Outro), seu olhar, fator este que o constitui. Assim, é através do Outro, de seu olhar, que o corpo vem a se constituir.

O mundo moderno é um mundo de conflito, é também o mundo de um conflito que foi *interiorizado*, que virou um conflito *interior*. Este é o mundo que dá à luz os sofrimentos, no que tange à relação do sujeito com o Outro. Para Bauman (1999[1925])

o:

[...] direito do Outro à sua estranheza é a única maneira pela qual meu próprio direito pode expressar-se, estabelecer-se e defender-se. É pelo direito do Outro que meu direito se coloca. Ser responsável pelo Outro e ser responsável por si mesmo vêm a ser a mesma coisa. Escolher as duas coisas e escolhê-las como uma, uma só atitude indivisível, não como duas instâncias correlatas, mas separadas (p.249).

A primeira dimensão traz ao sujeito a *ótica* que integra as qualidades do corpo, suas medidas, sua eficiência, sua capacidade e sua vulnerabilidade. Estas só aparecem quando o corpo como tal fica silenciado, esquecido, embevecido numa tarefa que pode ser tanto execução de uma obra, como a contemplação desta. Assim, a eficiência do movimento se evidencia quando, de alguma maneira, *se perde* na tarefa, e não por meio do estudo de sua forma.

Com o Outro – sob seu olhar – surge ao sujeito uma segunda dimensão do corpo, que vem a revelar, um organismo em funcionamento regido por uma central. Esse olhar que o sujeito não percebe, tem a capacidade – como se estivesse a dissecá-lo – de convertê-lo em uma coisa. A terceira dimensão corpórea acontece no momento em

que o indivíduo se apercebe observado (olhado). Emergindo uma valorização que concederá a seu corpo uma vinculação direcionada ao olhar do outro, e, na outra ponta da corda, concederá uma gama variada de percepções acerca de seu corpo conforme como e de onde é olhado (observado). A esta dimensão ainda pode-se acompanhar uma valorização afetiva primária, ou seja, existem culturalmente partes do corpo com conotações estéticas e sexuais determinadas, pré-fixadas (LACAN, 1985). Sendo assim:

Tudo isso tem de ser levado em conta quando se tenta motivá-lo, isto é, estimular certos apetites mais ou menos reprimidos ou inconscientes, transformando-o assim de um consumidor potencial num consumidor orientado. O homem não é simplesmente uma máquina que reage ante os estímulos físicos, não permanece inerte à espera de que forças externas o sacudam. O uso das palavras tais como desejo, impulso ou vontade denuncia o movimento próprio do organismo (PICHON-RIVIÈRE & QUIROGA, 1998, p.26).

Do ponto de vista da sociedade, outro problema se coloca: como se pode produzir um indivíduo que necessite ou deseje o que a comunidade aprova, exige ou premia? Como se pode treinar o impulso para que se encaixe nas demandas de um papel social? Quando os impulsos da estrutura psíquica de um indivíduo se dirigem a objetivos socialmente aprovados, eles a apóiam e a garantem em suas funções, porque se verifica um ajuste entre as expectativas atribuídas e as assumidas.

O impulso orgânico e as situações estão de tal modo vinculados que o impulso busca a situação como saída, e a situação proporciona as chaves e estabelece o tipo de conduta que dará satisfação ao impulso. No homem é possível investigar tanto sobre o corpo em si como sobre o corpo vivido. A tarefa científica consiste em

compreender esse conjunto de estruturas objetivas e procurar indagar como pode constituir o fundamento sobre o qual se estabelece a motivação do comportamento.

As atitudes corporais, a capacidade de expressão por meio do corpo ou linguagem pré-verbal, como uma dança, uma conversa em linguagem *surdo-mudo* e a mímica, que podem ser criativas se não estiverem submetidas a normas fixas, representam uma fonte de prazer. Por meio disto um sujeito pode realizar uma verdadeira reorganização corporal, embora sempre limitada, não representando uma liberdade absoluta, mas sim, um poder fazer motivado. Só se *é livre por intermédio* das motivações.

O corpo cumpre, assim, em última instância, uma função defensiva - do ponto de vista psicanalítico - quando se desloca sobre ele a fonte de angústia e de ansiedade, para poder assim controlar os objetos persecutórios.

Quando a realidade se torna indigesta

“Digerimos alimentos com o aparelho digestivo e a realidade com o aparelho psíquico. As circunstâncias conflitivas da vida necessitam ser digeridas porque, quando não o fazemos travamos o aparelho psíquico. [...] Comer demais se aplica ao fato de constantemente precisarmos mastigar e metabolizar o mundo que nos rodeia. Quando o problema é conhecido, consciente, [o sofrimento] é justificável” (GOLDIN, 1989, p.34).

O autor aponta que, diante a um sofrimento, há, então, a necessidade de se possuir recursos para enfrentá-los e resolvê-los. Alguém só é considerado *são*, quando consegue enfrentar *bem* suas dificuldades, de maneira à atravessá-las sem grandes tensões internas. Parece que a solução mais plausível seria admitir os próprios problemas e dispor de uma estratégia que objetive superá-los. Digerir as dificuldades da vida, neste sentido, é se permitir desfrutá-la; não digeri-las é torna a vida intragável.

A partir disso, é no conceito de *Elaboração Psíquica*, que se encontra uma das formas de o aparelho psíquico *digerir* as agruras da vida. Na visão psicanalítica, ele consiste num mecanismo que processa a aceitação, em dar entrada às circunstâncias felizes ou dolorosas de nossa vida. Todas as alterações que enfrentamos precisam ser elaboradas, sejam elas boas ou más, agradáveis ou desagradáveis (GOLDIN, 1989). Nesta ordem, elaborar é a ordenação dos dados, reconsiderando em que medida essa circunstância produzirá alterações para as quais deveremos estar preparados. A elaboração psíquica, verdadeira digestão da realidade, é em parte consciente – e ocupa

horas do dia; e em parte inconsciente - e opera fundamentalmente durante o repouso (FREUD, 1998g[1914]).

O aparelho psíquico tem como uma de suas tarefas primordiais, ao realizar a *elaboração*, efetuar o registro de um conhecimento, colocando-o em seu lugar devido na consciência e na memória. Semelhante ao exemplo do banco de dados de um computador (GOLDIN, 1989), que ao receber um arquivo, precisa colocá-lo em sua ordem *analógica*, haja vista, não o registrando em seu correspondente local, seria o mesmo que não o tivesse recebido. Não se trata apenas de possuí-lo, mas de conseguir, quando necessário, localizá-lo e, desta forma, estar disponível pra consulta. No aparelho psíquico, a ordenação e a lotação do arquivo, equivalem aos pensamentos conscientes: os conhecimentos ali presentes são - o mais proveitosamente - localizáveis e disponibilizados. O inconsciente, por seu turno, se caracterizaria como os conhecimentos ou arquivos que se encontram fora de ordem e que, mesmo existindo, para todos os efeitos, são inúteis para os usuários do computador.

A função da repressão

Configurar um computador supõe separar o que está ordenado do que está desordenado na *placa-mãe*. No aparelho psíquico quem exerce esta função é o *mecanismo da repressão*. Este não permite que os pensamentos inconscientes ingressem na consciência e a perturbem, já que, por suas características especiais, desordenam a totalidade do sistema. A repressão atua constantemente no ser humano. Seu bom

funcionamento é necessário para a saúde mental, já que, quando é excessiva ou deficiente, produz efeitos patológicos no indivíduo. Birman (2000, p.66) lembra bem que “[...] *se a pulsão fosse descarregada inteiramente e expulsa do organismo, a vida seria impossível*”.⁶

Laplanche (1998) aponta que consciente e inconsciente devem permanecer separados, ainda que ligados entre si, de maneira que, a repressão consiste na tendência de fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno. Relacionando com a prática esportiva, uma vez posta a repressão, poderia ser bem vista, já que, evita que conteúdos inconscientes afetem essa prática. Isso tudo, para podermos estar bem despertos durante a realização de uma prática esportiva.

Repressão: em primeira e em segunda instância

Se o programa central deste computador recebe um novo arquivo cujo conteúdo considere inconveniente, pode optar por **não armazená-lo na memória** e deixá-lo separado em sua *lixeira*. Neste caso, dir-se-á que esse arquivo foi reprimido: **reprimido em primeira instância, já que nunca foi registrado, apesar de ter ingressado e, portanto, existir no sistema do computador.**

Nos seres humanos, as experiências que foram reprimidas em primeira instância se configuram naquelas que acontecem a crianças muito pequenas, que ainda não dispõem de memória ou registro para inscrever o dado. Goldin (1989) aponta que

⁶ Laplanche (1998, p.394) define pulsão como um “[...] *processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. [Tendo sua gênese] numa*

circunstâncias traumáticas na infância, tais como violências, acidentes, perde de pessoas queridas, apesar de terem sido reais, são desconhecidas por seu protagonista, porque ficaram fora do arquivo da consciência. Se alguém – em sua tenra infância, a mais imemorável possível – passou por uma experiência muito difícil, *recheada* de muito sofrimento, é óbvio que não poderá trazê-la à memória, mas é possível que em determinadas situações seja tomado por uma sensação ruim (angústia, culpa, tristeza...) como uma lembrança vaga desta experiência. Experiência esta, reprimida em primeira instância, seria similar ao arquivo que existe, mas não tem registro. Recordações como estas podem retornar, muitas vezes, através de sonhos, de situações estressantes, e que exijam um grande investimento de atenção, ou simplesmente, um dia, aparecem no decorrer do tratamento psicanalítico.

Por outro lado, chamamos de **repressão em segunda instância** aquela produzida no ato de expulsão de um determinado conhecimento **já existente** na consciência. É o caso de alguém que, por não concordar com as informações expressas num determinado arquivo, retira-o de seu diretório, originalmente armazenado, e o salva em outro diretório, a fim de escondê-lo. Está registrado no catálogo, mas se ignora seu paradeiro, podendo estar em qualquer lugar. Em todos os sintomas neuróticos encontramos a repressão em segunda instância, que é produto do **desaparecimento de uma idéia e sua eventual substituição por outra**.

excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina [em sua] fonte [...]; é no objetivo ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta”.

Este sistema opera em má participação no jogo – por exemplo, numa corrida de atletismo (100 metros rasos, revezamento 4 por 4) o velocista, ao passar o bastão, não consegue acertar o movimento, ou na cobrança de um lateral, o jogador de futebol, arremessa para o adversário, ao invés de fazê-lo ao companheiro de equipe – onde o protagonista não consegue realizar o que *pretendia*, sentindo-se ameaçado por uma idéia reprimida, ignorada, que poderia emergir no momento de efetivar o objetivo pretendido. Toda situação, sabotada por este *boicote inconsciente*, é efeito de uma repressão inadequada, seja ela primária ou secundária, produzindo uma infinidade de mal-entendidos e medos equivocados. Obviamente, um procedimento mais saudável, que sofre as agruras de *errar*, seria incorporar o elemento novo, inscrevê-lo e, na medida do possível, suportar suas conseqüências.

Viver é uma tarefa da qual não se pode fugir. Até se pode, contudo, a fim de seu escape, existe a exigência de se saber o que hoje foi postergado, com certeza, retornará outrora, apesar de nossa oposição. A prática esportiva, desde o início dos trabalhos de treinamento até a competição esportiva, propriamente dita – a vida, como um todo – onde os momentos de decisão urgem à frente, dá trabalho, produzindo, em todo o momento, uma fadiga enorme, isto porque, a todo o momento tentamos reprimir, esconder, nossos sentimentos, emoções, *et cetera*. A dinâmica da repressão funciona da seguinte maneira: o que é reprimido retornará, em algum momento da vida, ao inconsciente, de forma mascarada, incômoda, irritante – como o errar (*o não acertar*) um determinado passe, um determinada jogada ensaiada. Para o pensamento freudiano,

esse *errar* se mostra como uma defesa do sistema psíquico e **uma exigência de trabalho psíquico**, uma obrigação de ordenar, catalogar, inscrever as circunstâncias contraditórias ou penosas de nossa vida. A máxima é verdadeira: é trabalhando que se conquista. É trabalhando psiquicamente que se vence.

O porquê de uma conduta

Por trás de cada conduta humana se oculta uma chave, um *porquê* que constitui o campo específico de toda pesquisa psicológica. *Porque* algumas pessoas escolhem uma determinada ação e rejeitam outras? Ou seja, deparamos com a *direção* de uma determinada ação. Imediatamente, vem outra indagação: *por que* o indivíduo *insiste* nesta ação durante um tempo mais ou menos extenso, mesmo quando para isso tenha de enfrentar todo tipo de dificuldades. A atitude que a pessoa toma em face da determinação da conduta (fator de decisão) e o controle e alcance das ações e dos pensamentos, ambos são influenciados por motivações subjacentes.

Para Pichon-Rivière (1975[1970]), a gênese desta inter-relação, se presta, de um lado da mesa, pelos motivos inconscientes que formam um sistema unificado e organizado e, no seu oposto, aos fatores externo-ambientais. As ações humanas, para os autores, se guiam pelo fio condutor do conhecimento, ou seja, por meio do que ele pensa, crê e vê.

Indagar sobre *por quê* os atletas assumem um determinado comportamento e não outro é penetrar no contexto das *motivações* – forças que empurram para a ação, tal como as compreendidas no conceito do desejar ou temer.

Não se pode restringir as necessidades motivantes de atletas, tão somente, às exigências básicas de sobrevivência. Em todas as ações se pode observar esta prerrogativa: em atividades no trabalho, nas condutas sexuais, enfim, em todos os impulsos aprendidos relacionados com fins econômico-sociais, não sendo diferente num fenômeno como o esporte. São nos *motivos* (desejos e medos), que a atividade persistente do ser humano, é planejada mediante processos de aprendizagem e da comunicação – que dirigem o comportamento à satisfação dessas necessidades.

Impulsos e objetivos mudam continuamente ao longo do desenvolvimento do indivíduo, organizando-se progressivamente em torno do indivíduo. Este indivíduo, utilizando sistemas de referências que fazem com que a conduta seja cada vez mais adequada por meio de um processo de aprendizagem, se situa e se instrumenta. O nível de aspiração, bem como, o índice de realização e rendimento dependem, em última instância, de fatores sociais e situacionais, resolvidos pelo indivíduo por intermédio do aceite e sistematização da realidade que o confronta.

(Des)Motivos para uma NÃO TÃO BOA performance esportiva

O erro que acomete qualquer atleta (seja de iniciação esportiva, amador ou mesmo o de alto-rendimento) no início da prática tem como causa habitual a ansiedade.

Quando se *erra*, e não se consegue mais acertar, todo passe sai errado, todo movimento se torna impossível de ser executado da maneira correta (esperada), a razão mais freqüente é o desânimo. A ansiedade tem relação com o medo e o desânimo com a culpa.

Erros por ansiedade – medo de fracassar

O medo, na perspectiva psicanalítica, se apresenta como situação central dos conflitos da vida cotidiana. Resultado de uma projeção no antagonista das próprias fantasias de destruição. Pichon-Rivière & Quiroga (1998) apontam a existência de duas ansiedades básicas, presentes em toda conduta humana: o medo de se perder, e o medo de ser agredido, surgem na situação de conflito com a percepção da hostilidade própria e alheia

Entretanto Goldin (1989) entende a existência de infinitos medos – sendo impossível sua enumeração – na sua variedade e subjetividade. Desta feita, aponta um deles, sendo este o mais recorrente no meio esportivo, e maior gerador de ansiedade: é o *medo do fracasso*.

O certo é que isto intranqüiliza qualquer atleta, o bastante para influenciar sua performance esportiva, fazendo-o *errar*, ou melhor, *não acertar*. O fracasso, em qualquer âmbito, coloca em perigo uma imagem que o indivíduo constrói de si mesmo e que não corresponde ao que é na realidade, pois é uma imagem idealizada. Por isso Freud (1998o[1939]; 1998i[1921]) a chama de **eu ideal**, imaginando tê-la dentro de um santuário, como um ídolo. Essa figura *idolatrada*, na verdade, é idêntica ao indivíduo, caso fosse da altura perfeita, bonito, inteligente, extremamente hábil, veloz, forte, inteligente, rico, atléticos, valentes, *et cetera*. Como, em geral, não é assim, há uma diferença entre o **modesto eu** que é e o **arrogante eu ideal** que se quer ser. Assim o indivíduo vive comparando-se com seu ideal e qualquer confronto o ameaça com a **verificação de que é muito diferente de seu ideal**.

Inversamente, quando tem êxito, se sente eufórico, porque, neste preciso momento, o **modesto eu** e o **genial eu ideal** são exatamente iguais. A felicidade consiste em ser igual ao ideal, enquanto que a tristeza é a verificação da diferença que existe entre ambos. Uma boa impressão de si mesmo, a auto-estima, é essencial para poder realizar uma performance com *bom* desempenho esportivo, algo semelhante a um saldo mínimo de uma conta bancária, ou seja, dever haver algum dinheiro em caixa para poder funcionar. Quando este acaba, se encerra a conta. A auto-estima é semelhante a este saldo, e como resultado da comparação entre o **eu real** com o **eu ideal**, aumenta com o êxito e diminui com o fracasso. O *erro* alerta ao atleta de que ele está sem fundos e o lembra que é apenas modesto: nem ídolos, nem ideais.

Erros por querer acertar e querer não- acertar.

É inevitável trazer os problemas da vida pessoal para a realização da prática esportiva, desta forma, justificando o *erro* na realização da prática esportiva, já que o motivo é conhecido. Mais complicado são os problemas que já estão no âmbito esportivo: estes, freqüentemente, ocorrem dentro da equipe esportiva (comissão técnica, companheiros de equipe, dirigentes, torcida) e também são desconhecidos. É simples compreender que se odeie um inimigo, porém, quando se odeia a mesma pessoa que é o objeto de admiração e afeto, tudo se torna confuso. A admiração e o afeto por definição vão encobrendo decepções inevitáveis na convivência. Isso se torna perceptível no rompimento de parcerias entre atletas, atletas e técnicos, entre equipes e técnicos, com muitos anos de trabalho em conjunto. É freqüente que a admiração e o afeto se transformem em um desafeto, em uma decepção tão intensa que surpreende a todos, inclusive aos próprios protagonistas. Antes da separação, este desafeto, esta decepção, estavam reprimidos, podendo manifestar-se em *erros*, contusões, atrasos aos treinos e às competições, ou ainda, tomando a forma de uma exagerada e compulsiva preocupação pelo bem-estar e pela saúde do companheiro de equipe, do técnico *et cetera*. Qualquer lance, qualquer dividida, qualquer destempere pensa-se em uma tragédia, um problema insolúvel, incurável. A hostilidade na perspectiva psicanalítica (FREUD, 1998)[1923]) se manifesta um **temor aterrador** de que ocorra algo irreparável à pessoa admirada, objeto de afeto. Esta certeza eminente se inspira na hostilidade inconsciente e não na admiração e no afeto, uma vez que produz preocupações e temores mais generosos e adequados à

realidade. O temor aterrador é produto de um mecanismo chamado **ambivalência**, que está constituído por dois sentimentos contraditórios: admiração/afeto e decepção/hostilidade/desafeto. Esta conjunção confunde e paralisa, sendo o *erro* uma das suas manifestações. O atleta pode, não obstante, recuperar a vontade de acertar se conseguir separar novamente os dois sentimentos, utilizando para tanto o conhecido recurso de dividi-los: admirar o técnico esportivo e hostilizar o adversário, por exemplo.

Obviamente o real destinatário desse sentimento é o próprio técnico esportivo, mas, ante a dificuldade de manter unidas as duas emoções contraditórias, uma delas encontra um novo alvo. Outra solução se possibilita no afeiçoar e hostilizar a mesma pessoa, só que em momentos diferentes. É o exemplo de um técnico admirado (objeto de afeto) em um momento primeiro e, ao distanciar-se, hostilizado (se tornando uma decepção). Isso é recorrente com ex-técnicos, ex-atletas, ex-dirigentes, *et cetera*. São técnicas de resolver a ambivalência, haja vista, quando de sua excessiva intensidade, fica difícil o *acerto*, *não se contundir*, a *assiduidade em treinos e competições*. Os sentimentos, estando confundidos, se bloqueiam mutuamente; o afeto não deixa se decepcionar e a hostilidade não permite a admiração. Esse é justamente o momento do *erro*.

Parece difícil admitir que o afeto não se arruíne pela decepção, ou, melhor ainda, que a hostilidade faz parte da admiração, como se vê nos grandes momentos de decisão. “Boicota-se o que se admirar”. Bem diria Freud (1998f[1914]; 1998g[1914]), referindo-se ao fato indiscutível de que sempre se boicota por afeição. O que se boicota, na verdade, é o *acerto*. Ao se ter sentimentos ambivalentes, se produz um plantão racional,

uma guarda permanente para evitar que, num momento *irracional* e fulminantemente inconsciente, possa se fazer ou dizer algo agressivo contra quem se admira. Voltaria à cena justamente a hostilidade que tanto esforço despendeu para se reprimir.

Erros por desânimo e culpa

Quando se diz que um atleta, uma equipe, mereceu a vitória, a conquista do campeonato, “*Eles jogaram, nossa equipe não conseguiu fazer um bom espetáculo, eles foram melhores, mereceram vencer*” – diria o lateral da equipe derrotada, ao se reportar à rádio – significa que os *derrotados* foram os *culpados* pela derrota, por que a consciência lhes pesa. Por consciência pesada perde-se, não se digna a vencer. E se realiza uma partida *satisfatória*, uma *boa* prova e, assim, se pagam as culpas, já que elas perseguem a todos, ameaçando ou matando. O motivo pelo qual o desanimado não pode realizar uma *boa* prova, uma *satisfatória* partida é, basicamente, porque se considera culpado por tudo, tanto pelos *erros* que cometeu, como pelos que *desejou* cometer. Paradoxalmente, sofrer lhe redime os *pecados*, pois, se desfrutasse da vitória lhe faria mal e a culpa o consumiria. Alivia-se ao sofrer o flagelo da derrota, ao ganhar (conquistar o primeiro lugar, uma boa colocação que seja), seu sofrimento se atenua. Busca o (des)prazer de realizar uma *boa*(satisfatória) prova (partida). Quando sua performance, bem como, seu desempenho esportivos se mostram melhores, vêm-se indícios de uma melhora quanto ao seu desânimo.

Contando até DEZ

A tendência a se contar até **dez**, ou qualquer expressão de se falar sozinho em um momento de tensão ou de decisão, ou qualquer outra prática similar que anteceda à realização da prática esportiva, vale tentar ordenar a relação com o inconsciente através de uma ritualização para a prática esportiva. Todo o atleta que se vale destes rituais, sejam eles de cunho religioso ou neurótico, objetiva ordenar a anarquia de expectativas (desejos e temores) inconscientes e transformá-las em outras idéias dirigíveis, neutralizando as ameaças provenientes do inconsciente. A oração proferida antes do início do clássico, o sinal da cruz que o jogador de futebol faz antes de entrar em campo, o beijar as traves realizado pelo goleiro, além de seu caráter estritamente religioso (supersticioso), pacifica a relação com o inconsciente. Quando as idéias reprimidas são muito intensas, estes métodos conseguem atingir sua intenção. O hábito de buscar a concentração através de movimentos de respiração, ou assistir a partidas e realizações frente a prova, buscam o favorecimento da dissociação com o intuito de se fazer esquecer momentaneamente a ameaça.

Igual ao caso da ansiedade onde o preconizado é o relaxamento (FREUD, 1998[1914]), em casos de desânimo, as atividades prescritas são aquelas que demandem relativa descarga de energia, como técnicas de ativação (BECKER Jr. & SAMULSKI, 1998; SAMULSKI, 2002; WEINBERG & GOLD, 2001), atividades que exijam algum esforço do corpo, aliviando desta maneira a mente e favorecendo a preocupação devida ao momento devido. A verdade é que, ameaçados ou ameaçadores, a prática esportiva se perturba; a paz é imprescindível para realização dos movimentos e raciocínios

necessários. Se o atleta consegue realizá-los, de forma tranqüila (e concentrada), possivelmente vai vencer.

Capacidade de deixar os problemas de lado

Existe um mecanismo cujo funcionamento correto é essencial para um *bom* desempenho esportivo. Consiste em esquecer as preocupações, fazendo-as desaparecer transitoriamente, postergando-as, pelo menos até o final da partida, da prova, da competição. Quando este dispositivo funciona bem, pode-se realizar os movimentos, os passes, uma performance esportiva almejada, ainda que os problemas continuem sem solução. Quando este mecanismo falha, qualquer insignificância nos perturba a concentração e esta sensibilidade excessiva é uma manifestação patológica. Chamamos de **dissociação** o mecanismo que nos permite o esquecimento momentâneo. É uma função que varia de uma pessoa para outra e quem tem bem desenvolvida esta capacidade, tem o privilégio de enfrentar um adversário a menos e, assim, realizar, de maneira positiva, qualquer jogo, prova, em qualquer lugar e momento, mesmo em situações de extrema tensão e estresse psíquicos, além de obter um aproveitamento melhor de seu tempo (GOLDIN, 1989). Imagine a cena! Estádio *La bombonera*, final da Taça Libertadores da América, Boca Juniors e o seu time. Aos 40 minutos do segundo tempo, seu time mantém a partida empatada em zero a zero (o empate dá a vitória e a conquista do campeonato a você e sua equipe). Uma verdadeira batalha! Como seria possível tal façanha? O natural seria o contrário, não resistir à esta pressão, pois seria

esperado que a capacidade de dissociação fosse mínima e a realização da partida por você e seus atletas se perturbasse com facilidade.

Dissociar remete à idéia de dividir: *Dividir para conquistar*. Qualquer situação difícil ou contraditória fica mais fácil de superar resolvendo-a e por partes. As conseqüências para quem não consegue dissociar é se transformar em um atleta ansioso, preocupado, e seu bem-estar dependerá de que o mundo funcione harmoniosamente, o que, como é sabido, raramente acontece. Uma boa dissociação não só se faz necessária para a realização de uma *boa* performance esportiva, como também, para o bom andamento do processo de preparação para a prática competitiva: o treinamento. Quando não ocorre a dissociação, acaba por afetar a vida na sua totalidade; perdendo a couraça protetora frente à realidade e, portanto, a capacidade de relativizar os problemas da vida.

Os indiferentes que podem jogar

Ao contrário, dissociar em excesso produz outro efeito, bastante singular, já que gera indivíduos que não se preocupam com nada. Dissociam tanto que surpreende a indiferença com que encaram os problemas, sejam simples ou graves. Superficialmente, poderia aparecer que dispõem de uma excelente fórmula para serem felizes, algo que todos desejariam: poder liberar-se das preocupações, deixando-as de lado. Porém, nem sempre é uma estratégia adequada; esta dissociação excessiva pode converter o indivíduo num ser alienado, indiferente, pouco sensível aos companheiros

de equipe e situações de seu meio social. Em um grau extremo, seria com o atleta que, consiga realizar os movimentos (executar a técnica) com ligeira facilidade e maestria, mas que, na verdade, não conseguisse se preocupar do “porquê”, do razão para tal execução na referida prática esportiva.

Os problemas de saber e esquecer

À medida que o atleta vai se tornando mais maduro, vai assumindo, para si, as responsabilidades por certas decisões dentro e fora do âmbito esporte. Ao invés de ter alguém que adivinha que precisa disso, ou daquilo, aprendem a falar e, começa a solicitar o que precisa, e o que acha, no momento que considera oportuno. Por isso, técnicos esportivos de atletas em iniciação esportiva, recorrentemente, perguntam: “*se está em dúvida em qual jogada realizar, ou qual a melhor estratégia a se adotar, porque você não pede ajuda? Você quer que eu adivinhe o que você está pensando?*”. Efetivamente, o atleta, nesta etapa, quer que o técnico adivinhe, é aqui a incidência de problemas de comunicação entre técnicos esportivos e atletas (como os enfocados por SOBRINHO *et alli*, 1997; MACHADO, 1994; LIMA, 2000) e, em geral, entre todas as pessoas, já que estas sempre demandam algo que o Outro⁷ adivinhe o que deseja (FREUD, 1998k[1924]).

Simultaneamente, com o desenvolvimento do corpo e das habilidades e conhecimentos de como usá-lo e movê-lo, os atletas aprendem a decidir, já que a decisão só funciona a partir deste amadurecimento. Goldin (1989) aponta que, ao se construir a

⁷ Pela inexistência preestabelecida de quem será o objeto de expectativas – desejos e temores –, o circuito não se constituir imediatamente, sendo esta a razão, de o Outro ser fundamental para o estabelecimento dos destinos das expectativas dos indivíduos (BIRMAN, 2000).

própria realidade (dar sentido a ela), perceber-se-á uma saída para a “*condição de impossibilidade*”; e por saber o que se decidir é que se adquire a noção de liberdade de decisões e possibilidades frente a esta realidade: de que se interfere e é interferido por ela.

Entretanto, é a partir do momento em que vida não é só prazer e começam as situações angustiantes (marca registrada da repressão). Os parâmetros para se decidir agora, se configuram diferentes. Onde só existia uma fonte inesgotável de prazer (que adivinhava o que se era desejado), há, em seu lugar, a existência de repressões, que represam essa fonte, produzindo medos, fobias, vergonhas, inibições (FREUD, 1998[1926]). A busca pelo alcance das expectativas será permeada agora, por angústias e desânimos; o inconsciente é o reservatório construído no interior do indivíduo e, quando seu volume aumenta excessivamente, transbordará angústia e desânimo na vida e na prática do esportista. Razão qual esta busca, será sempre busca por expectativas; apenas – como as expectativas barradas pela o mecanismo da repressão – sua qualidade perde o caráter prazeroso para ser angustiante/desanimador.

O conteúdo desta busca pode ser indiferente, vale dizer, nem prazeroso nem angustiante/desanimador, tudo dependerá da participação maior ou menor das expectativas reprimidas, aquelas mesmas que tanta satisfação davam antigamente.

Caça aos demônios

Mas as coisas não são tão incontroláveis assim; existem, ao menos, algumas pistas que auxiliam o descobrimento dos fantasmas e passá-los para consciência, pelo menos em situações favoráveis. Um dos mecanismos de que o aparelho psíquico utiliza com este fim é a **condensação**; seu funcionamento é o seguinte: partindo-se de uma imagem, uma palavra, uma situação – enfim, um símbolo, relativamente simples – invoca-se um conteúdo, um significado mais complexo, remetendo-se, conseqüentemente, a um processo psíquico MAL ELABORADO (FREUD, 1998c[1905], 1998h[1917]; GOLDIN, 1989). Por exemplo, um atleta (batedor oficial, nunca erra) vai cobrar um pênalti e algum companheiro de equipe lhe diz: “*Enfia esse!*”; na seqüência o atleta erra a cobrança. Conversando mais afundo com este *batedor*, vê-se que *enfiar*, para ele, remete a sentimentos muito angustiantes, e revivê-los, seria a última coisa que ele queria. É de se apostar que, essa palavra não o remete aos sentimentos que o companheiro de equipe lhe havia desejado, e sim, a sentimentos mais sofrentes (dolorosos), daí o *erro*.

Outro, mecanismo usado é o **deslocamento**, que preconiza a utilização de um novo elemento – neste caso, *o errar a cobrança da penalidade*, evitar a situação de *se inserir*, de *enfiar*, de *entrar*, contra a vontade do outro, *o goleiro* – para vivenciar/contar a própria história, deslocando, desse modo, o centro do relato para outro lugar/situação, aparentemente externo, diferente e longe de seu protagonista. O objetivo é distrair a atenção para uma causa aparente enquanto o verdadeiro motivo passa despercebido

(FREUD, 1998b[1899], 1998h[1917]; GOLDIN, 1989). Por isso, quando situações, como a anteriormente exemplificada, fogem ao entendimento de qual sua relação com o protagonista é porque estes mecanismos funcionam muito bem e deixa-se passar como vazios o significado que estas situações-chave têm; se as pessoas pudessem contar com esta informação, seguramente saberiam muito mais sobre suas performances e desempenhos esportivos, com certeza, mais sobre suas vidas.

O corpo psicanalítico

Para se entender como se dá a compreensão de corpo em psicanálise, é necessário distinguirmos o que se preza por *corpo* e *organismo*. Considerar estes conceitos a mesma coisa seria uma superposição, ligeiramente ingênua, acabando por provocar mal-entendidos e confusões, pois tal superposição levou à psicanálise a trilhar um caminho biologizante.

Ao instituir uma demarcação estrita de territórios epistemológicos, a intervenção da psicanálise sobre o *corpo-organismo* foi excluída. O corpo-organismo foi colonizado, em primeira instância pela medicina e o psiquismo desencarnado foi entregue à psicanálise. Dessa maneira, o sujeito foi repartido entre os saberes e as práticas clínicas, para prejuízo, não apenas da psicanálise, mas, principalmente, das subjetividades sofrentes.

Vemos, então, que soa o registro do *organismo* e o registro do *corpo*, dois registros diferentes. “O **organismo** é de ordem estritamente biológica. [Em contrapartida], o **corpo** é de ordem sexual e pulsional. Ele remete à idéia de **carne**, a que se liga uma longa tradição mítica e religiosa” (BIRMAN, 2000, p.58). Logo a leitura instituída por Freud, se pauta por indagar sobre a dimensão carnal, que dá sentido à experiência corpórea do sujeito, ou seja, analisa os registros no que tange ao desejo e as pulsões do corpo, irredutíveis ao que se prenderia ao conceito de organismo.

A leitura freudiana inova ao conceber novas relações entre o organismo e o psiquismo pela mediação da problemática do corpo (BIRMAN, 2000), onde o **corpo**, atravessado por forças pulsionais que lhe são irreduzíveis, restringindo ao organismo sua submissão às regras da racionalidade biológica. O **organismo** é mergulhado em grandes ritmos da natureza – onde são realizados os mecanismos automáticos de autorregulação; já o **corpo** é constituído na ruptura com a natureza, é fundado, simultaneamente, sobre ela e sobre o Outro, outorgando-nos a afirmação da existência de um *corpo-sujeito*.

Freud afirma que a psicanálise não pode excluir uma referência biológica, e assim destaca, em um de seus artigos inaugurais sobre histeria, que o corpo dos histéricos seria fundado nas representações populares, em ruptura com o corpo cientificista dos anatomistas. Isso o leva a definir uma outra concepção do corpo, um *corpo libidinal*, que seria, ao mesmo tempo, um *corpo representado e imaginado*. A fonte da pulsão pode ser biológica, mas a pulsão, enquanto tal, não o é, absolutamente. Assim, conceber a idéia de um corpo tecido no encontro das pulsionais – constituído pelo campo das pulsões – é entendê-lo manifestado, enfim, pelas excitações, desejos, no que tange à busca pelo prazer e à evitação do desprazer.

Birman (2000) aponta para um sujeito antes de tudo *corporal*, isto é, que ele é, não somente um ser de superfície, mas ele próprio a projeção de uma superfície. Isto significa dizer que, a construção do sujeito (*corporal*) remete à transformação das forças dos desejos, excitações; a partir do Outro. Pode-se falar, então, do corpo como um

território ocupado do organismo, isto é, como um conjunto de marcas impressas *sobre e no* organismo pela inflexão promovida pelo Outro. É neste sentido, nos parece, que o sujeito é concebido como ser corporal e como projeção de uma superfície, uma vez que a força pulsional e o Outro estariam, pois, na origem, indicando, então, o registro do originário em Psicanálise. Em função disso, é preciso concluir que o corpo é antes de tudo destino, ao contrário do que se poderia ingenuamente pensar. Logo:

Esses diferentes registros do corpo são provenientes de diferentes níveis de organização da subjetividade. O enredamento entre o corpo e o sujeito é de tal ordem que se constituem diversos corpos-sujeitos em diferentes níveis de organização e de ser, impossíveis de serem pensados na hipótese de um sujeito desencarnado. [...] a força pulsional é constante (*konstant Kraft*), traço fundamental que a distingue do instinto, essa sucessão é então a resultante da exigência de domínio da força. O corpo deverá se remanejar sem cessar, inevitavelmente, para dominar o impacto traumático da força pulsional (BIRMAN, 2000, p.65). (grifo do autor)

Agregando o referencial psicanalítico, podemos conceber, junto ao âmbito desportivo, o corpo caracterizado como um acúmulo de experiências motoras provenientes de estímulos internos e externos, cujas manifestações físicas são as somáticas da busca pelo prazer ou a evitação do desprazer, provenientes de diversos momentos da vida do atleta, aparecendo constituídas das inúmeras técnicas de controle corporal. Em um determinado momento desportivo estas manifestações podem se expandir em representações simbólicas e modificar as relações entre o atleta e o desporto, principalmente quando se trata do sucesso ou fracasso das ações desportivas. Isto significa que, para se entender como as questões psicanalíticas interferem na prática desportiva é necessário caracterizar o crescimento do corpo físico e a constituição psíquica do atleta. Em nosso escopo psicanalítico o sujeito “[...] se *constitui* e se *institui*,

não se desenvolve, se estrutura; em troca, o corpo se constrói e se desenvolve, matura e cresce”
(LEVI, 1996, p.20).

Uma verdade é gritante: o psiquismo não é treinável, muito menos condicionado, isto, devido a sua constituição se dar através de marcas adquiridas ao longo do tempo, não possuindo níveis, estágios, ou algo semelhante para ser atingido. Ele se estrutura e se estabelece enquanto linguagem, ou seja, nossa existência se torna efetiva, no passo que possuímos a sensibilidade da comunicação frente ao mundo que nos cerca, estabelecendo relações significantes com nosso corpo (sensações, produções) e com o outro externo a nós, sendo o desejo e o prazer de nos comunicar premissa para o estabelecimento de tais relações.

Ramirez (2001) afirma que, para a psicanálise, o corpo só existe em função do outro, mais precisamente, pelo olhar do outro, que toma, pega, puxa, engancha. O sujeito é objeto de todo tipo de manipulação de seu corpo pelos outros. O corpo só deixa de ser um simples *organismo* para se constituir em um corpo próprio, quando passar a ser instituído pela linguagem – simbolizado – tornando-se a sede de representações psíquicas. Assim, o corpo psicanalítico é simbólico e, portanto, habitado pela linguagem⁸. É através da aquisição da linguagem que as experiências corporais tornam-

⁸ A significação das situações, acontecimentos e eventos a nossa volta detêm uma função essencial no desenvolvimento, tanto no plano afetivo quanto no cognitivo: qualificar e construir nossa realidade, dar nome aos nossos bois (medos sentimentos, *et cetera*). Este dar sentido se dá por meio da aquisição de sinais (a linguagem) e, assim, vai sendo construído pela inserção em determinado contexto social e afetivo. É a sociedade quem dita o *signo*, mas somos nós quem vivemos em função da *qualidade* (significado) que infligimos a determinada situação.

se significativas, se codificam e se estruturam. O sujeito precisa reconhecer aquele corpo como sendo o seu corpo, e ele só poderá fazê-lo através da linguagem.

Como já foi dito anteriormente, é através dos desejos e dos prazeres (ou desprazeres) que o sujeito se constitui. Mesmo depois de satisfeita a necessidade alimentar, o desejo resta, permanece. Freud (1998a[1892]), mesmo reconhecendo que o psíquico se estabelece em uma base orgânica (noção de apoio funcional), aponta que o psíquico a transcende. “[...] *o biológico não é, para a psicanálise, o fator de determinação psíquica*” (CRUXÊN, 2002, p.54). Mas, é de acordo com suas demandas, respondidas ou não, que o sujeito se constituirá psiquicamente. Há sempre algo que vai organizá-la em torno do que ela é, que marcará sua particularidade e legitimará sua subjetividade, o desejo, que é sempre inconsciente e todas as pessoas correm atrás dele, ao longo de suas existências, em busca de realizá-lo. Motor do psiquismo e da vida, ele é constituído pela falta, ou seja, por aquilo que faltou para a criança e, por ser originário desta falta, não há realização plena mas haverá, sempre, uma procura, porque sem desejo o sujeito morre.

Já estamos findando nossa empreita. Acredito que a Psicanálise tem muito a contribuir com os sujeitos do Desporto, principalmente quando se fala das categorias menores ou na preparação física de muitos anos. Na visão freudiana, cada um tem uma história única e particular e, no percurso de sua construção são preconizadas algumas escolhas em troca de outras, o que acontece é que, quando se faz uma escolha algo é deixado de lado, gerando um *sofrimento* pelo que foi abandonado. De modo que,

escolher entre uma coisa ou outra, mostra-se uma situação repetida incontáveis vezes na vida de um atleta e que permanecerá, enquanto representação no inconsciente.

Nesse ponto, podemos salientar, de maneira análoga que, a Psicanálise trabalha como um escultor que retira da pedra tudo o que encobre a superfície da estátua nela contida. Ou seja, a proposta psicanalítica procura, antes de tudo, entender o jogo das forças psíquicas subjacentes aos sintomas. Assim, nada é colocado de fora, mas a trama psíquica que liga as idéias patogênicas é submetida a um processo de desvelamento, objetivando a dissolução do conflito. Pode-se observar que essa prática permite o entendimento da forma pela qual o sujeito vem se comportando em sua vida.

A eliminação daquilo que incomoda (sintomas), Freud (1998[1926]) não negou, muito ao contrário, apenas não foi esta a questão que ele colocou em pauta, pois o que a Psicanálise propõe está em trabalhar mais além disso. Para a Psicanálise, há sintomas que podem ser entendidos por aquilo que eles representam, ou por aquilo que eles falam do sujeito que os porta. A partir da perspectiva freudiana, o sintoma se atrelou à linguagem, determinando que este seja concebido como possuindo uma mensagem que merece ser desvelada. É o deciframento desta mensagem que produz, como resultado, um efeito terapêutico, o qual não se refere somente a um alívio dos sintomas, mas que acopla a este a construção de uma verdade sobre o sujeito.

Se verdade existe, esta se dá por um processo em construção. Uma relação com o Outro permite um movimento que coloca o Sujeito e o Outro lado a lado; possibilitando a elaboração de determinados conteúdos e não se restringindo a uma

simples expulsão dos afetos, mas que permita que as resistências sejam decisivamente ultrapassadas e o material recalçado simbolizado.

Assim, podemos concluir que é através da palavra que acontece uma mudança, não no real, mas na posição do sujeito frente a esse, ou seja, uma nova postura do sujeito em relação àquilo que, nele, é causa de seu sofrer. O desenvolvimento emocional do sujeito é entendido, então, como a elucidação de uma verdade, sempre singular sobre o desejo inconsciente de cada um de nós.

Buscou-se discutir neste capítulo algumas contribuições teóricas da Psicanálise, mais especificamente, conceitos desenvolvidos por Freud, para as pesquisas com o esporte. Não é intenção um aprofundamento na Psicanálise, mas tomar de empréstimo alguns conceitos que contribuem para uma proposta de um outro modo de escutar os fenômenos esportivos, enfocando o entendimento dos aspectos dinâmicos que se integram ao entendimento do funcionamento, dos processos e dos comportamentos esportivos.

A descoberta do Outro

Na complexa engrenagem da vida em sociedade, dois sentimentos espontâneos, quase incontroláveis – atração e repulsa – marcam o ritmo das relações entre os indivíduos. Cada enfrentamento, cada encontro com o Outro desperta nas pessoas uma atitude que se manifesta corporeamente, por meio de um impulso de aproximação, uma necessidade de se confundir com esse Outro, ou uma tomada de distância motivada por uma sensação interna de repulsa.

Todos vivem isso, a cada momento, em face da realidade, esse jogo que rege seu contato com os demais. Falamos de *empatia* ou *antipatia*, experimentadas instintivamente. Suas causas ocultas, seu sentido profundo, só aparecem à luz quando apreendidos por seu caráter social, quando investigada a estrutura deste encontro.

O ser humano, a partir de suas primeiras experiências concretas, constrói uma escala de valores, um código que será utilizado constantemente na sua tentativa de evadir a solidão e reconstruir seu vínculo com o mundo. Nasce assim um padrão de conduta, que sempre age como modelo, condicionando todas as reações do indivíduo em face do Outro.

Ao falar de reações, estão inclusos diversos modos de comportamento, como a oposição e a luta, o ver, o tocar e até o penetrar o Outro, compartilhar e amar, comunicar-se numa linguagem pré-verbal, na qual o beijo e o abraço são os símbolos da fusão do eu e do tu.

Esse impulso, para se fundir ao Outro, que se dá com distinta intensidade nas diferentes formas de relação, oculta sempre a dualidade e amor e ódio, e indica que duas pessoas se encontram para viverem e experimentarem uma a outra, para retificar ou ratificar que esse encontro é um *reencontro*, ou seja, a descoberta de uma imagem ideal, que funciona em no interior do sujeito desde sua infância e com a qual se mantêm em diálogo permanente.

A conseqüência lógica e imediata de toda situação de encontro é o projeto de compartilhar uma determinada tarefa, o que tende a ressegurar a permanência do vínculo. Assim o é, quando atleta e técnico planejam uma estratégia de treinamento ou decidem a resolução de uma dificuldade em competição, ou uma equipe que elabora o projeto de treinamento, este trabalham em conjunto.

Essa articulação, essa conexão de um vínculo com o Outro, permite lançar sobre ele suas expectativas, pois o Outro é visto como a pessoa capacitada à realizá-las. Todo encontro é, portanto, dotado de um sentimento emocional e, ao mesmo tempo, instrumental (racional).

Na vida do sujeito aparece sempre o Outro, como modelo objeto, auxiliar ou adversário e, desse modo, podemos ter a visão do indivíduo compondo a perspectiva global do Eu e do tu das relações (FREUD, 1998i[1921]).

O encontro produz-se na comunicação entre duas pessoas, as quais, nesse momento, compartilham um mesmo cenário de espaço e tempo. Ambos deparam-se com todas as suas forças e debilidades e é, então, que se produz uma inversão de papéis, que não dura mais do que um segundo e da qual seus protagonistas não são conscientes. Esse colocar-se *no lugar do Outro* (reconhecimento) tem por meta sua estrutura interna (PICHON-RIVIÈRE & QUIROGA, 1998).

Se esse reconhecimento obtiver um resultado positivo, se coincidir com a imagem esperada (o atendimento de expectativas), surge o projeto compartilhado.

Aparece, então, o aspecto criativo da relação, criatividade que pode se dar em todos os níveis da atividade do ser humano. Entretanto, se essa penetração no Outro, para reconhecê-lo, tiver um resultado negativo, produz-se o desencontro, indicado pela rejeição.

O mal-entendido, no oposto da mesa, surge quando, depois do encontro, um dos protagonistas se nega a assumi-lo. Mas, esse *desencontro* não consiste apenas em não encontrar no Outro o atendimento de expectativas, porém, fundamentalmente, em deparar-se com uma figura semelhante àquela que, na nossa história pessoal, desempenhou o papel perseguidor ou agente de frustração. Esse encontro inesperado com uma imagem odiada ou temida provoca a vivência do sinistro.

Em todo vínculo não há apenas um eu e um tu. Um terceiro personagem está presente em toda a relação humana. Por isso, dizemos que o vínculo é sempre bicorporal – dois atores – e tripessoal – uma presença que pode ser positiva ou negativa (PICHON-RIVIÈRE & QUIROGA, 1998), um nós.

Essa interpretação das relações humanas em termos de encontro, desencontro e reencontro têm como finalidade conseguir o reencontro com o objeto-de-afetivo perdido, o qual todo indivíduo busca ao longo de sua vida e em cada ser com quem se depara.

A Transferência na vida cotidiana

A possibilidade (e isto não é uma regra) de revivermos todos os nossos dramas pessoais e “*transferi-los*” para a figura de uma outra pessoa, é considerar as manifestações inconscientes que em um determinado momento cotidiano podem se expandir em representações simbólicas e modificar nossas relações com o mundo, principalmente quando se trata do sucesso/fracasso das ações no dia-a-dia.

A transferência repousa no coração da psicanálise e foi uma das descobertas mais fundamentais e profundamente criativas de Freud. É um poderoso conceito, que fala à essência do inconsciente – o passado escondido no presente – e fala de continuidade – o presente em continuum com o passado (SCHAWBER, apud. KAHN, 2003, p.235).

Freud (1998d[1912]), quando confeccionou este termo, tinha como intuito inicial, a caracterização de um fenômeno, encontrado principalmente na situação terapêutica. Todavia, tão logo, foi compreendido que estava em toda a parte. Em todos os nossos relacionamentos, desde os mais significativos aos mais superficiais, de modo que, para onde quer que dirijamos nossa atenção, estaremos, incessantemente, repetindo algum aspecto da nossa vida mais primitiva. Pois, isto acontece na extensão de nossas amizades, relações profissionais, casos amorosos e particularmente dos nossos relacionamentos com figuras de autoridade. Buscar a avaliação e a compreensão acrescentará a todos nós, uma rica percepção ao esquema de nossas vidas.

Tudo e todos os envolvidos nos primeiros “*relacionamento*” do indivíduo influenciaram em todos os relacionamentos no restante da vida, de modo que, constatam-se certas variações, evoluções e recapitulações desses acontecimentos primeiros. Assim, compreender e apreciar como se dá a transferência na vida cotidiana nos proporciona uma compreensão e apreciação, grandemente, aumentadas das focas inconscientes que atuam em nós e nas pessoas à nossa vida.

Na relação Técnico-Atleta

Um relacionamento técnico esportivo-atleta pode gerar uma notável excitação nas pessoas envolvidas, que é, em parte, talvez na maior parte, inconsciente. Isso compreende dizer, também, que, um atleta, algumas vezes, vê o técnico e o relacionamento entre eles através de uma lente distorcida por forças inconscientes (KAHN, 2003).

Através de uma leitura psicanalítica, podemos enxergar duas forças inconscientes em ação num relacionamento técnico-atleta. A primeira o poder contínuo do *modelo*. Os primeiros relacionamentos formam modelos em nossas mentes, dentro dos quais tentamos encaixar todos os relacionamentos subseqüentes. Se meu pai era para mim severo e crítico, em algum recanto da minha mente terei a expectativa de que todos os homens mais velhos, em posição de autoridade, se comportarão dessa forma. Se a influência do modelo for suficientemente forte, se meu pai era para mim uma

pessoa estimulante e protetora, terei a expectativa de encontrar esses atributos em autoridades masculinas mais velhas com as quais me deparar ao longo do caminho.

A segunda força inconsciente já é nossa conhecida: a compulsão à repetição, aquela necessidade estranha e muito comum de repetir antigas situações traumáticas ou antigos relacionamentos traumáticos. Quando o atleta começa um ciclo de treinamento, talvez o modelo que recebeu da figura parental (pai-mãe) faça com que ele veja o técnico esportivo como alguém severo e crítico. Então, a compulsão à repetição pode levá-lo a querer confirmar essa expectativa, atuando de modo calculado para irritar o técnico esportivo. Como essas atitudes e expectativas são *transferidas* dos pais para o técnico esportivo, podemos entender essa tendência dos atletas em treinamento de *transferência*.

Da mesma forma que nossa tendência é repetir velhas situações, as nossas persistentes expectativas não ocorrem apenas na situação de treinamento, mas em todo o lugar, em todos os nossos relacionamentos.

Tal transferência pode assumir uma variedade de formas. Por exemplo, o atleta ver o técnico esportivo como uma figura paterna crítica, os colegas de equipe como competidores (adversários). De maneira que podemos conceber a existência de três categorias de transferência: uma *transferência positiva*, na qual os sentimentos dos atletas pelo técnico esportivo são, basicamente, de afeição e de confiança; uma *transferência negativa*, consistindo, basicamente, de hostilidade e de suspeita, por parte dos protagonistas e, por fim, uma *transferência afetivo-erótica não-neutralizada*, na qual os

atletas sentem um insistente desejo de intimidade afetivo-eróticas com o técnico esportivo.

De maneira que, a transferência *positiva* é considerada *sem objeções*. É o que pode permitir que o treinamento seja realizado, proporcionando ao atleta confiança no técnico esportivo e um sentimento de apoio ao longo dos trechos árduos e dolorosos da jornada. Desta feita, é concebível que o técnico esportivo, diante de transferência positiva, não deva fazer nada a respeito, haja vista, ela viabilizar o treinamento. Quanto à transferência negativa, há de se pensar a necessidade de sua interpretação, ou a hostilidade e a suspeita do atleta tornarão impossível a realização do treinamento.

Como bem lembrou Freud (1998d[1912]), quando se trata de transferência erótica, há que se fazer algumas ressalvas quanto ao usufruto de sua ocorrência para o técnico esportivo e para o atleta, bem como, para sua equipe como um todo. Não é incomum a observância da ocorrência de atletas conscientes de seus sentimentos afetivo-eróticos pelo técnico esportivo. Em geral, lembra Kahn (2003), são tão somente aspectos moderados da transferência positiva e não apresentam dificuldades. Como ocorre com a transferência negativa, eles eram classicamente interpretados como não tendo a ver realmente com o técnico esportivo, mas sim, com as figuras parentais. Contudo, se os sentimentos afetivo-eróticos fossem muito insistentes e se a interpretação não conseguisse convertê-los em material para uma exploração proveitosa, a relação de treinamento está fadada ao fim. De fato, quando o atleta diz não estar mais interessado no treinamento (prática esportiva); e sim, deseja apenas um contato físico íntimo com o

Outro (técnico esportivo). Mesmo que tais sentimentos persistam, apesar dos melhores esforços do técnico esportivo para convertê-los em material proveitoso, não há o que se possa fazer, a não ser encaminhar o atleta para outro profissional.

De acordo com a teoria freudiana, todos os sentimentos positivos são encarados como expressões de energia libidinosa (desejo), assim como, todos os sentimentos negativos apresentam-se como expressão da energia destrutiva (frustração). Uma das tarefas com que o técnico esportivo se depara é *neutralizar* essa energia bruta, para que ela seja produtiva e socialmente aceita. Assim, faz-se necessário assumir o preceito de que, a *neutralização* se pauta na conversão da libido bruta (dos sentimentos de atração e repulsa) em emoções, tais como afeição, respeito e amor sensível. A *neutralização* da energia negativa significa sua conversão em impulsos proveitosos, tais como competição, assertividade e hostilidade bem-humorada. Uma das bases psicológicas para uma relação bem-sucedida entre técnico esportivo e seus atletas é uma *neutralização* adequada. Uma transferência afetivo-erótica tão insistente a ponto de impossibilitar a dinâmica de treinos e de competição dentro da equipe é a expressão insuficientemente neutralizada da mesma energia que se vê na transferência positiva, sem objeções.

Não pense que qualquer transferência que não seja inteiramente positiva e facilite a cooperação pode ser entendida como uma perturbação e uma obstrução. É preciso considerar toda a transferência como uma aliada, uma aliada incômoda, certamente, mas indispensável.

No entanto, para Kahn (2003), não é suficiente um simples trazer à luz da consciência (*insight*), aquilo que se encontra inconsciente, para que se transponha o sofrimento, desconforto. O autor se refere a esse *algo-que-tem-de-ser-acionado* como um *manejo emocional*, o que significa fazer com que estes *insights* ocupem um local na mente do atleta, para que possam ser utilizados. Tais conteúdos inconscientes afetam o trabalho de qualquer técnico esportivo, bem como, os relacionamentos afetivos e as relações com treinadores(as), colegas de equipe, com o porteiro; isso porque, segundo Freud (1998d[1912]), a natureza desses relacionamentos – por exemplo a relação técnico(a)-atleta – pode bloquear ou facilitar o progresso do treinamento. Logo, por mais importuna que seja, o entendimento da dinâmica da transferência (a relação técnico esportivo e atletas) fornece ao técnico esportivo, bem como aos atletas, uma poderosa ferramenta para efetuar esse manejo das emoções. Isso se dá, pois, como lembra Freud (1998d[1912]), a transferência pode ser tão intensa que problemas mais significativos do atleta podem se manifestar em seu relacionamento com o técnico esportivo.

A (contra)transferência por parte do técnico esportivo

A *transferência*, conforme visto, é um fenômeno comum a todos. Logo, não são excludentes os técnicos esportivos e, certamente, tem de ser incluído o relacionamento que estes mantêm com seus atletas. Assumamos que a idéia da ação do técnico esportivo é *contratransferência* frente aos seus atletas. Esta distinção – transferência/contratransferência – se apresenta, pois que, ocasionalmente algo

derivado do inconsciente do técnico esportivo, irrompe através de seu profissionalismo e produz uma *resposta inadequada* à expectativa de seus comandados. Em punho da leitura freudiana tal resposta é denominada *contratransferência* e entendendo-a como um obstáculo a ser removido. Não conseguindo se livrar dela, com as “*próprias pernas*”, o técnico esportivo precisa buscar uma orientação, ou mesmo, uma análise posterior.

Mas isso, já é uma longa e diferente história. Fiquemos apenas com a definição de que *contratransferência* seriam *todos* os sentimentos, pensamentos e percepções que o técnico esportivo tem de seus atletas.

* * *

Após redefinirmos a concepção de que a realidade não é absoluta, a cartografia da relação técnico esportivo-atleta se modifica, pois, colocando-nos num quadro mais preciso, e indubitavelmente mais modesto, se configuram como dois indivíduos que buscam conceber uma atualidade um do Outro, pelo uso de lentes dos seus princípios organizadores próprios, sem que nenhum deles distorça; ou esteja em contado com alguma realidade absoluta⁹.

Isto mostra a extensão do impacto de quem orienta e de quem é orientado, os técnicos esportivos estão, agora, se apercebendo de quão enorme é o impacto daquilo que se encontra inconsciente em seu psiquismo, sobre os conteúdos inconscientes do atleta. A compreensão emergente da subjetividade do atleta é conjuntamente construída pelas deste e do técnico esportivo.

Faz-se necessário abrir os olhos para a importância de se levar a sério a percepção que o atleta tem do técnico esportivo. Vê-se, então que a teoria da transferência, numa concepção mais ampla, mostra que os protagonistas do esporte (técnicos e atletas) carregam, para cada encontro inter-pessoal, suas histórias encobertas de desejos, medos e traumas psíquicos, revelando, o poder que o inconsciente tem de influir nas percepções que possuem uns dos outros e as mútuas reações, quer no treinamento, quer na vida. Todos os que lidam com dimensão psicológica na preparação de atletas sabem a importância que tem, para o atleta, o encontro de si com seu técnico esportivo. Ou seja, por mais que se tenha em mente que o objetivo do treino aí não se coloca, este fato, contudo, não implica que esse efeito deva ser negligenciado ou desprezado.

⁹ Isto não outorga a relacionamento um caráter de *simetria*, pois ambos estão a serviço do atleta.

O papel do Técnico: funções e perfis

Ao se discutir o papel do técnico esportivo, sua função e perfil, constata-se, em primeira análise, que sua tarefa primeira é melhorar as condições físicas, táticas e técnicas de seus atletas e sua equipe e, com certeza, tais treinamentos são fundamentais para o alcance da excelência na prática esportiva. Entretanto, conforme aponta Toledo (2001), o técnico esportivo também precisa expandir seu papel e abarcar a função de líder perante seus *comandados*, para que estes possam atingir uma performance tanto no âmbito físico quanto no psicológico.

Conforme a autora, quando diante de sua equipe, ao assumir a função de técnico esportivo, automaticamente ele acaba por exprimir outras *nuances*, papéis nesta função, o de líder, amigo, professor e, muitas vezes, necessitando se colocar numa postura que atenda as questões pessoais (psicológicas) de seus atletas. Brandão (1996) ressalta que, esta última *nuance* da função de técnico esportivo, outorga a este a necessidade de garantir e estabelecer meios claros e objetivos de comunicação, sendo capaz de receber e transmitir informações de uma forma precisa: de maneira a almejar desenvolver os sonhos e aspirações de seus *comandados*, ao mesmo tempo que propicia autonomia e crescimento individual de cada atleta.

Becker Jr. (2002) afirma que todo técnico esportivo possui um estilo próprio de *comandar* seus atletas, em que este se basearia em sua experiência anteriores como atleta.

Cratty (1984) traz que o técnico esportivo possui uma importância significativa no que tange às dimensões psicológicas das atividades esportivas, necessariamente, aqueles que venham a praticar atividades físicas sob a sua tutela. Mattos (1991) aponta que, em sua grande maioria, o técnico esportivo, tem sua origem na classe média, onde de alguma maneira, teve durante sua juventude, alguma ligação com o mundo esportivo; praticando e ocupando posições importantes, de destaque.

Longe de se buscar uma *imagem ideal* do técnico esportivo, é interesse desta pesquisa apontar algumas características e atributos, os quais se apresentam como de significativo efeito quando diante de situações corriqueiras na dinâmica dos treinamentos e da relação que se constrói entre o técnico esportivo e os atletas sob sua tutela (comando).

A atuação do técnico esportivo: estilos de comando.

Logo, a atuação de um técnico esportivo se baseia, fundamentalmente, na elaboração dos entendimentos obtidos através de suas interpretações acerca da situação de seus *comandados*. No entanto, a interpretação não é o único fator determinante de mudanças e melhorias em seus domínios. Na verdade, o âmbito de treinamento é composto por duas coordenadas perpendiculares: a interpretação propriamente dita e a atitude interna da pessoa do técnico esportivo, sendo que este último vetor cresce de importância na proporção direta de regressividade do atleta ou da equipe.

Shigunov (1998) concebe que a formação de um técnico esportivo, da mesma forma que a de qualquer profissional da área esportiva, ela repousa num indissociado tripé: conhecimento+habilidades+atitudes.

Os *conhecimentos* consistem na necessidade de um sólido respaldo técnico teórico e resultam de um programa de ensino aprendizagem-sistematizado e continuado por uma ininterrupta curiosidade e leitura diversificada.

Conforme o autor, não existe substituto para o conhecimento profundo das técnicas, regras e estratégias do esporte onde treinador. O conhecimento das técnicas de ensino e aprendizagem marca com grande importância a atuação dos técnicos esportivos nos aspectos da eficácia, motivação e melhora do desempenho de seus *comandados*, haja vista, o técnico esportivo ser considerado por Marques (2000), um profissional o qual, em geral, é oriundo de uma prática desportiva experimentada, experienciou as vivências de um corpo antigo de atleta de sucesso.

As *habilidades* resultam de uma atividade supervisionada, sendo que o aprendizado é extraído tanto dos acertos como, e principalmente, dos erros e só é possível a partir da experiência própria de cada um. Partindo deste pressuposto, entende-se que o *treinar* consiste em um processo que preconiza integração, interdependência e diferentes vertentes de realização de um fim, apesar de ser multifacetado, de maneira tal, que o processo de treinamento tem de responder a questões que estão ligadas aos *comportamentos*, atividades, conteúdos e avaliação que os técnicos esportivos demonstram e utilizam no seu desempenho profissional.

As *atitudes* do técnico esportivo refletem como ele é como pessoa. Elas resultam da conjunção de uma série de fatores: os aludidos conhecimentos e habilidades, o tipo básico de estrutura da personalidade de cada um, o grau de maturidade, a sua ideologia e código de valores, além principalmente, da presença de alguns atributos, nem sempre manifestos. A importância dessa *atitude*, que provém do interior da pessoa do técnico, reside, justamente, no fato de que ela se constitui em uma forma de comunicação não-verbal, que atinge um nível primitivo da organização do *self*¹⁰ do atleta. Lembra, portanto, o que se passa na interação do progenitor com sua cria.

Especificamente em relação aos atributos do atleta de uma equipe, pode-se dizer que, assim como nem todos os tipos de atletas têm uma indicação para treinamento em determinados tipos de equipes, da mesma forma, nem todos os técnicos esportivos têm indicação para serem técnicos de determinadas equipes.

Shigunov (1998) aponta, em seus estudos sobre as atitudes do técnico esportivo e sua relação com os atletas, que os técnicos esportivos, considerados de sucesso, apresentam três vertentes básicas de atuação: primeiro, quanto ao conhecimento do esporte e as ciências a ele ligadas; segundo, quanto à motivação para ser um bom técnico e terceiro, quanto à empatia ou atenção para os aspectos afetivos na inter-relação.

¹⁰ Para Freud (1998f) a palavra *self* (*as Ich*) é empregada como um termo que distingue o eu (*self*) de uma *pessoa como um todo* (incluindo, talvez, o seu corpo).

UMA VISÃO MAIS SOCIOLÓGICA DA QUESTÃO.

Se se partir de uma ótica mais sociológica da questão do papel (função e perfil) do técnico esportivo, a apropriação dos conceitos apresentados por Max Weber (2001), acerca dos estilos que comandantes, em nosso caso, os técnicos esportivos – em suas práticas frente a seus comandados – capacita o entendimento da dinâmica desta relação, a abstrair três formas de expressão (estilos de comando): o *comando legal/burocrático*, o *comando tradicional*, e o *comando carismático*.

Por comando se entende a probabilidade de encontrar obediência a uma determinada orientação (ordem), poder ter o seu fundamento em diversos motivos de acato (WEBER, 2001). Assim, o tipo de comando pode ser determinado diretamente por uma gama de interesses, ou seja, considerações racionais de vantagens e desvantagens (meios e fins) por parte de quem o acata; entretanto, também pode ser dependente de um mero *costume*, isto é, de alguma prática que se tornou um comportamento cegamente habitual ou, ainda, pode ter seu fundamento partido de um afeto, ou mera inclinação pessoal. Um tipo comando repousado num fundamento relativamente instável.

A primeira das modalidades de *comando*, acima citada, se caracteriza pela implantação da burocracia, da norma, da lei, do *estatuto*, daí sua denominação de *legal*. Esta *legalidade* se dá a partir da premissa de que qualquer *comando* pode ser instituído, modificado e usufruído, mediante sua regulamentação imposta, aos *comandados*, no que diz respeito à sua forma.

A visão de Weber (2001) entende que, neste tipo de *comando*, o atleta acata as diretrizes do técnico esportivo, não em virtude disso ser seu direito próprio, mas a uma regra estatuída¹¹, que estabelece ao mesmo tempo quem e em que medida se deve obedecer. Aquele que *comanda* também acata uma regra no momento em que emite uma ordem. O dever de acato está graduado numa hierarquia de cargos, com subordinação dos inferiores aos superiores, onde a base de funcionamento é a disciplina.

A segunda modalidade de *comando* é a que diz respeito à “[...] *crença na santidade das ordenações e dos poderes senhoriais de há muito tempo existentes*” (WEBER, 2001, p.351). O que impera aqui é o paternalismo, o tradicionalismo, o que concede a denominação de *comando tradicional*. Logo, o protagonista deste tipo de *comando* é caracterizado pelo *senhor*, o *professor* e os que são *comandados* são os *súditos*, os *aprendizes*. Acata-se o técnico esportivo em virtude de sua dignidade própria, exacerbada pela *tradição*, pela fidelidade. Quando se emite uma *ordem*, se está fixando seu próprio domínio.

O tradicionalismo que caracteriza este tipo de *comando* se perpetua pelo reconhecimento de um estatuto vigente *desde sempre*. Aqui, o que vale é a vontade do *mais velho*, *mais sábio*. O que domina as relações entre técnico e atletas não é o dever ou a disciplina objetivamente ligados à tarefa, mas a fidelidade do atleta.

Já na terceira modalidade *weberiana* de *comando*, ao contrário das duas primeiras, é encontrado o caráter mais afetivo, por parte da atleta, à pessoa do técnico

¹¹ Regra baseada em um estatuto.

esportivo. Este conteúdo individual, baseado nos dotes *atraentes, sobrenaturais* (carisma) é que dá dinamismo a este tipo de *comando*. Tratemos, então, do *comando carismático*. Seu estilo carregado *do novo*, de extemporaneidade, de emotividade, provoca uma devoção pessoal. A pessoa do técnico esportivo assume o que o autor denomina de *papel de líder*, e os atletas que o acatam, acabam por assumir uma postura de *apóstolos*.

Quando se acata uma ordem, neste tipo de *comando*, acata-se à ordem da pessoa do líder, em virtude de suas *extraordinárias* qualidades e não a um estatuto regulamentador, ou pela *dignidade* tradicional. Existe *comando* enquanto existir o carisma. O *comando carismático* é uma interação social, um relacionamento especificamente extemporâneo, puramente pessoal.

UMA VISÃO MAIS SISTEMATIZADA.

A partir de uma série de estudos realizados acerca do *estilo de conduta* liderança, (CHELLADURAI & CARRON, 1978; CHELLADURAI & HAGGERTY, 1978), culminaram na construção de um instrumento¹², preconizando sua avaliação nos estilos de *liderança* de técnicos esportivos e sua influência nos atletas a eles ligados. Assim, Chelladurai & Saleh (1980) propõem a existência de *dimensões liderança*, onde, as condutas dos técnicos, orientadas sob o espectro de um destas dimensões delimitam o estilo de comando adotado.

Os autores dividem, assim, as dimensões de conduta em quatro espectros, que, por conseguinte, elucidam quatro estilos de comando.

O primeiro estilo se pauta pela dimensão que orienta a conduta do técnico para o desenvolvimento pessoal de seus atletas (como indivíduos, como equipe) e que, aqui, é denominado *Estilo Humanista*. Logo, a atuação de um técnico esportivo se baseia, fundamentalmente, nos preceitos rogerianos e, assim enfatiza a preocupação com os relacionamentos interpessoais desenvolvidos entre os membros da equipe, bem como, o bem-estar de cada atleta.

O segundo estilo preconiza suas condutas na dimensão do aperfeiçoamento do rendimento de seus atletas. Nesta perspectiva o estilo assume uma postura de *cumpridor de tarefas*, e sua denominação é a de *Técnicista*. A orientação é pelo desenvolvimento das habilidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas, bem ao estilo taylorista da construção de *homens-máquina*. Tudo gira em torno da eficácia: dos treinamentos, do ensino, do aprendizado.

Já, o estilo sob o espectro da terceira dimensão levantada pelos autores, orienta a conduta do técnico esportivo sob o espectro da democracia. Aqui a investidura do técnico se norteia pela valorização da participação de seus atletas em decisões ligadas ao grupo, aos métodos de treinamento, a táticas de jogo, estratégias de competição, pois parte do pressuposto de que estas afetam, diretamente, o desempenho e, a performance de seus atletas. Esta postura, obviamente, leva a insígnia de *Estilo Democrático*.

Por último – nem mais, nem menos importante – os autores apresentam a dimensão que mostra a conduta de um tipo de técnico expressa por tomada de decisões

¹² *Leadership Scale for Sports* – LSS (CHELLADURAI & SALEH, 1980).

independentes em respeito aos diversos aspectos do processo de treinamento. A participação dos atletas no processo decisório sobre as metas do grupo esportivo é considerada ínfima, nula. Este *Estilo Autocrático* se caracteriza, então, por uma postura autoritária, de centralizar o controle das ações (decisões).

A adoção de uma perspectiva que delimita tais estirpes de estilos de técnicos esportivos se vale do caráter competitivo, esperado pela sociedade hodierna. Pois, as expectativas frente a esta vertente são a descoberta dos fatores necessários a um treinador pra que atinja o alto nível no seu trabalho. Esse estilo é exemplo de uma linha de pensamento cruel e alienante.

A VISÃO PSICANALÍTICA DA ATUAÇÃO DO TÉCNICO: UM ESTILO DE COMANDO MAIS “CONSCIENTE”

Sob o olhar do psicanalista Zimmerman (2000) acerca da dinâmica grupal, mais especificamente, na atuação de um líder frente a seu grupo, em consonância com os preceitos – pedagógicos – de treinamento desportivo abordados por Lima (2000), a seguir há a proposição de *um estilo de comando diferenciado*, por parte do técnico esportivo, frente a seus atletas: um estilo *mais consciente*. Esta perspectiva percebe uma nuance, em muitos momentos, esquecida pelos teóricos que se prestam ao estudo dos estilos de liderança. Assim, a atuação como seus comandados, sua atuação (do técnico) – mas não necessariamente – vê-se perpassada pelas mesmas experiências afetivas que os seus atletas atualmente experienciam, como, por exemplo, ter sido integrante de uma equipe esportiva na condição de atleta ou de profissional do esporte.

É claro que qualquer atividade profissional exige que o praticante goste do que faz, do contrário, ele a realizará com um enorme desgaste pessoal e com algum grau de prejuízo na execução de sua tarefa. No entanto, na posição de *técnico esportivo*, esse aspecto adquire uma relevância especial, porquanto na disposição da equipe, qual um *radar*, captando com uma maior facilidade aquilo que lhe é *passado* pelo atleta, seja entusiasmo ou enfado, verdade ou mentira, *et cetera*. É preciso deixar bem claro que o fato de se gostar de trabalhar com equipes, de modo algum exclui o fato de se vir a sentir transitórias ansiedades, cansaços, descrenças, *et cetera*.

Desta feita, são elencadas a seguir, algumas características pertinentes à atuação do técnico esportivo no trato com seus comandados, para o bom curso dos trabalhos enfocados nos processos do treinamento e em meio à dinâmica da competição.

a. Capacidade de ter Paciência

Habitualmente, o significado desta palavra está associado a uma idéia de passividade, de resignação, conformismo e o que aqui se está valorizando como um importante atributo de um técnico esportivo é frontalmente oposto a isso. Paciência deve ser entendida como uma atitude *ativa*, como um tempo de espera necessário para que um determinado atleta da equipe reduza a sua possível ansiedade, adquirindo a confiança essencial nos outros, permitindo dar alguns passos rumo a um terreno desconhecido, e assim por diante. De modo que, a capacidade de paciência faz parte de um atributo mais contingente, qual seja, o de funcionar como um continente.

b. Capacidade de Empatia

Como se pode constatar, a etimologia da palavra *Empatia* – do grego *em* (dentro de) + *pathos* (sofrimento) – remete-se ao atributo de o técnico esportivo poder se colocar no papel de cada atleta e de entrar no *clima* da equipe. Isso é muito diferente do que se entende por *simpatia* (do grego *sim*, que quer dizer *ao lado de* e não *dentro de*). A empatia está muito conectada à capacidade de poder fazer um aproveitamento útil dos sentimentos/expectativas do técnico esportivo e, para tanto, é indispensável que este tenha condições de distinguir entre os sentimentos que provêm dos atletas daqueles que são unicamente próprios dele.

c. Capacidade de Intuição

Este atributo, conforme Zimerman (2000), não tem nada de mágico, como muitas vezes considera o imaginário popular. A própria etimologia da palavra *Intuição*, aponta que intuir se forma de *in* (dentro) + *tuere* (olhar), de maneira que este atributo se refere à capacidade de olhar com um *terceiro olho*, aquele que, a partir dos órgãos dos sentidos e do respaldo teórico latente em seu pré-consciente, capta o não-sensorial que vem do inconsciente dos atletas e da disposição da equipe. Diferente de *empatia* – que se refere ao plano afetivo – pois a *intuição* se processa no *cognitivo*¹³.

d. Capacidade de Discriminação

¹³ “Na atualidade distingue-se o 'inconsciente psicanalítico' do 'inconsciente cognitivo', o primeiro como o resultado da repressão de uma pulsão de origem sexual e o segundo referente aos processos cognitivos situados abaixo do limiar de consciência. Os estudos clínicos teorizam sobre afetos e motivações inconscientes e os estudos experimentais sobre percepção e memória subliminares” (RAFAELLI, 2002, p.3)

Numa equipe esportiva, costuma se processar um jogo muito rápido e cruzado de identificações, as *identificações projetivas*, principalmente, as que adquirem uma feição caleidoscópica e, se o técnico esportivo não conseguir discriminá-las, há o risco da instalação de uma confusão nociva e, até, de um estado de caos.

e. Capacidade em manter uma permanente inteireza de seu sentimento de identidade pessoal e de técnico esportivo

Este aspecto merece, na visão do autor, um realce especial, pelo fato de que, em equipes esportivas – em grupos, de uma maneira geral – o volume das pressões internas e externas é enorme, no sentido de provocar uma desorganização do *setting* (da disposição do treino) e de tirar do técnico esportivo seu papel. Uma outra razão é a de que o técnico esportivo precisa possuir o *know-how* (saber-fazer) de dividir o papel pessoal e o de técnico esportivo, isto, afim de poder manter a ligação *empática* com situações diferentes e simultâneas. Neste quesito é necessário se manter incluso o sério risco das *contra-transferências*, caso a preservação da identidade venha a ficar avariada.

f. Senso de Ética

Este atributo impõe-se pelo que sua etimologia nos ensina, não tanto pelo seu sentido usual. Nesta ótica, *Ética* – que vem do grego *ethos*, e quer dizer *território natural* – aponta que a atuação do técnico esportivo, não possui direito de invadir o espaço próprio de seus atletas, de maneira a impor-lhes certos valores e expectativas, mas sim, ao contrário, o técnico se presta a propiciar uma expansão dos espaços interior e exterior de cada um dos *comandados*, através da aquisição do *direito-de-ser-livre*, sem que isso, por sua vez, implique em invadir a liberdade do Outro na equipe esportiva. Esta posição exige de cada um dos atletas, no curso dos treinos, passar da sua eventual condição de *sujeitado* para a de *sujeito* – livre e autônomo. Cabe aqui ressaltar que a palavra *autonomia* arquiteteta-se a partir de *auto* (próprio) + *nomos* (lei; nome).

Neste caminho é plausível a afirmação de que uma característica não pertencente a um técnico esportivo é a de ser excessivamente *narcisista*, tipo *Complexo de Deus*. Caso contrário, não haverá condições de evitar – e até haverá uma estimulação – a perpetuação de uma idealização e de sua conseqüente dependência de poder aceitar o Outro como diferente, em suas manifestações criativas e de refrear o seu gosto pela liderança, única via que possibilita a sadia formação de novos líderes (ZIMMERMAN, 2000).

Da mesma forma, o autor apontou um risco. O técnico pode acabar por utilizar seu *know-how* como meio único de obtenção de poder, prestígio e dinheiro; ao invés de compromisso ético com a busca de seus resultados, compromisso este, que não

dever ser entendido como uma recomendação de que o técnico esportivo deve ir à caça dos resultados como produto final, até porque, eles são muito relativos e nunca definitivos. Antes disso, buscar tais resultados implica no técnico esportivo – de maneira autêntica, voraz, não como dever – entender-se investido no papel de um novo modelo de identificação para seus atletas.

*g. Um novo modelo de identificação*¹⁴

A atuação de técnicos, frente seus atletas, se dá pela via da interpretação, bem como pela autenticidade da pessoa do técnico, implicando, assim, a necessidade de se deixar bem claro para o técnico seu importante papel de modelo para as – necessárias, renovadas – identificações de atletas para consigo, de maneira coerente entre o que *diz*, o que *faz* e o que, de fato, *é*.

h. Respeito

Recorrendo à etimologia vê-se que o atributo *respeito* – vem de *re* (de novo) + *spectore* (olhar) – possui um significado mais profundo que o empregado de costume. Pois, é, assim, a capacidade do técnico esportivo voltar seu olhar para as pessoas com as quais está em íntima interação – a partir daí, ser desenvolvida em cada um dos atletas da equipe –, com os outros olhos, com as outras perspectivas, sem uma dificuldade ótica

¹⁴ O conceito de identificação concebido por Laplanche (1998, p.226) aponta-o como: “*processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo do outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações*”. Na obra freudiana o conceito de **identificação** assumiu progressivamente o valor central que faz dela, mais do que um mecanismo psicológico entre outros, a operação pela qual o ser humano se constitui.

repetitiva dos rótulos e papéis que, desde a tenra idade, lhes foram inculcados. O fato é: a imagem que o técnico esportivo tem dos potenciais de seus atletas e da equipe sob sua tutela, se torna parte da imagem que cada atleta tem de si próprio.

Faz parte da concepção de *respeito* a necessidade de que o técnico não reproduza o possível papel *paternal* que, de forma categórica e dogmática, imponha os seus valores e mandamentos ao filho, mesmo que faça e forma dissimulada, nem *maternal* que, a título de proteger o rebento, prefira dar-lhe tudo *mastigado* e facilitado e tampouco o técnico esportivo pode faltar com o respeito ao atleta e não tolerar contestações dos atletas. O técnico esportivo tem, no bojo de suas responsabilidades, que fazer com que o atleta descubra não o caminho propriamente dito, mas como acessá-lo.

i. Capacidade de comunicação

Além dos aspectos supra citados, quanto ao *estilo* de como um técnico esportivo interpreta, há a necessidade de se ressaltar que os integrantes da equipe (técnicos esportivos e atletas) usufruam a mesma linguagem conceitual e se comunica que, valorativamente, em um mesmo comprimento de onda.

O técnico esportivo deve ser atento e consciente da necessidade de se decodificar as mensagens transmitidas nas mais variadas formas de comunicação que se manifestam por meio de uma *linguagem não-verbal* – bastante freqüente em qualquer equipe esportiva. Como pode ser a ocorrência de movimentos individuais ou da própria equipe, às vezes quase imperceptíveis, manifestos por determinados gestos, postura

corporal, aparente desligamento, somatizações, atuações, silêncios, provocação de efeitos dos sentimentos e expectativas de sua parte.

j. Capacidade em extrair o denominador comum da tensão da equipe

Em meio a tantas trocas comunicacionais, aparentemente diferentes entre si, é indispensável que o técnico esportivo consiga detectar qual a necessidade básica – desejo, ansiedade, ou o que está emergindo comum a todos – em um determinado momento da equipe. Este conteúdo emergente se forma por meio de uma lenta elaboração no interior do técnico esportivo, ao longo do treinamento, até que, amadurecido, sirva como fio condutor para a interpretação.

k. Função de Pensar

É bastante útil um técnico esportivo, seja qual for sua natureza, permanecer atento à perceber se os atletas sabem pensar as idéias, os sentimentos e as posições que são verbalizados, e ele somente terá condições de executar essa tarefa se, de fato, assumir e promover, entre seus *comandados*, esta função de saber-pensar.

Pode parecer estranha a afirmativa acima, mas, o realce da importância de um indivíduo pensar suas experiências emocionais, segundo Zimerman (2000), é essencial. Muito diferente de simplesmente *descarregar* seus pensamentos sombrios para fora (sob forma de um discurso vazio, *et cetera*) ou para dentro (somatizações). A capacidade para *pensar os pensamentos* também implica em escutar o Outro, assumir sua própria parcela de responsabilidade pelo sentimento que acompanha a idéia, de

maneira a estabelecer confrontos e correlações e, sobretudo, sentir liberdade para pensar.

* * *

Neste capítulo, procurou-se examinar os aspectos subjacentes no qual a relação Técnico-Atleta pode se desenvolver, no contexto contemporâneo esportivo e formular algumas interpretações sobre as suas tendências estruturantes. Viu-se também, que tais tendências da constituição desta *relação* têm, em alguns (na maioria) momentos, participação decisória nos acontecimentos esportivos, quanto ao *desempenho* e *performances esportivos* dos atletas. Cabe, agora, aprofundar a análise de um conjunto de indivíduos de uma modalidade em particular e mostrar mais detalhadamente de como a *lógica do esporte* influencia na maneira de organizar a equipe dentro de quadra, criando relações de interação e normas para o exercício da relação técnico-atleta em especial, ampliando o campo de entendimento e exigindo a constituição de uma leitura específica para as associações esportivas.

Vamos nos concentrar no sujeito, alvo do presente estudo. Contudo, para compreendermos a dinâmica que os processos e sistemas inconscientes implicam (no caso dessa modalidade), é preciso lançar olhar para as peculiaridades e os significados inerentes a esta prática esportiva. Só então será possível compreender os impulsos e os limites que se colocam, para a configuração da relação técnico-atletas. É o que faremos na segunda parte deste estudo.

PARTE II

Uma cartografia do dinamismo relacional

Capítulo 3

Estratégias da investigação e decisões metodológicas

Nas últimas décadas, com a massificação da evolução dos recursos de preparação esportiva no campo da investigação, tem surgido a preocupação quanto à realização de um estudo que se verificasse, a partir da perspectiva de atletas e técnicos esportivos, o que ocorre no contexto no esporte, onde aparece a díade atleta e técnico esportivo.

Na área da Psicologia do Esporte percebe-se que as pesquisas, ainda em pouca quantidade, estão voltadas para um paradigma mais quantitativo sendo o intuito deste trabalho, assumir, no entanto, levando-se em consideração que se trata de um estudo, cujo interesse é investigar a complexidade e a subjetividade das questões que envolvem as relações entre os sujeitos envolvidos no esporte infantil, novos caminhos, usando um paradigma qualitativo, com a intenção de, também, ampliar o nosso conhecimento.

O paradigma qualitativo

As ciências sociais, assim como as ciências humanas, fundam-se principalmente na *compreensão*. As *interpretações* das ciências sociais seriam principalmente *qualitativas*, apreendendo regularidades e discontinuidades, situações e tendências, relações e processos, envolvendo, tanto estruturas, como tensões e contradições sociais (IANNI, 2003, p.17).

O objetivo das Ciências Humanas e Sociais (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNADJER, 1998.) é essencialmente qualitativo, é complexo (o que não pode ser reduzido a questões objetivas), contraditório, inacabado, sempre em construção. O pesquisador tem, como uma de suas premissas angulares, de buscar compreender o mais profundo, o que torna o social complexo. É uma prática de constante busca de conhecimento.

Mesmo frente ao paradigma positivista, clássico repressor da forma qualitativa de se analisar os dados – à medida que não se pode analisar aquilo que não se vê – fica difícil trabalhar somente com números, quando o que se está estudando são as significações, os motivos, os valores, as crenças, os hábitos singulares e grupais. A todo e qualquer informação advinda do processo de pesquisa é necessário dar-lhes um significado. É na análise qualitativa destas informações que se pode encontrar questões que passariam despercebidas em uma pesquisa quantitativa. Então:

“[...] o investigador qualitativista não estuda a ‘coisa’ (o fenômeno, tema em pauta), como faz seu colega quantitativista, mas sim o que as pessoas sentem, pensam e falam sobre a ‘coisa’. Se

a ciência quantitativa considera diretamente o fenômeno para explicar seu comportamento na natureza, a ciência qualitativa ocupa-se de compreender o significado que indivíduos ou comunidades dão a este fenômeno” (TURATO, 2003, p.464)

Assim, explicações culturais e padrões, indubitavelmente, “descobertos” dentro de um contexto sociocultural em vez de analisados a partir da perspectiva do pesquisador, de uma estruturação prévia ou de teorias. Esta caracterização joga ao vento um de ar “intencionalidade”, pois, neste entendimento a sociedade contém a possibilidade de todas as ações humanas tenderem, propositadamente, em direção a qualquer coisa diferente de si. O campo de construção de conhecimento, onde atua a pesquisa de cunho qualitativo leva em consideração os planos das estruturas sociais, querendo saber o que isto quer dizer (sentidos e significados), harmonizando origem (o advento) e chegada (através da construção).

FENÔMENO	→	é o <i>representado na consciência do sujeito</i> a partir de suas experiências, observações, imaginações.
SIGNIFICADO	→	é o <i>querer-dizer para o sujeito</i> deste fenômeno na sua visão e entendimento psicológicos e/ou socioculturais.
INVESTIGAÇÃO	→	é o <i>discutido, compreendido pelo pesquisador</i> , a partir do significado trazido/atribuído pelo sujeito.

Tabela 1 – Processo de pesquisa qualitativo¹⁵.

O termo **qualitativo** designa uma análise dos sentidos, que vão, gradativamente, ganhando consistência nas práticas. O sentido é a virtualidade que

pulsa nas ações (o processo da vida) e atravessa o significado, uma vez que está na ordem das intensidades. Desse modo, o desafio – de qualquer pesquisador que se aventure nas veredas de uma pesquisa qualitativa – é ir além do reconhecimento das representações estabelecidas na comunidade investigada, dos consensos que dão forma e apresentam a vida como uma estrutura definida nos seus valores, produções e expectativas. Pois, *qualitativo* refere-se, nesta intenta, à possibilidade de recuperar as histórias dos movimentos de um determinado contexto (percebidos nos conflitos, nas divergências, nas ações que fazem diferença, que facultam a produção de sentidos outros, frente ao hegemônico, para um futuro indeterminado). Isso implica escapar ao crivo que serve para diagnosticar os desvios na funcionalidade cotidiana das organizações sociais, afirmando a diferença como um modo de ser possível nas relações do coletivo.

Uma pesquisa de cunho qualitativo busca acompanhar o cotidiano das práticas, criando um campo de problematização para que o sentido possa ser extraído das tradições e das formas estabelecidas, instaurando tensão entre representação e expressão, o que faculta novos modos de subjetivação¹⁶ (ROCHA & AGUIAR, 2003).

Como a subjetividade dos indivíduos se expressa de inúmeras e diferentes formas, surge, então, a necessidade de se estudar tais formas, também. Isso dá uma nova ótica para como se encarar os fatos e acontecimentos. Assim, assumi-se a análise daí

¹⁵ Baseado no modelo proposto por Turato (2003).

¹⁶ Sendo a subjetividade efeito de múltiplas determinações em tensão, a consciência seria sempre parcial, existindo em permanente conflito no processo de entendimento da vida e, portanto, sem a possibilidade de um estado pleno de lucidez.

oriunda, como sendo um “*recorte*” no fluxo de comportamentos dos indivíduos em interação (ZANELLI, 1997), optando-se por adotar uma metodologia que permita um aprofundamento sobre o tema investigado, detectando, tanto a dimensão manifesta, quanto a *não-manifesta* de um dado fenômeno social. O que se espera, com isso, é a obtenção de informações relevantes para a compreensão da construção dos significados (subjetividade) conferidos ao esporte.

Assim, a fala e o comportamento humanos denotam angústias e ansiedades da pessoa, as quais devem ser encaradas e acolhidas pelo pesquisador que se vale deste paradigma. Turato (2003) aponta que, na realidade, essa angústia e ansiedade humanas são a força - oriunda no mundo interno no cientista - que persuade e impulsiona à investigação.

Uma característica importante quando do uso de uma metodologia qualitativa diz respeito à condição do **pesquisador como instrumento**, onde o autor afirma que, ao se definir na pessoa do investigador um instrumento - senão o principal - de coleta e registro dos dados do campo, concomitantemente, assume-se que são suas percepções que apreendem os fenômenos e sua consciência os representa e os elabora.

Contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre esporte

No caminho que estamos percorrendo, cabe, agora, uma discussão das possíveis contribuições teóricas da Psicanálise, mais especificamente, os conceitos aplicados às pesquisas com o esporte. Não é intenção nossa, um aprofundamento na Psicanálise, mas tomar de empréstimo alguns de seus pressupostos que possam contribuir em nossa proposta, de se escutar os fenômenos esportivos, enfocando o entendimento dos aspectos dinâmicos que se integra ao entendimento do funcionamento dos processos e dos comportamentos esportivos.

Para tanto, este tópico está dividido em duas partes: reflexões sobre questões epistemológicas, questões metodológicas.

Aspectos epistemológicos

Para entendermos de que maneira (epistemologicamente falando) a Psicanálise trata as questões do esporte, precisamos trazer à mão sua história, as influências que a determinaram e as circunstâncias pela qual ela foi criada. Freud a vê como um método de pesquisa das neuroses, mais especificamente, um método de tratamento, entretanto, na medida de seu desenvolvimento, foi aparecendo extensão para outros campos. A partir da descoberta da sexualidade infantil, vemos a Psicanálise assumir um novo modo de encarar os processos psíquicos, pois estes passam a ser

medidos pelo valor do seu efeito sobre elementos afetivos, sendo essa a especificidade para a mudança de foco da visão da vida psíquica.

Assim, do ponto de vista epistemológico, ao emprestarmos da Psicanálise alguns de seus conceitos, conseguimos entender a dinâmica do mundo esportivo, significa enfocar os processos intrapsíquicos e o inconsciente como fundamentais na determinação dessa dinâmica, a qual envolve relações simbólicas indivíduo-esporte. E também, considerar o não-dito como um referente para interpretar os dados e entender os fenômenos esportivos.

A dúvida do que está lá, além da consciência, além do manifesto é a marca freudiana. Essa dúvida tem de estar na base das pesquisas que utilizam os referenciais psicanalíticos. Logo, surge a pergunta fundamental: “O que está por trás dos comportamentos”? Faz-se necessário, primeiro, investigar o próprio comportamento manifesto, pois este é que foi constituinte de um caminho para ser desvelado o comportamento latente (CELES & BUCHER, 1984).

Destarte, o dado empírico, em si mesmo, é o ponto de partida para a dúvida, pois, a interpretação desta dúvida se instala em uma epistemologia construtivista-subjetiva e uma metodologia abrangente e lógica nas suas próprias especificidades.

Nesta perspectiva, caberia a questão – que traz controvérsias ao serem julgados os modos de fazer ciência como erros epistemológicos – de como combinar

ciência empírica com metafísica, lugar dado à Psicanálise pelas ciências naturais. Há, então, a necessidade de se rever os critérios de cientificidade, criando-se uma epistemologia diferencial, que desse conta de uma integração entre o teórico e o empírico, de maneira a questionar como o conhecimento é desenvolvido. Assim, é na interpretação dos dados que podemos encontrar a maneira pela qual se é possível construir o conhecimento, onde os conceitos desenvolvidos em determinado campo de estudo são considerados como os pressupostos epistemológicos que os sustentam.

O manuseio do referencial freudiano dá condições de se interpretar os fenômenos esportivos a partir de uma rede de significados, levando-se em conta o âmbito esportivo como uma entidade psicológica. Não se negligencia suas formas de funcionamento e processos, e como um fenômeno não teria outro caminho para desvelá-la enquanto *sujeito de si próprio*, senão pela apreensão dessa rede de significados. É a partir da análise do manifesto – através da utilização de instrumentos variados – que se pode perseguir o significado latente que dará sentido a um contexto específico num determinado momento da dinâmica esportiva.

Destarte, usar o referencial psicanalítico nas pesquisas sobre o âmbito esportivo, significa tomar seus conceitos de empréstimo para entender um objeto: a relação simbólica indivíduo-prática esportiva-sociedade do esporte e a dinâmica em que esse objeto está inserido. Para tanto, busca-se a objetividade necessária à ciência, o que não significa a desconsideração da dúvida como lugar do inconsciente e a construção subjetiva do conhecimento a partir da interpretação daquilo que é empírico.

A interpretação, então, assume lugar central nas pesquisas das práticas esportivas com o referencial psicanalítico. Tal interpretação se expressa em um duvidar do que está posto. É necessário um exercício sistemático da dúvida para entender o significado do fenômeno, os motivos do pesquisador e do pesquisado para emitir esta ou aquela fala, resposta e/ou indícios, sendo a construção de uma rede de significados originada numa variedade de dados, o ponto de partida para entender a dinâmica esportiva.

Para se fazer pesquisa na sociedade do esporte valendo-se da Psicanálise, é necessário atentar-nos às particularidades epistemológicas do modo de construir o conhecimento. Uma primeira particularidade diz respeito à busca de *insights*, mais do que um volume uniforme e unidirecional de dados, pois, a Psicanálise presa a desconfiança da verdade, da fala manifesta e adiciona as experiências do passado para explicar fenômenos atuais, não aceitando as evidências dos significados. A busca dessa *verdade* não é para desmenti-la no nível cognitivo, mas para engajar o seu sentido no nível do significado e do desejo, no nível que não é mentira cognitiva, mas verdade da gratificação do desejo.

Outra particularidade se mostra na resistência dos participantes da pesquisa. Essa resistência deve ser apropriada pelos pesquisadores que, ao descobrirem seus objetivos e seu respectivo funcionamento, adquirem uma grande possibilidade de corroborar suas interpretações.

Nesse sentido, muito se tem a aprender com o diálogo entre as teorias esportivas e a Psicanálise, podendo se encontrar como uma excepcional contribuição para tais teorias, com a exploração do inconsciente, usando seus referenciais teóricos para modificar o já posto, procurando provar, testar, desenvolver e transcender alguns dos construtos que vem estudando a Psicologia do Esporte, na tentativa de ampliar os *insights* sobre o fenômeno estudado.

Questões metodológicas

As maiores dificuldades de se fazer pesquisa no âmbito esportivo com esse referencial é que as teorias e conhecimento desta área têm bases muito variadas e sua aplicação é bastante específica, não sendo, por isso, possível usar o mesmo critério e testes para acessá-las. As pesquisas no esporte com o referencial psicanalítico devem usar diferentes estratégias metodológicas devido à complexidade do que se busca investigar, bem como, deve variar em função do objeto a ser estudado: o indivíduo (atleta, técnicos esportivos), a prática esportiva (modalidades) ou a sociedade do esporte, requerendo instrumentos específicos e coerentes com os procedimentos e análise a serem adotados.

Podem ser utilizadas como estratégias de coleta de dados observações, entrevistas, questionários e documentos (laudos, relatórios, pareceres). Cada uma destas estratégias aqui tratadas não podem ser descartadas, devem ser incluídas no escopo de suas especificidades, ao estarem ligadas a determinados objetos de investigação, que, no

caso, estão fundamentadas por referenciais psicanalíticos e visam ao entendimento da dinâmica esportiva, como objeto último de interpretação.

Quanto à observação, esta pressupõe o engajamento do pesquisador no meio ao qual o objeto está inserido, juntamente com seus membros. O objetivo é buscar, de maneira constante, o sentido do que parece trivial. Envolve um processo ativo, de movimento do detalhe para o geral e uma redefinição do geral para o particular. Ainda, deve ser precisa nas questões e nas áreas que tenham valor para análises posteriores.

Podem ser observadas coisas materiais do indivíduo e do comportamento dos grupos em interação. O que se entende por material é a natureza onde a prática esportiva funciona, as roupas dos indivíduos, entre outras categorias. Ao se focar os indivíduos (atletas e técnicos esportivos) e os grupos (equipes esportivas) que protagonizam a sociedade do esporte, é importante não perder de vista a idéia de que não se deve observar apenas o que falam ou fazem, mas como fazem e falam (a entonação da voz, o uso de *slogans* e jargões, a linguagem corporal, a manifestação das emoções, os sinais de confiança e desconfiança, *et cetera*).

De maneira que as categorias concernentes à observação devem estar circunscritas a partir do objeto a ser investigado. Nem sempre são necessárias observações de todas as categorias recomendadas, pois essa circunscrição está atrelada às outras maneiras de coleta de dados, complementares a elas. A eficácia desta modalidade de coleta de dados está no equilíbrio entre a busca de categorias a partir dos

referenciais teóricos da pesquisa, sem, entretanto, prender os dados em grades predefinidas.

Assunção (1977) define a entrevista, como um processo de ligação, de mutualidade, permeado pelos laços emocionais e processos imitativos e identificatórios, isto, pois, ao passo que o entrevistado explana, o receptor de seus conteúdos manifestos (o entrevistador) vai lapidando este falado *versus* o não-falado, o omitido *versus* o reprimido. Aquele que entrevista acessa o imaginário através do simbólico: a linguagem. Difícil constatar na entrevista esse imaginário? Sem dúvida, haja vista, geralmente estar associado a conteúdos carregados de medo, ameaça e ansiedade. As análises realizadas neste contexto enfatizam a estrutura dos seus componentes, bem como, a observância dos significados emersos. Isto possibilita a identificação da relação de quem está sendo entrevistado com a pessoa do entrevistador, com o intuito de buscar a compreensão de como o entrevistado faz suas trocas no passado e como elas se revelam e/ou atualizam agora no presente, na relação atual.

Assim, sob a perspectiva metodológica da Psicanálise, analisar o que é expresso de maneira verbal e de maneira não verbal (linguagem) é fundamental. Importante, ainda, é não se esquecer de que, a realização desta análise com um caráter minucioso é também essencial, pois, sem isto, não seria possível pesquisar utilizando o referencial psicanalítico. Expliquemos melhor. Os elementos reveladores do latente serão encobertos pelos elementos falados e descritos no discurso manifesto. De maneira que, não havendo espaço para a dúvida, a interpretação final dos resultados fica

comprometida, como o viés mais adequado à feitura da pesquisa em punho da Psicanálise.

A entrevista, para aqueles que se valem de referenciais psicanalíticos, é concebida como uma relação intersubjetiva entre dois sujeitos com suas histórias de vida, conflitos e ambivalências. Isto porque, tendo em vista que os desejos mais antigos e profundos perpassam no momento da entrevista, eles se manifestam nos pedidos e vontades do entrevistado. O inconsciente se faz presente na forma de desejos durante a realização da entrevista (BLEGER,1991; MANNONI, 1981).

A ação principal na entrevista, na pesquisa com Psicanálise na prática esportiva, é estimular a fantasia de quem se entrevista. Uma entrevista produtiva, neste referencial, para ser considerada assim, necessita de uma grande habilidade de se ouvir; a postura vigente é a de estar livre para ouvir o que está fora de sua expectativa. De maneira que, as hipóteses construídas precisam estar concomitantes às questões (sem um roteiro ritualístico). Os fatores mais importantes na entrevista são a concentração e o envolvimento emocional, pois, quando do término da entrevista, o pesquisador precisa estar apto a responder as seguintes perguntas: Por que não simpatizei com esta pessoa? O que me causa desconforto com o que ela me disse? Por que, subitamente, mudei minha atitude num determinado ponto da entrevista? De que maneira eu poderia ficar mais perto do cerne da questão? Por que o que esta pessoa disse me mobilizou?

Após esta análise, os dados da entrevista devem ser combinados com informações factuais do ambiente que circunscreve o atleta, a equipe esportiva, comissão

técnica, bem como com a realização da prática esportiva, não se excluindo outros dados relevantes como dados financeiros, incidentes importantes, dados demográficos e outras estatísticas.

No que abarca a utilização dos questionários, no referencial psicanalítico, vemos que esta se dá de maneira um pouco incipiente. A recomendação paira pela utilização de questões (perguntas) abertas - o relato de um acontecimento que gerou embaraço, tristeza, raiva, alegria, no treino, por exemplo. Outra possibilidade é a utilização de técnicas de associação de palavras, onde o pesquisador explana uma palavra e o sujeito diz de que a palavra o faz lembrar.

Outro instrumento estruturado a ser utilizado pelo pesquisador, por seu papel descritivo, é a escala de atitudes. Ele possibilita descrever uma determinada situação (em aspectos gerais) da prática esportiva (pelo menos a equipe enfocada) sob o ponto-de-vista da maioria de seus membros, mostrando a direção para a qual acontece o fenômeno, num naquele momento e contexto esportivo. Seus resultados possuem grande valia para subsidiarem e corroborarem tanto entrevistas, quanto observações.

Outra modalidade se configura pelo estudo de documentos (laudos, relatórios, regimentos, pareceres, dados estatísticos, *et cetera*). Sua utilização na pesquisa de cunho psicanalítico procede de igual forma às pesquisas com teorias esportivas. A principal distinção encontra-se na maneira como se analisa. O referencial freudiano pressupõe existência de um conteúdo latente, que perpassa o manifesto. O fim é

entender as informações no contexto em que foram produzidas, quem produziu, o porquê de sua produção, para quem se destinou e qual sua intenção.

Ao se coletar os dados de maneira qualitativa, percebe-se a suficiência de sua sensibilidade a permitir a análise do particular e o quantitativo, do geral. Dessa forma, constituindo os procedimentos nos quais estão envolvidos (quais, como e por que ocorrem) determinados fenômenos na sociedade do esporte, permitindo o desvelamento da sua dinâmica.

A natureza do campo de investigação é quem dita as estratégias de pesquisa a serem adotadas. Para a presente empreitada, o mais pertinente se pauta na busca pela descoberta do significado inconsciente e o processo em que ele se insere. O acesso à dinâmica esportiva tem favorecida a utilização de várias técnicas de coleta de dados. Ao se privilegiar apenas um tipo de técnica, e sim, um conjunto de estratégias metodológicas, sendo este o ponto de partida para interpretação, característica fundamental para a prática em pesquisa sob o referencial psicanalítico.

O *know how* (a arte) característica, bem como, a habilidade tácita do método científico, se expressa pela interpretação, podendo, ou não, serem aprovadas pelos critérios convencionais da ciência. Levenson (1983) levanta a possibilidade das interpretações se caracterizarem como originais, preceptivas, como também, incompletas, sem direção, fracas e erradas, ou seja, nem sempre todas as interpretações podem ser vistas como válidas. Attingir sua validação relaciona-se a quatro fatores de corroboração (tornado-as fortes): a) a interpretação das partes necessita estar consistente

com a interpretação geral; b) uma mesma direção para diferentes signos; c) as evidências que sirvam para sua própria refutação, devem estar claras; d) a interpretação tem um endereço certo. *Como* aconteceu é explicado, suplantando o menos forte para que o forte se sobressaia.

A essência da pesquisa (sob o prisma do referencial psicanalítico) é a interpretação. Esta tem a capacidade de revelar e discutir aquilo que não foi desejado, que esta latente (inconsciente). A busca deste dito/não-dito é que propicia a construção do conhecimento, do avanço do que ainda não foi revelado pelas pesquisas realizadas até o momento, quando se trata de entender a dinâmica esportiva.

A pesquisa empírica

A problemática da pesquisa empírica com o uso do referencial psicanalítico apresenta-se no objeto que se presta estudar, responsável pela acessibilidade do conteúdo e dos processos inconscientes que permeiam a sociedade do esporte. Tais objetos não constituem em si mesmos elementos do inconsciente, entretanto, a investigação de sua natureza (relações e características) possibilita a manifestação do inconsciente. A interpretação dessa expressão se dá a partir de um conjunto de dados sobre o objeto de estudo.

As emoções, por exemplo, tem a sua possibilidade de investigação, respaldada mediante o questionamento sobre os sentimentos expressos pelos atletas em determinado contexto ou quando de sua submissão a certas situações da prática

esportiva. Tais emoções podem ser relacionadas com elementos que associam experiências passadas com o vivido atualmente, o que possibilita, também, a apreensão das estratégias de controle destas emoções e de suas relações com os outros presentes no contexto da prática esportiva (atletas, técnicos, torcida, família, *et cetera*).

A utilização de metáforas concede ao pesquisador condições de investigar questões que abarquem a percepção dos protagonistas (atletas, comissão técnica) e de sua equipe esportiva, fazendo uso de analogias com objetos, pessoas ou situações. É preciso estar em foco para o pesquisador a reação destes protagonistas frente à própria metáfora criada por eles ou dada, os sentimentos envolvidos que direcionam para uma interpretação dos conteúdos projetados na realidade esportiva, as fantasias, idealizações e identificações a fim de ser verificado o conteúdo inconsciente presente nesta situação.

A relevância do uso do referencial psicanalítico

A discussão dos aspectos epistemológicos e metodológicos do uso do referencial psicanalítico nas pesquisas no âmbito esportivo suscita mais indagações e reflexões do que conclusões. Por ser um campo relativamente recente, que não conta com um número suficiente de pesquisas empíricas, não é possível a elaboração de um conjunto de princípios que fundamentem todas as investigações da área. Ainda são muitas as especificidades teóricas e metodológicas que têm guiado a maioria das pesquisas, o que não invalida sua contribuição para o presente estudo, pois, traz o fortalecimento deste campo de investigação.

Uma das maiores contribuições do uso do referencial psicanalítico é a problemática da dúvida, da interpretação e da forma como o conhecimento é construído, sem desconsiderar a importância dos conceitos específicos à Psicanálise, como o inconsciente, a teoria da sexualidade infantil, a teoria das pulsões e a transferência, para o entendimento das relações simbólicas indivíduo-prática esportiva-sociedade do esporte.

Apesar de esta dúvida fazer parte de qualquer modo de se fazer ciência, a dúvida sobre o que é dito e a busca pelo que se encontra por trás do que se apresenta aparentemente banal, constitui algo novo, que influencia no modo de ler e escutar os fenômenos esportivos. O conteúdo manifesto também tem seu lugar, sendo, inclusive, a partir de sua existência que o latente pode ser desvelado.

Essa dúvida se encontra na base do processo de interpretação, realizada de forma complementar no contexto e com direção própria, como um meio para construção do conhecimento, complementando os aspectos descritivos, funcionais e processuais com os aspectos analíticos, estruturais e dinâmicos para buscar entender a rede de significados mais amplos que envolvem os fenômenos na sociedade do esporte.

O pesquisador que se vale desta perspectiva diferencia-se essencialmente pelo modo de escutar (a escuta do inconsciente), assim, o pesquisador da sociedade do esporte que se vale do referencial psicanalítico também se diferencia de outras abordagens no modo de escutar os fenômenos esportivos. Ainda, diferencia-se na forma de olhar os fenômenos e analisar os dados. Os dados expressam significados que não se

reduzem aos dados em si, nem, tampouco, se caracterizam como estratégias metodológicas que criam diferencial epistemológico; o importante é a interpretação dos dados e a forma como o conhecimento é construído.

Esse modo de escuta esportiva revela uma intersubjetividade que envolve a relação pesquisador-pesquisados, que faz parte do contexto de investigação, constituindo, em algumas pesquisas com esse referencial, dado de análise e interpretação.

Nossa posição se direciona na idéia de que, é na pesquisa empírica que se encontra o principal caminho para se verificar as possibilidades de diálogo entre diferentes disciplinas. Vê-se, nesta análise, que a complementaridade, não significa transposição conceitual ou aplicação direta de conceitos e sim, implica a manutenção das especificidades, abrindo um caminho importante para a realização de pesquisas na sociedade do esporte, capacitando seus pesquisadores a conceder uma explicação diferente para os fenômenos esportivos, onde a dúvida tem lugar na forma como se escuta os próprios fenômenos.

Construindo o objeto de estudo

Levando-se em consideração a necessidade de se entender de maneira mais sistematizada a dinâmica relacional entre técnico e atleta, faz-se necessário construir, de maneira suficientemente ampla, mas, ao mesmo tempo, passível de aplicação, o objeto ao qual esta pesquisa se presta a estudar. De maneira que, a seguir, são apresentados alguns nortes que configuram o objeto alvo. Alguns conceitos que referenciam o entendimento acerca da modalidade *handebol*, a equipe (*atletas* e o *técnico*). Tais conceitos e suas decorrências psicológicas são atravessados de maneira constante pelo clima de competitividade e intensa socialização – eles têm como pano de fundo a sociedade competitiva do esporte de Guttmann (1978) e Bourdieu (1980), apontada anteriormente.

O Handebol

Para além de modelos prontos acerca desta modalidade esportiva, no entanto, faz-se mister apresentar alguns conceitos que norteiam os entendimentos na dinâmica do jogo. Conceitos propostos por Knijnik (2004), os quais, para este estudo, serviram como embasamento mínimo à forma como se caracteriza os praticantes e o contexto do jogo para que este possa ser refletido em sua prática, relacionando o atleta (praticante) e o contexto dinâmico do jogo.

Atividade de oposição

O handebol é categoricamente um jogo de oposição. Haja vista, sempre haver alguém se opondo a um Outro: NA DEFESA (tentando tomar a bola); O GOLEIRO (tentando evitar o gol); ou seja, o atleta é o opositor quando procura tomar a bola, bloquear o arremesso, ou fazer uma defesa de um arremesso a gol. **A atividade de oposição é uma característica inerente ao jogo.** Este conceito é trabalhado desde a iniciação esportiva: na maioria das atividades dos atletas iniciantes contêm alguma situação de oposição.

De maneira que, nos treinamentos das habilidades de arremesso, do passe, de se bloquear, de interceptar, há a presença constante de um opositor, pois, nisto a rivalidade viva do jogo não reside. Destarte, ao se realizar um arremesso, a presença de alguém que impeça a bola de invadir a área do gol é fundamental; ao se trocar passes, a presença de um “*ladrão de bola*” é imprescindível. O atleta aprende desde cedo a lidar com um oponente de todos os jeitos, ou, então, se acostuma a realizar uma oposição, mesmo que esteja jogando sem a bola (na defesa, ou jogando como goleiro).

Ao assumir o papel de *oponente*, o atleta, quando em posse da bola, vê-se compelido à executar e “criar” variadas e sortidas maneiras de habilidades motoras, no intuito de romper com esta oposição – “*passes de diversos tipos, dribles com bola, fintas com o movimento do corpo e das passadas, retificações de arremessos*” (KNIJNIK, 2004, p.5). No *quesito* afetivo-emocional, aquele atleta em posse da bola vê-se sempre acostumado a situações de “*pressão*”; treinando e aprimorando o “*não ficar tão nervoso, ansioso ou*

temeroso” com a presença de um opositor e, assim, assumi a postura de “*ter calma*” e a refletir (considerar a melhor jogada) frente à oposição.

Aquele que assume o papel de opositor, constantemente, atua sem bola. Para ser mais preciso, a maioria dos atletas atua sem a bola a maior parte do tempo. Assim, quando em oposição, sua missão principal é: “*como e onde marcar o adversário*”; os espaços os quais devem ser preenchidos e os tempos em que deve atuar para dificultar as ações dos *invasores*, ou mesmo, a retomar a posse de bola. Uma característica *sine qua non* desta modalidade é o exercício de atitudes defensivas com o corpo, no mesmo passo em que se alimenta a *vontade* de impedir que o oponente chegue ao seu objetivo.

Automatismos inconscientes

Outra característica da atuação dos atletas desta modalidade é estarem, sempre, submetidos a uma série de *repetições corretas* de um determinado movimento, o que acarreta, na maioria das vezes, uma tendência a um automatismo¹⁷. Este processo de automatização abre, conseqüentemente, certas portas de acesso à mente para novas formulações e aperfeiçoamentos deste movimento, ou para outras questões que o ambiente coloque (KNIJNIK, 2004).

Para o autor, este conceito de automatismos inconscientes¹⁸ implica, desta forma, em realizar movimentos sem que grande parte da atenção mental se volte para eles. Logo, seria a mesma coisa que uma pessoa já bastante “*vivida*” ser capaz de realizar

¹⁷ De modo que, partindo-se do instante em que a execução é efetuada de maneira mecânica, o movimento em si não requer mais que se preste tanta atenção em todas as partes de sua execução.

ações, tais como: dirigir veículos, correr, ou mesmo andar, sem pensar¹⁹ no que esteja fazendo. Isto significa criar, portanto, espaços e possibilidades para que sua mente esteja atenta a outros fatores que envolvem aquela pessoa em um dado momento. Nesta ótica, quando um adolescente está ao computador, por exemplo, poderá estar mais atento ao conteúdo daquilo que coloca em seu texto, sem que desconsidere o que o âncora do telejornal está anunciando, ou o não admirar o solo de guitarra da sua música preferida tocando no rádio e, ainda sim, conseguir manipular e digitar bem as teclas de seu PC.

Quanto mais o atleta esteve sob a hegemonia deste tipo de realização, maior será a possibilidade em realizá-las automaticamente, de forma a demandar menor atenção do outro a seu redor. Especificamente no handebol, o conceito de *automatismos inconscientes* precisa ser entendido como uma pretensão para o desenvolvimento de uma execução das principais habilidades da modalidade. Isto significa dizer que, a atuação, por meio de automatismos inconscientes, promove uma maneira de construção de tarefas e ações, nas quais movimentos combinados básicos da modalidade²⁰ estejam presentes e sejam obrigatoriamente realizados pelo atleta, sem que o técnico profira ordens diretas de correção quanto ao movimento. Implicando, por esta lógica, em que a habilidade aparece como condição *sine qua non* para que ocorra sucesso no jogo, tornando o atleta refém de suas habilidades técnicas e motoras.

¹⁸ Ou domínio inconsciente do movimento.

¹⁹ “*Sem pensar*”, no sentido figurado, expressa que a atenção do executante naquele momento está diretamente voltada para outras ações e objetos, ele não precisa pensar diretamente nas diversas etapas daquele movimento, pois já o tem sob quase total controle.

²⁰ Como o passar e receber a bola correndo, driblar a bola em locomoção olhando para frente, arremessar com salto.

Sem perceber, motivado pela atração que a jogo (competição) exerce sobre ele, o atleta acaba por realizar os movimentos básicos da modalidade, atingindo, assim, rapidamente, esta condição da execução de tais movimentos no handebol por meio destes *automatismos inconscientes*, de forma rápida, acrítica, prazerosa e mecânica. A intenção aqui é a de que o atleta consiga, prontamente, realizar os movimentos combinados da modalidade²¹, por meio da automatização inconsciente, com um conteúdo competitivo e motivante, essencial para este seu contato com o handebol (KNIJNIK, 2004).

Do contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada com uma equipe de handebol de Londrina, vinculada a uma instituição de ensino superior e à Fundação de Esporte do município, que, entre outras atividades, investe em esportes de alto rendimento. Para este fim, tem uma equipe de profissionais composta por: supervisor (administrativo), departamento médico (fisioterapeutas), técnico, e auxiliares técnico. Os atletas são oriundos de vários outros centros de tradição na modalidade (estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro).

Dos participantes

²¹ Ou seja, realizar os movimentos, conseguir jogar razoavelmente, fazer gols, ter sucesso, se motivar, gostar mais ainda do jogo, aprender mais movimentos, melhorar seu jogo – assim sucessivamente, num ciclo virtuoso que leve o iniciante a estar cada vez mais próximo do handebol, é o que se almeja.

Os participantes da pesquisa foram escolhidos no rol de equipes esportivas nas mais variadas modalidades. Para tanto, fez-se necessário selecionar uma equipe considerada de *alto-rendimento*. Dentre as várias existentes na cidade de Londrina, escolheu-se a equipe de Handebol masculino, a qual, dentre outros aspectos, se *enquadraria* significativamente no perfil de equipe que nos possibilitaria estudar a relação técnico-atleta, que motivou os passos iniciais desta pesquisa. A equipe se constituía, de um técnico esportivo de handebol e comissão técnica (preparador físico, supervisor, fisioterapeuta, preparador emocional), de dezesseis atletas, que tinham um contrato de ajuda de custos com o clube. Quase todos os atletas ou eram universitários, ou já haviam se formado, na faixa de 18 a 34 anos de idade, morando em Londrina, todos oriundos de diferentes times de handebol.

A questão problema

Os aspectos psicológicos da Equipe colocam algumas questões que são, à primeira vista, secundárias para a investigação de ordem psicológica.

Como foi dito anteriormente, o pesquisador que se vale deste instrumental, não se preocupa em se deter, em sua escuta, no fato de se estar inserido em determinado universo sociocultural. Esta questão, embora apresentando um valor teórico, não chega a interferir em seu trabalho. O fato de que o próprio pesquisador faça parte do mesmo (ou de outro) universo sociocultural é raramente problematizado. Isso não significa que as relações entre o psiquismo e cultura tenham sido ignoradas, mas, certamente, esta reflexão não costuma ser levada às últimas conseqüências, com as devidas repercussões sobre o contexto esportivo.

O pesquisador, assim, aprende, também, a não atribuir demasiada importância ao sintoma em sua acepção clássica. É tão sintomática uma sucessão de fracassos esportivos quanto um quadro compulsivo. Ele é compreendido como defesa necessária em função da angústia decorrente de conflitos. Ao trabalhar tendo como foco a angústia, a defesa deixa de ser necessária, e o sintoma desaparece.

Ora, no caso da equipe de handebol, somos confrontados com a fragilidade destas posições teóricas. Não parecia adequado isolar os componentes da equipe (técnico e atletas) do resto do mundo e, menos ainda, desconsiderar seu sintoma,

justamente em virtude da intrigante especificidade cultural que se caracteriza o fenômeno esportivo. Ao contrário, os integrantes da equipe nos obrigam a olhar para o “*chão da quadra*” e interrogá-los quanto ao mundo em que se lotam, capaz de produzir esse tipo de sintoma. Em outras palavras, este caso nos coloca radicalmente diante da relação psiquê-mundo.

Resultados encontrados

O Diagnóstico Psicológico de Equipes Esportivas (DPEE)²² tem no bojo de seus objetivos levanta as condições gerais de uma equipe esportiva em doze áreas e verificar suas características, embasando o diagnóstico psicanalítico. Permite, então, diagnosticar, dentre estas áreas analisadas, aquelas que mais caracterizam a equipe.

A utilização do instrumento, acima indicado, foi propositadamente feita com o intuito projetivo, isto corresponde que os dados e as opções escolhidas pelos atletas caracterizam-se por ser um dado empírico inicial, e, como dito anteriormente, os resultados encontrados, são o ponto de partida para a discussão e análise dos mesmos. De maneira que, as análises e as discussões estão diluídas em meio ao capítulo 4º.

²² Instrumento adaptado de Krauz, 1994.

A – RELAÇÕES INTERPESSOAIS

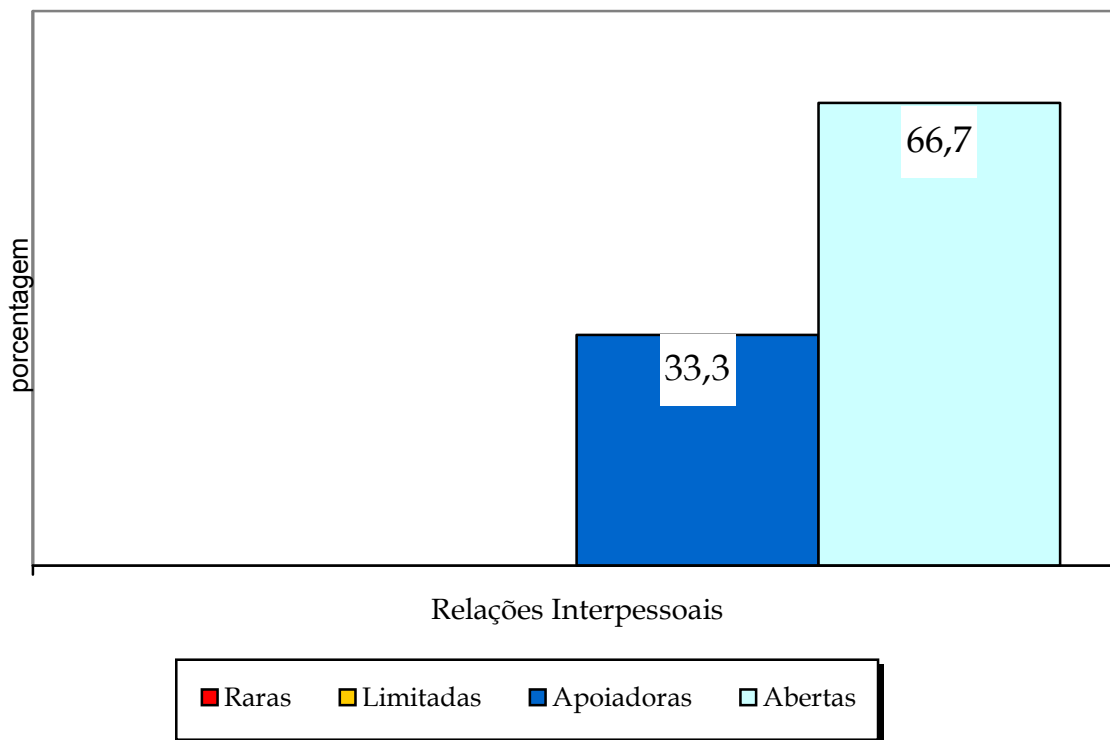


Gráfico 1 - Relações interpessoais.

A percepção que os atletas têm a respeito das *relações interpessoais* no ambiente de treinamentos e das competições influem na qualidade de seu desempenho. O isolamento e a aproximação, a existência ou não de pequenos grupos fechado e o grau de confiança interferem sensivelmente na performance, no nível de tensão e nos resultados da equipe. Como se pode averiguar, a maioria (66,7%) dos atletas da equipe aponta como *abertas* as *relações pessoais*, enquanto que 33,3 % os atletas pesquisados caracterizam como *apoiadoras* estas relações.

B – PADRÕES DE RELACIONAMENTO

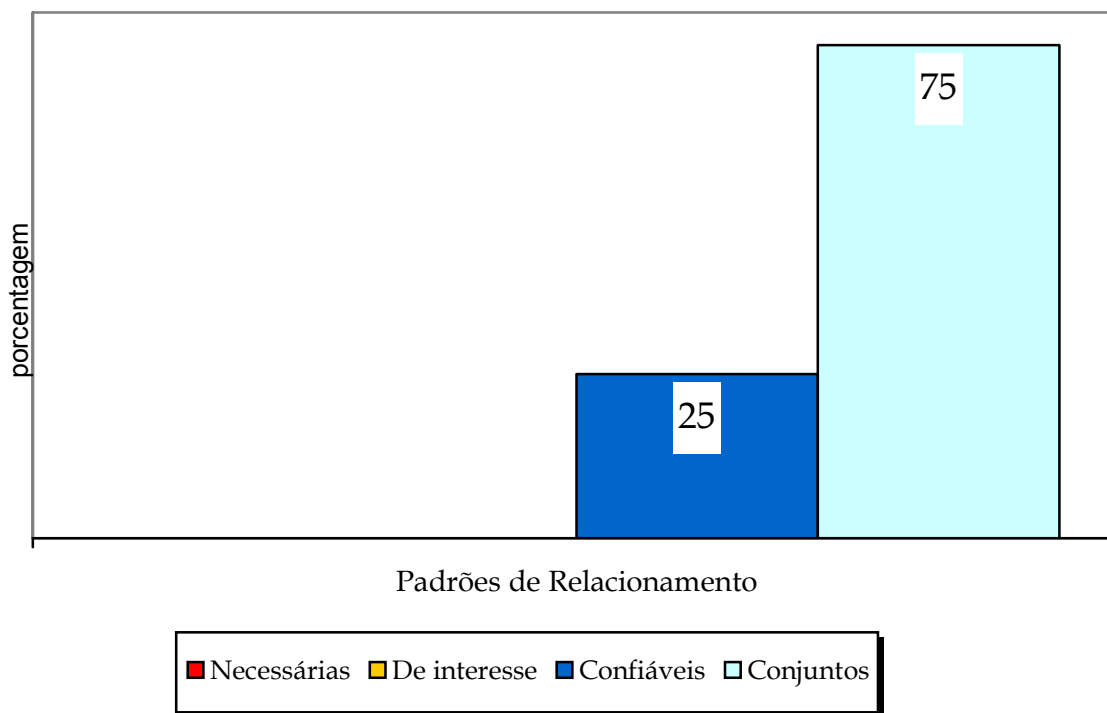


Gráfico 2 - Padrões de relacionamento.

No que tange aos *padrões de relacionamento* numa equipe esportiva, estes são um indicativo do grau de competitividade/conflito ou de cooperação/harmonia existentes na equipe. $\frac{3}{4}$ dos atletas acessados (75%) entendem como *conjuntos* os *padrões de relacionamento* da equipe, ao passo que os 25% restantes assumem como *confiáveis* estes padrões.

C – RELAÇÕES GRUPAIS

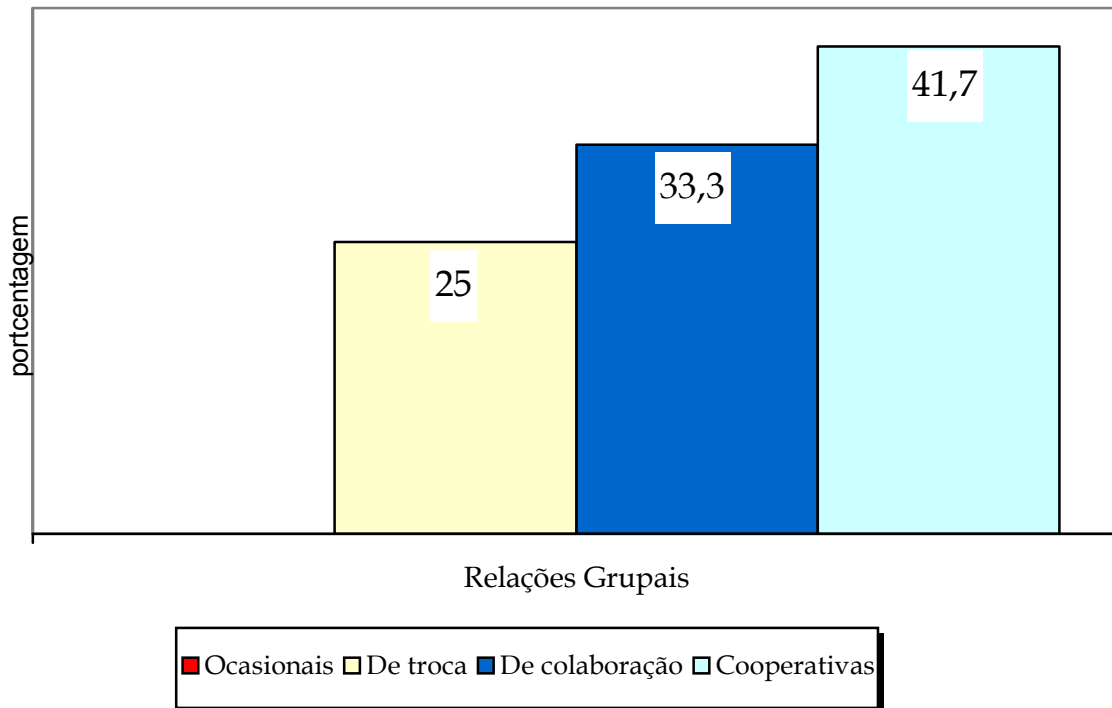


Gráfico 3 – Relações grupais.

As relações intergrupais indicam o grau de organicidade da equipe e como são encaradas as questões e os problemas ligados à interdependência. As relações são avaliadas *qualitativamente*, pois, são assim realçados a influência de todos os membros de uma equipe na elevação da qualidade de sua performance e o desempenho. Somente quando cada um da equipe se conscientiza da parte que lhe cabe e da necessidade de atender-se mutuamente é que a equipe se modificada como um todo. Nesta linha, as respostas expressas pelos constituintes da equipe se mostraram significativas, onde 41,7% classificam como *cooperativas* as *relações grupais*, 33,3% entendem-nas como de *colaboração*, e 25% indicam-nas como *de troca*.

D - PADRÕES DE COMUNICAÇÃO

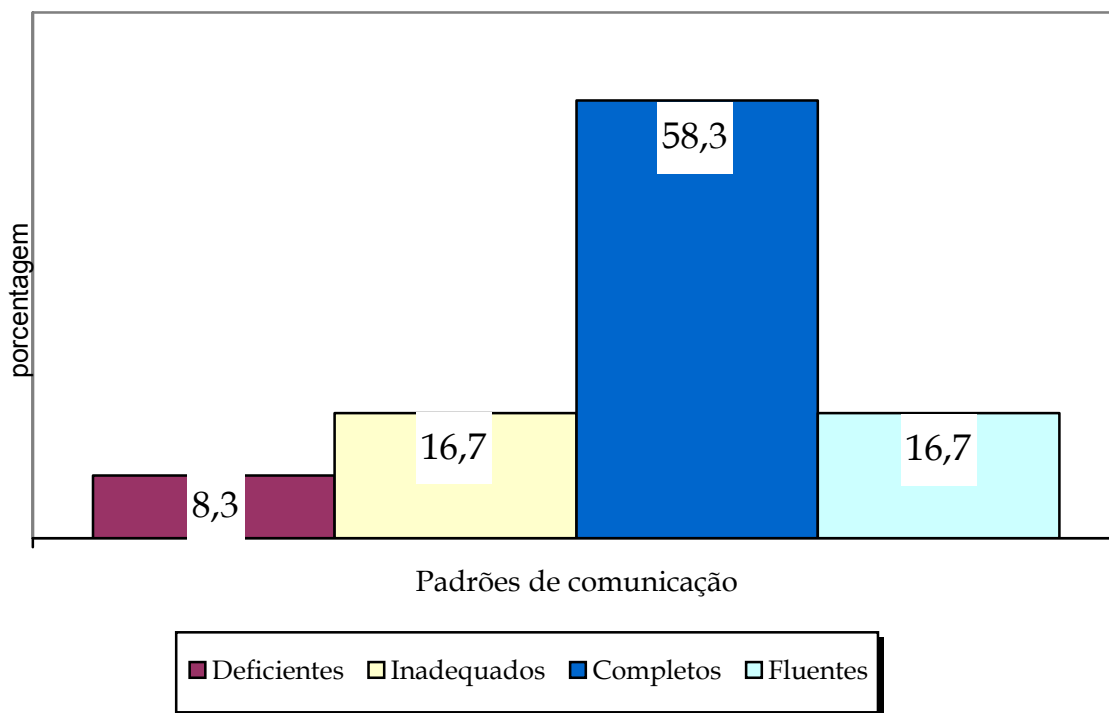


Gráfico 4 - Padrões de comunicação.

A comunicação é um dos fatores básicos da integração de esforços coletivos e a informação pode ser considerada a matéria do trabalho coletivo adequadamente coordenado. Sem padrões de comunicação adequados, qualquer equipe esportiva tenderá à desestruturação, em função do isolamento dos setores que a compõem e da falta de integração das suas atividades e da perda de informações. Logo, na opinião da população pesquisada, os padrões de comunicação apresentam-se *completos* para 58,7% dos atletas; *inadequados* e *fluentes* para 16,6% e *deficientes* para, apenas, 8,3%.

E - CANAIS DE COMUNICAÇÃO

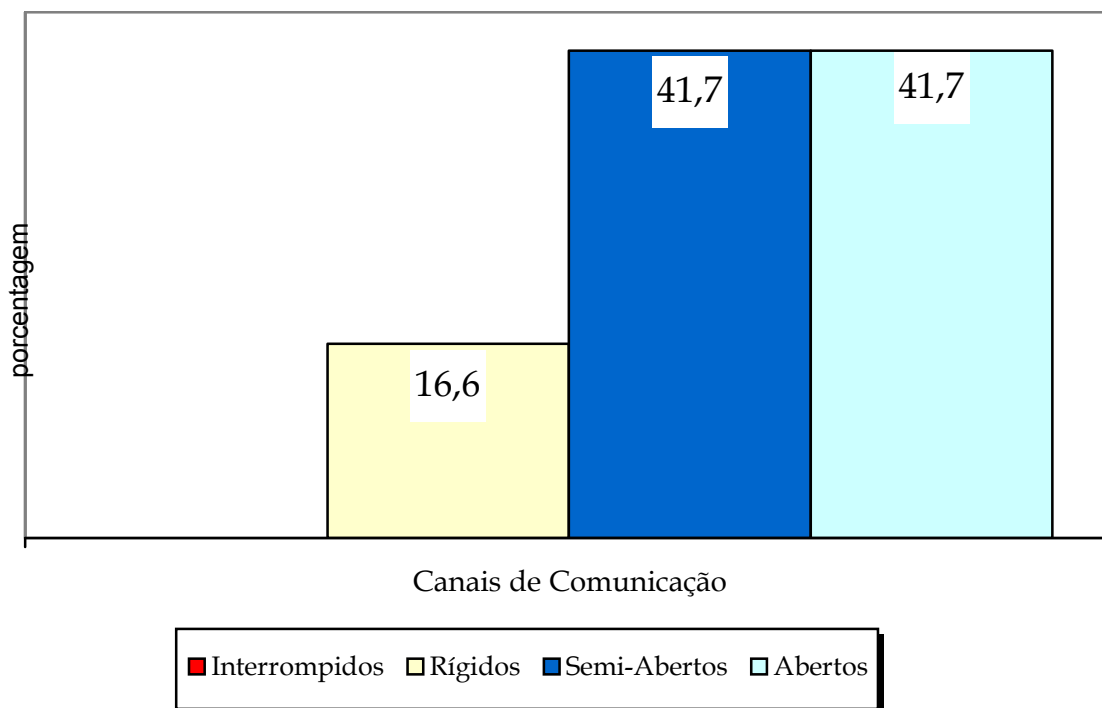


Gráfico 5 - Canais de comunicação.

Uma das causas mais comuns da comunicação deficiente nas equipes é a ausência de canais de comunicação abertos, que impedem a circulação e o acesso às informações relevantes para o bom funcionamento da equipe como um todo integrado. Equipes com estruturas hierárquicas rígidas e impermeáveis, falta de diálogo e insuficiência de informações, tendem a desenvolver canais de comunicação informais, onde circulam *boatos* e *fofocas*, que absorvem boa parte do tempo e da energia produtiva dos atletas e da comissão técnica. 41,7% dos atletas pesquisados entendem como *abertos* tais *canais de comunicação* e *semi-abertos* com o mesmo percentil. Apenas 16,6% encaram como *rígidos* estes canais.

F - ESTILOS DE LIDERANÇA

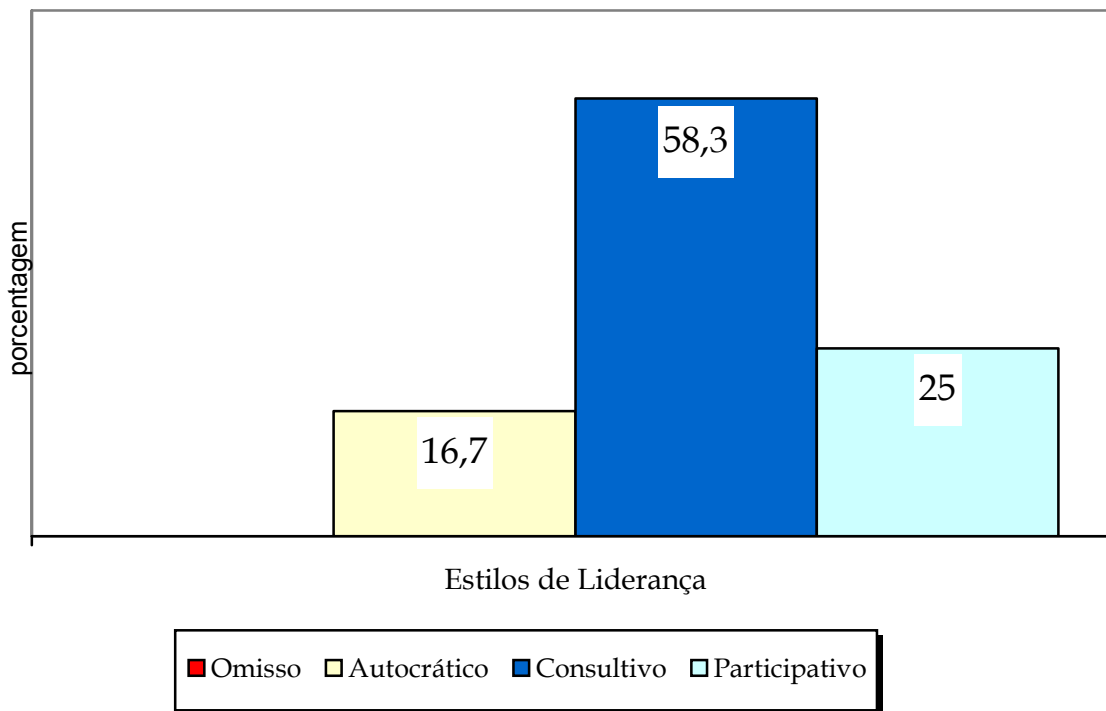


Gráfico 6 - Estilos de liderança.

Os estilos de liderança predominantes numa equipe esportiva contribuem enormemente para a integração/desintegração da equipe, além de ser um fator que repercute na qualidade das decisões, da resolução de problemas e no nível de contribuição de cada atleta para a obtenção dos resultados globais. A maioria dos atletas (58,3%) classifica como *consultivo* o estilo de liderar do técnico, já 25% o enquadram como *participativo* e 16,7% entendem como *autocrático* tal estilo.

G – PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO

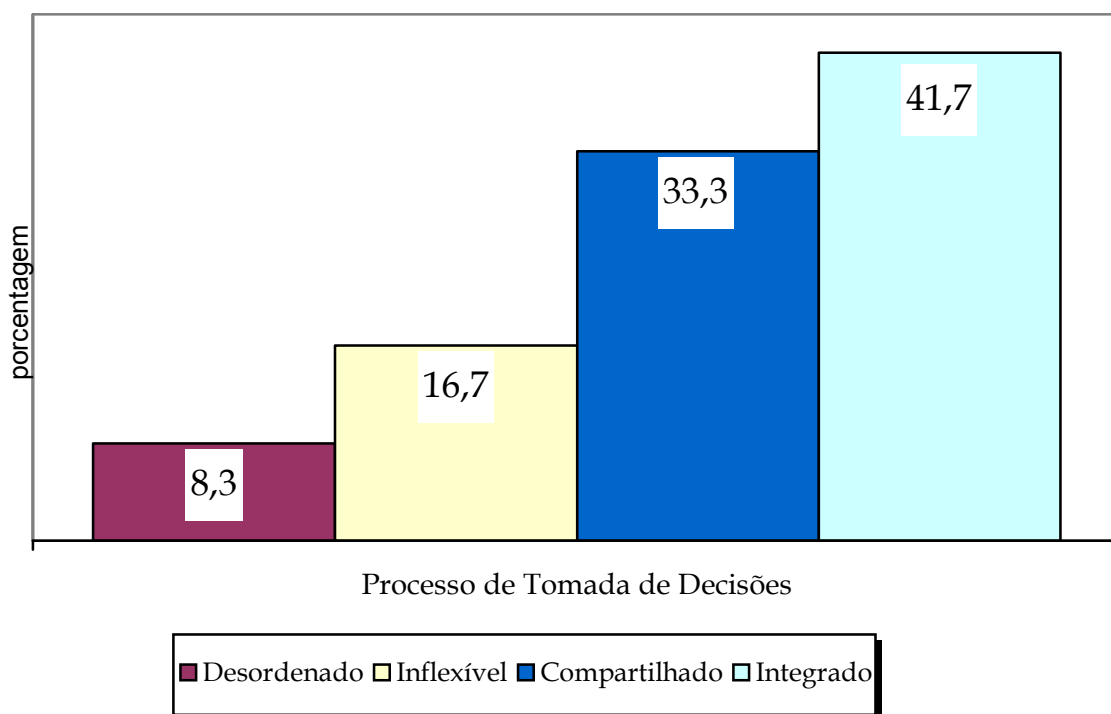


Gráfico 7 - Processo de tomada de decisões.

Toda e qualquer decisão tomada por determinado atleta repercute no funcionamento da equipe como um todo. Quanto mais as decisões forem aleatórias, ocasionais e desconsiderarem seus efeitos em relação ao todo, mais problemas serão criados. Conforme apresentado acima, 41,7% encaram como *integrado* o processo de tomada de decisões, onde 33,3% julgam como um processo *compartilhado*; 16,7% como um processo *inflexível* e; 8,3% como um processo *desordenado*.

H - PLANEJAMENTO

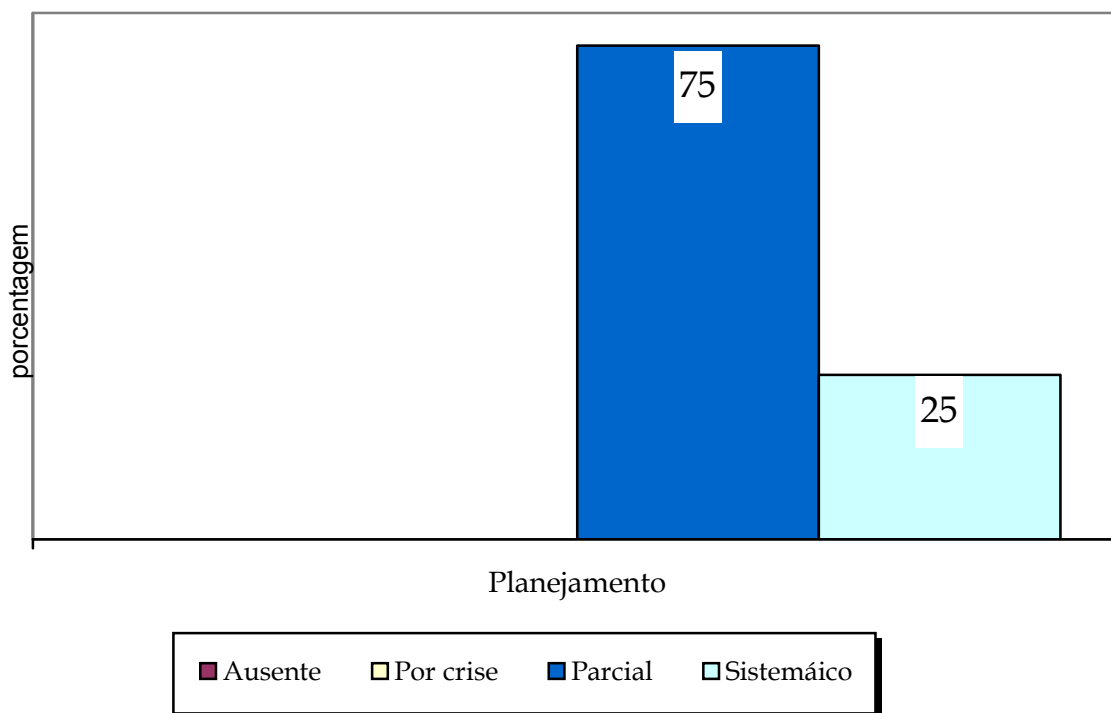


Gráfico 8 - Planejamento.

Uma equipe que não planeja, que não olha para o amanhã, é como um navio sem rumo. Cria muita movimentação, atividades e tarefas que em nada contribuem para a obtenção de resultados. Três quartos (75%) da população pesquisada considera *parcial* o *planejamento* promovido pela comissão técnica, enquanto que os 25% restantes consideram este planejamento *sistemático*.

I - RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

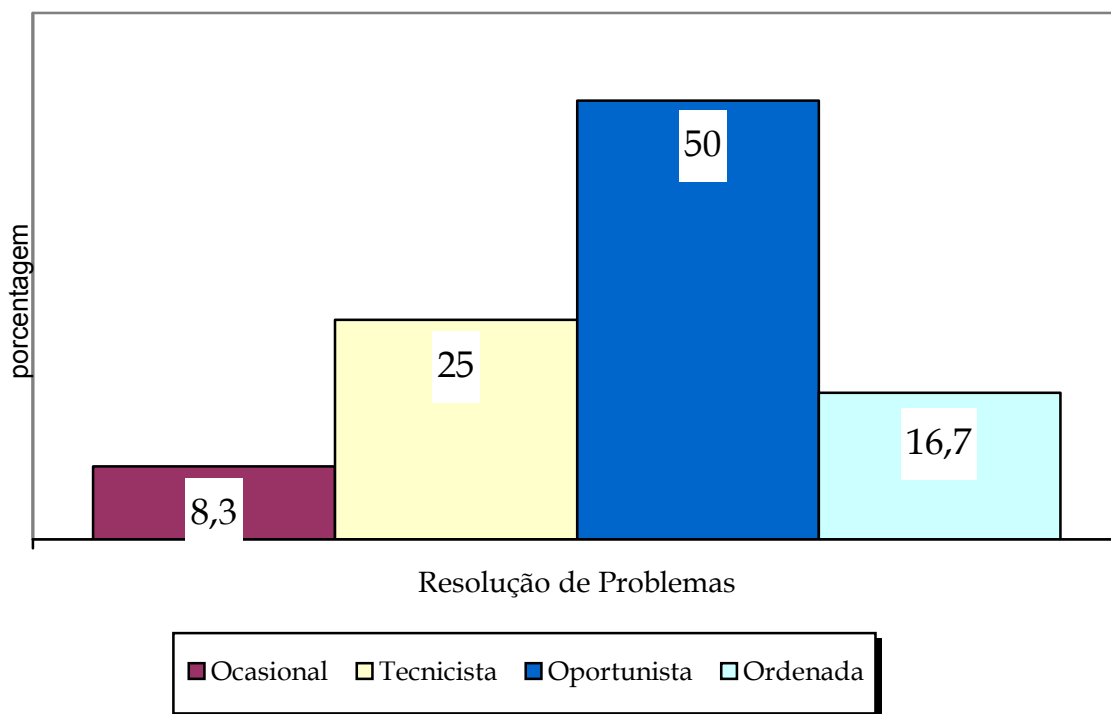
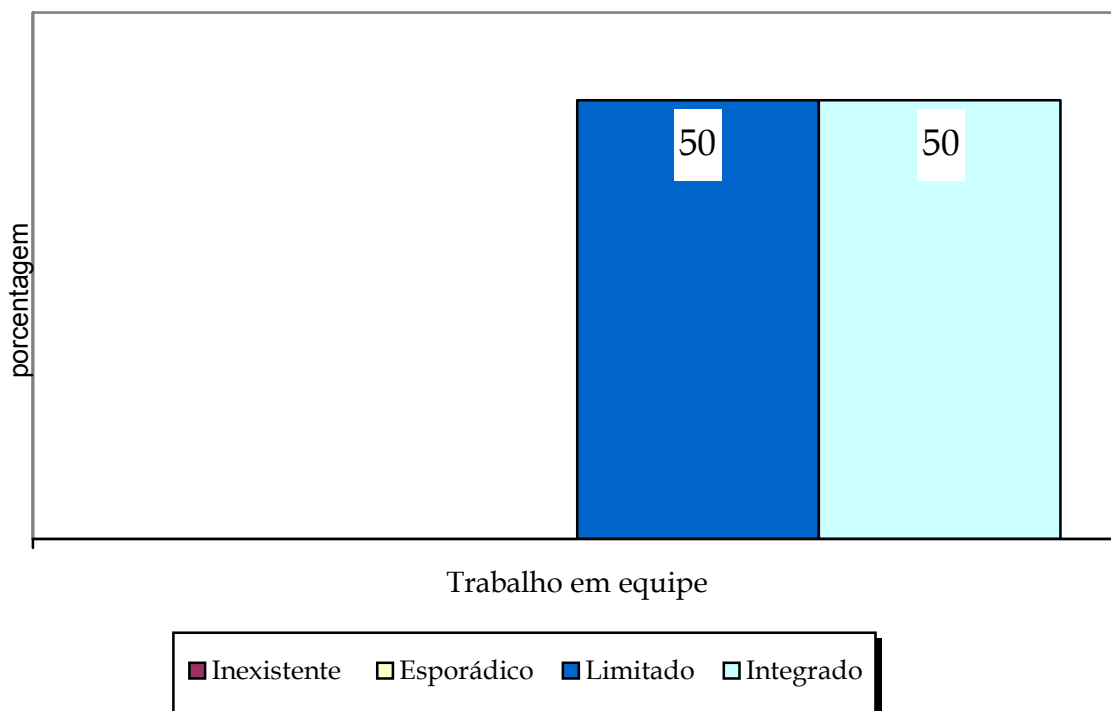


Gráfico 9 - Resoluções de problemas.

As equipes tendem a ter mais problemas do que podem resolver. Se não houver uma preocupação constante no encaminhamento de soluções para os problemas importantes, que fogem à rotina, estes se tornarão urgentes e poderão ocasionar crises que prejudicam a performance coletiva, ocasionam desperdício de tempo, recursos materiais e humanos, afetando, ainda, o nível de motivação dos atletas. Metade dos atletas afirma que a resolução de problemas é *oportunista*, 25% deles entende como *tecnicista*, 16,7% acreditam se enquadrar como *ordenada*, e apenas 8,3% classificam os tipo

de resolução de problemas como ocasionais.

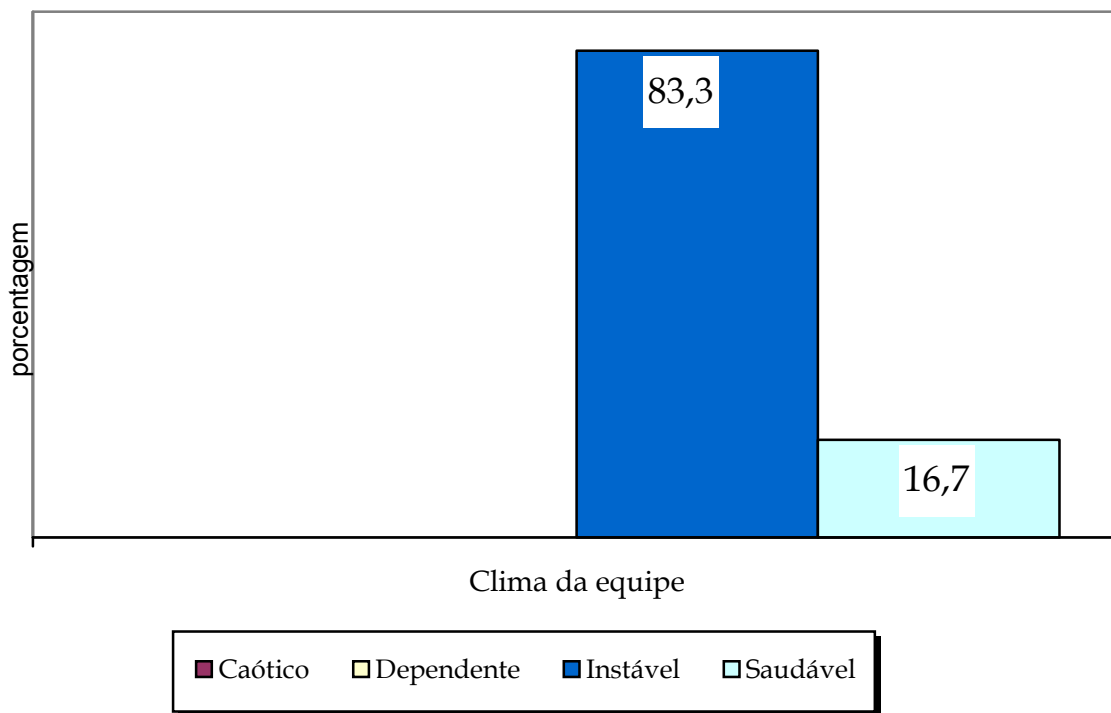


J - TRABALHO EM EQUIPE

Gráfico 10 – Trabalho em equipe.

Dada a complexidade crescente da vida esportiva, da competitividade e das constantes mudanças, as equipes que não trabalham de forma integrada correm o risco de desaparecer do meio. O trabalho em equipe não é simplesmente um modismo, mas uma necessidade. Considerando-se a interdependência dos atletas que compõem uma equipe, é necessário que os atletas reaprendam a trabalhar uns com os outros, de forma integrada e conjunta, uma vez que todos contribuem, direta ou indiretamente,

para alcançar resultados. Aqui, contraditoriamente, os atletas apontaram como *limitado* – na metade das opiniões – o trabalho em equipe; e a outra metade, como um trabalho *integrado*.



K – CLIMA DA EQUIPE

Gráfico 11 – Clima da equipe.

Um dos fatores mais negligenciados nos processo de mudança planejada de uma equipe esportiva é a questão da segurança e grau de satisfação dos atletas.

Equipes que proporcionam satisfação e segurança para seus membros, que aproveitam o potencial de seu plantel, apresentam maior grau de flexibilidade e

capacidade de ajustamento às mudanças que ocorrem no mercado. Insatisfação, insegurança, baixa auto-estima provocam resistência à mudança, imobilidade, apego a rotinas e baixa produtividade. De uma maneira interessante, 83,3% dos atletas classificaram como *instável* o *clima da equipe*, enquanto que apenas 16,6% entenderam como *saudável*.

L - MOTIVAÇÃO

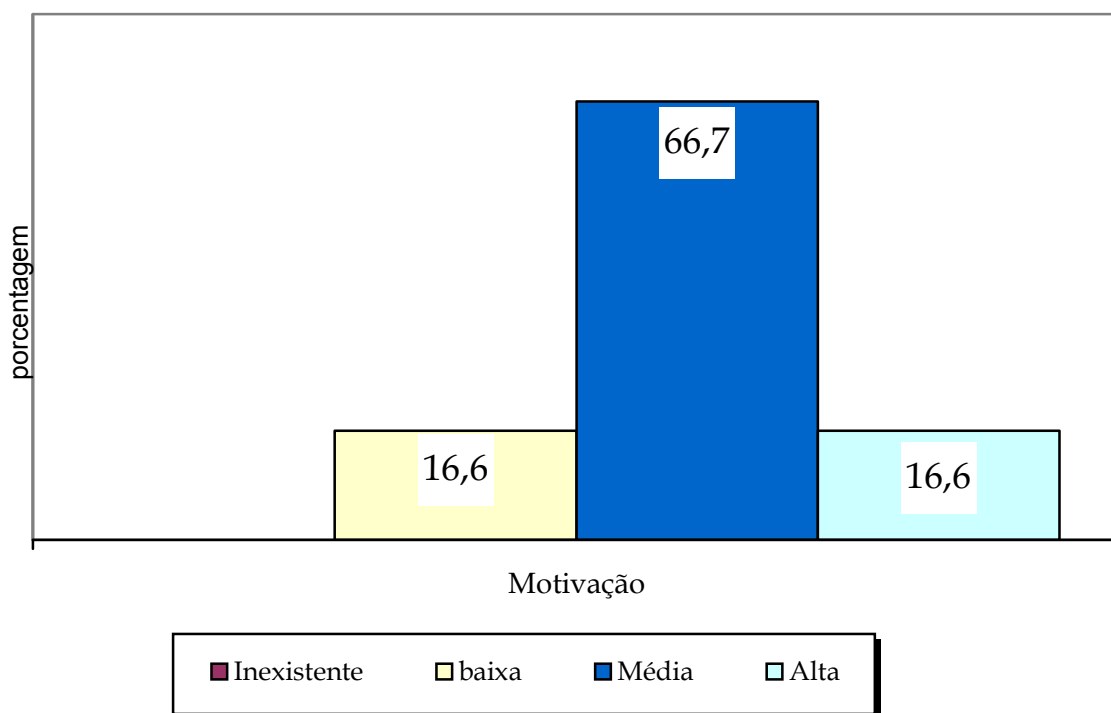


Gráfico 12 - Motivação.

O reconhecimento é um dos principais fatores de motivação nas equipes. Quanto mais os atletas forem conscientizados a respeito de sua importância, quanto mais informações obtiverem a respeito de seu desempenho e da qualidade de suas

contribuições, mais eles terão disposição para enfrentar novos desafios e aceitar novas responsabilidades. Logo, na opinião da população pesquisada, a motivação apresenta-se *média* para 66,7% dos atletas; *baixa* e *alta* para 16,6%

Capítulo 4

Desnudando o véu: o desvelamento do sistema inconsciente na relação técnico-atleta.

1

Psiquê

O sujeito psíquico é o produto das identificações com os objetos primários. No entanto, esses objetos são marcados pelo mundo sociocultural em que se inserem. Acrescenta-se a equipe esportiva a equipe sociológica e suas variações históricas, no que tange à formação e caracterização de grupos (LAPASSADE, 1997). Abre-se, com esta reformulação, um espaço para se pensar num sujeito psíquico historicamente determinado, uma vez que a equipe sociológica afeta, necessariamente, a estrutura da equipe esportiva, no seio da qual se constitui o sujeito psíquico. Não se trata de uma ontologia do inconsciente, mas da “[...] *vida psicológica de sujeitos históricos*” (FREIRE COSTA, 1986, p.125)

O mundo é o suporte projetivo do psíquico. Entretanto ele ganha também um estatuto de realidade, independente dessas projeções. A organização da equipe

esportiva de fato se alterou enormemente e o mundo pode comparecer como possível fator patogênico em si mesmo.

Relação psiquê-mundo

Para o referencial psicanalítico supõe-se, entre psiquê e mundo, um *interjogo* entre os mecanismos de projeção e introjeção, que pode resultar em identificações. Assim, Klein (1978[1952]) postula uma atividade da psiquê da figura do técnico mediando a relação psiquê-mundo do atleta. O conceito de continência se refere à capacidade, por parte do técnico, de tolerar, metabolizar e transformar as fantasias nele projetadas, de forma a permitir sua integração ao *self* do atleta. No caso de essas fantasias serem devolvidas à mente do atleta com uma carga de angústia insuportável, a integração dos aspectos projetados torna-se problemática. O atleta recorrerá, de forma excessiva, aos mecanismos de cisão e identificação projetiva, caracterizando um funcionamento mental predominantemente caótico.

De acordo com Bion (1979[1897]), uma influência inadequada dificulta o desenvolvimento psíquico normal. A qualidade da contingência pode ser afetada por circunstâncias relativas ao ambiente sociocultural mais imediato. Entretanto, as concepções freudianas apontam que o sujeito psíquico é a história de suas identificações, sendo que, a identificação é o processo mediante o qual a psiquê e o mundo se articulam.

Mundo: psicanálise e sociologia

Definido o sujeito psíquico, a seguir, passar-se-á a entendimentos que abarcam as variações sócio-históricas da subjetividade, aproximando categorias sociológicas e psicanalíticas em nossa empreitada acerca da relação técnico-atleta.

A cultura do narcisismo

Lasch²³ (1983[1979]; 1984) sustenta que o novo padrão de subjetividade é o narcisismo. Esta observação parte de entendimentos segundo os quais o padrão cultural ocidental se aproxima do padrão de comportamento exibido por pessoas que apresentam estruturas narcísicas.

A cultura ocidental se caracteriza por uma intensa *fobia* à velhice, fascínio pela celebridade, voracidade pela admiração pública, *competitividade exacerbada* competição, declínio do espírito lúdico, deteriorização da relação homens e mulheres, sensação de vazio interior, fome insaciável de novas experiências emocionais, frieza nas relações afetivas, habilidade calculada em impressionar os interlocutores, além de outros (FREIRE COSTA, 1986).

As pessoas cuja estrutura psíquica é predominantemente narcísica apresentam: insatisfação vaga e difusa, inconsistência das relações amorosas, hipersensibilidade às frustrações, sentimentos de futilidade e ausência de finalidade da existência, sensação permanente de tédio e vazio interior, depressão, oscilações bruscas

na auto-estima, nervosismo, dependência fugaz e automática diante de experiências afetivas, sedução premeditada com vistas à manipulação do parceiro, humor autodepreciativo.

Destarte, os integrantes da equipe esportiva tentam resolver a crise universal da infância – o trauma da separação da figura protetora, o medo do abandono, a dor de competir com os outros pelo amor da figura protetora – à sua própria maneira. O modo pelo qual lida com estes eventos psíquicos produz uma forma característica da personalidade por meio da qual o atleta submete-se às exigências da existência esportiva.

A partir desta visão podemos identificar a existência de um *atleta narcísico*: este sendo, o produto do surgimento e da instituição da cultura esportiva como um novo tipo de instância *superegóica* (fiscalizadora). O narcisismo está institucionalizado (LASCH, 1983[1979]; 1984), de modo que o caráter narcísico do atleta hodierno envolve a idealização do objeto, a constituição de um *self* grandioso e o predomínio de uma tendência auto-destrutiva na desestruturação de seu mundo interno.

Obviamente, não se pode deixar de lado que o padrão social é o que designa o modelo de conduta psicológica *ideal* para a cultura esportiva.

A crise do self

²³ Sociólogo que se utiliza de categorias psicanalíticas para compreender a sociedade. Na linha de pensamento iniciada por Freud (1998n [1930]), ele considera que o inconsciente individual permite iluminar o modo de operar da própria sociedade.

Nesta linha de pensamento, é preciso assumir o argumento de que as características socioculturais dificultam uma deteriorização do *self* do homem contemporâneo (FROSH, 1991). Pois, o *self* se estrutura gradualmente na relação com os objetos. De modo que a ocorrência de fatores ambientais favoráveis é fundamental para que o *self* possa se desenvolver naturalmente (KLEIN, 1978[1952]). Sem um *técnico suficientemente bom*, o *atleta* não chega a atingir um mínimo de estabilidade interna e integração. Assim, o psíquico do atleta restrito ao desenvolvimento de suas potencialidades já se situa no terreno da patologia.

De forma que a presença do padrão cultural da sociedade esportiva hodierna (BOURDIEU, 1990; 1980), que impacta a subjetividade de seus protagonistas, indica como a qualidade de condições ambientais reflete no processo sócio-relacional entre atletas e técnico.

A cultura esportiva atual promove experiências emocionais de grande riqueza, beleza e excitação, entretanto, também fomenta, experiências de terror violência e ameaça ao *self* de seus protagonistas. Logo, atletas e técnicos já não buscam um sentido para suas experiências, contentam-se em fruir, a cada momento, as fortes experiências propiciadas pela tecnologia o que de fato importa é a superfície das coisas, espetacular e ruidosa.

O *mal-estar* constatado na equipe esportiva se deve à sua dificuldade em criar vínculos verdadeiros uns com os outros ou com alguma coisa, à superficialidade e à falta de sentido para sua existência à sua experiência de deserto emocional. Os atletas

tendiam a apresentar este perfil psíquico, o que se reflete como busca desesperada de um núcleo de *self* mais estável. O impacto causado pela nova *lógica do esporte* (BOURDIEU, 1990; 1980) à relação técnico-atletas está na base desse *self mal-formado*. É este *self* fragilizado que acaba recorrendo a uma gama de comportamentos defensivos a que Frosh (1991) denomina de *narcisismo*.

2

Projeção, introjeção, identificação, ambivalência, prazer agressivo, fusão amorosa com a figura maternal, ideal de Ego, angústias da retirada do amor, constituem-se em elementos dos processos psicológicos inconscientes da relação a qual se dispôs discutir aqui. A seguir, dando continuidade nessa empreitada, apontar-se-á a origem e o funcionamento destes processos, sendo apresentadas as análises mais aprofundadas sobre os processos intra-psicológicos. As análises sobre o fenômeno transferencial no âmbito da relação técnico esportivo e atletas apontam para o surgimento de questões mais intrínsecas.

Nesta discussão, sobre o fenômeno transferencial presente na relação entre o técnico esportivo e seus atletas, três pontos precisam de um deslinde maior. Em primeiro lugar, esclarecer ou apontar a sistematização psicológica inconsciente por onde se dão as trocas. Num segundo instante, os efeitos suplantados ao Ego do atleta, necessariamente a fraqueza infligida. E por fim, as origens destas estruturas inconscientes.

O sistema psicológico inconsciente

A partir das apropriações acerca dos conceitos freudianos e de suas respectivas explicações cabe “*demarcar*” algumas considerações sobre o sistema psicológico inconsciente: seu dinamismo na relação entre técnico esportivo e atletas. Esta análise se pauta em três momentos que, significativamente, exemplificam uma cartografia da dinâmica relacional.

PRIMEIRO MOMENTO: a fraqueza do indivíduo, a angústia de destruição e os impulsos agressivos.

No esquema hipotético, pode-se tomar como ponto de partida a imagem de um indivíduo isolado diante de uma grande e poderosa figura (o Técnico esportivo), fonte de satisfações e de sanções múltiplas (dinheiro, realização pessoal, status...). O indivíduo se encontra isolado, devido às normas e regulamentos impostos pelo técnico esportivo, que é inteiramente baseada na individuação²⁴ dos problemas e no impedimento de reações coletivas.

Nessa situação, o atleta hipotético tem muita probabilidade de sentir a figura do técnico esportivo como extremamente ameaçador. Mesmo as satisfações que ele pode lhe oferecer e retirar e as quais ele não pode se opor, constituem uma ameaça para sua integridade. Nesta situação:

²⁴ É o processo de desenvolvimento da individualidade da pessoa que tem como consequência sua diferenciação da coletividade, do conjunto, sem opor-se necessariamente à norma. A individuação não leva ao isolamento do indivíduo, mas à sua integração mais consciente, intensa e abrangente com o coletivo, seja na forma do *inconsciente coletivo* ou na forma da sociedade como conhecemos (SANTOS, 1976).

- o atleta possui o sentimento de sua fraqueza (imagem do seu Ego pequeno e fraco);
- ele experimenta fortes angústias de destruição e fortes impulsos agressivos contra o objeto ameaçador;
- vive uma situação de dependência infantil que lembra a dependência em relação às figuras parentais, particularmente, à figura maternal.

Alguns estudos (BASTIDAS, 2002; MASTROROSA, 2002; ALBERTINI, 2001; BROUSSE, 1997; DERWIN, 1985) têm apresentado essa característica e suas análises e conclusões denotam a fraqueza e o isolamento do indivíduo em face da figura do técnico esportivo. A situação do atleta diante deste quadro lembra o bebê, o recém-nascido perante a figura maternal e, assim, pensa-se na hipótese kleiniana (LAPLANCHE, 1998) sobre o estado de terror e agressão inconscientes do recém-nascido em relação à figura maternal na fase esquizoparanóide (os seis primeiros meses). Donde, exprime-se a hipótese de que as relações inconscientes do atleta com o técnico esportivo (as transferências) são do tipo arcaico e de ordem, sobretudo, maternal e paternal. Mas o poder da figura do técnico esportivo em relação ao do atleta é bem maior que o das figuras parentais e, sobretudo, o atleta se encontra bem mais desprovidos de meios para influenciar a prática esportiva que as figuras parentais.

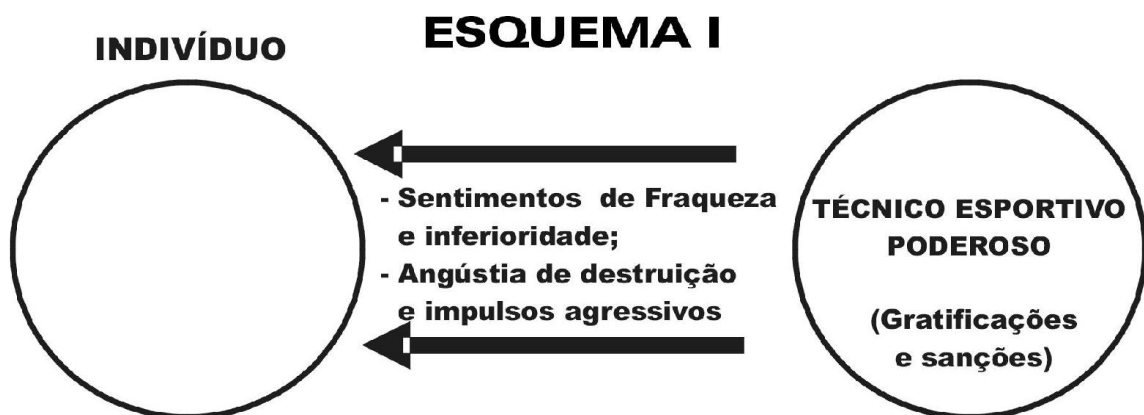


Figura 1 - Esquema I: técnico esportivo poderoso.

O esquema I reconstitui a situação psicológica assim descrita como instável, por ser intolerável.

SEGUNDO MOMENTO: projeção e identificação com o agressor

O atleta defende-se contra sua angústia e sua agressividade, desenvolvendo um desejo agressivo onipotente e, projetando esse seu desejo na figura de autoridade, com a qual se identifica. O atleta constrói uma imagem do Ego grandioso, seu ideal de Ego, que encobre a imagem do Ego pequeno e fraco e que se identifica com o técnico esportivo. No plano da transferência é uma operação de fusão com a figura maternal agressiva e, ao mesmo tempo, contra sua própria agressividade. Constrói-se assim, um *técnico esportivo imaginário* que engloba as características do técnico esportivo real com as quais o atleta se identificou.

O resultado da projeção e da identificação é que²⁵:

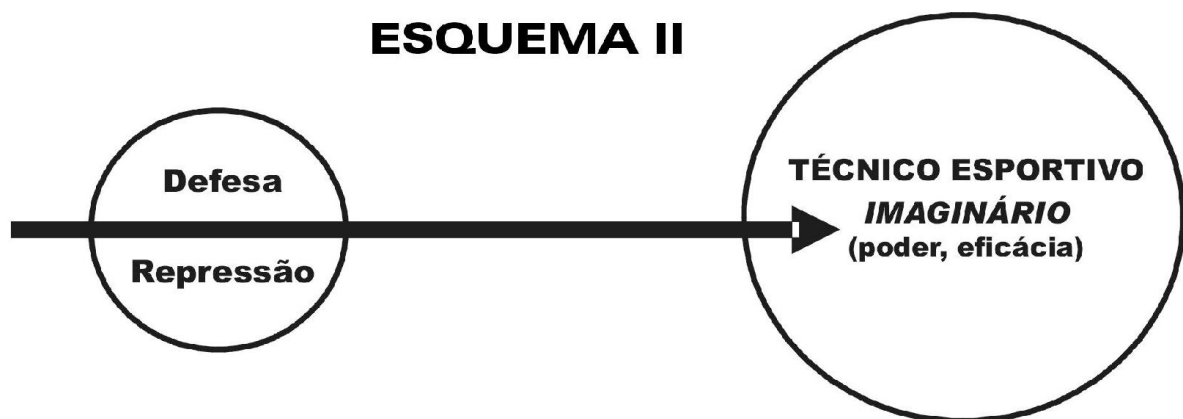


Figura 2 – Esquema II: técnico esportivo imaginário (defesa e repressão).

²⁵ “A identificação projetiva surge pois como uma modalidade da projeção. [...] identificação, é na medida em que é a própria pessoa que é projetada. O emprego kleiniano da expressão identificação projetiva é conforme ao sentido que se tende a reservar, em psicanálise, ao termo ‘projeção’: rejeição para o exterior daquilo que o sujeito recusa em si, projeção do que é mau” (LAPLANCHE, 1998, p.233).

A angústia é reprimida e constitui uma ameaça permanente para o equilíbrio psíquico:

- imagem do Ego pequeno e fraco;
- angústia de destruição e impulsos agressivos contra o fenômeno esportivo.

A agressividade dirigida para o técnico esportivo é canalizada por um lado, para o exterior (aos torcedores, aos adversários, à família...), por outro lado, para o próprio atleta: ele precisa eliminar a imagem de Ego fraco, precisa vencer-se, pôr-se à prova continuamente, precisa merecer a imagem que ele faz de si mesmo, é constantemente culpado (a agressividade constantemente mentida é apenas parcialmente deslocada para o exterior e reforça a culpa). O atleta desenvolve formas de prazer do tipo *sadomasoquista*.

TERCEIRO MOMENTO: a introjeção

A figura imaginária do técnico esportivo invade (droga) o atleta e torna-se uma parte dele. Ela adquire uma vida própria, relativamente independente do técnico esportivo real, e daí para frente é através dela que o atleta se relaciona com o técnico real:

- a figura imaginária do técnico esportivo invade a psiquê;
- os limites com a vida pessoal e privada são frágeis;
- esta última torna-se o lugar privilegiado para viver a angústia e a agressividade reprimidas.

O sistema psicológico, acima descrito, é conflitante. Se baseia numa oposição permanente entre a procura de um prazer agressivo e uma angústia de perda

reprimida. É um sistema fechado, onde o prazer leva à angústia e vice-versa. O objeto de prazer é um ideal inacessível, a procura do prazer é carregada de angústia; quanto mais se acredita alcançá-lo, por exemplo, o tenista subindo no ranking ATP, mais a angústia é reforçada, pois se percebe que não se está satisfeito, nem mesmo se se “atingir” seu objetivo (o que corresponde a um alto nível competitivo, existido, assim uma dupla leitura – sociológica e psicológica – desta dinâmica relacional). Inversamente, a angústia leva ao prazer agressivo, que o defende contra ela, assim, o atleta que se sente ameaçado pela iminência da conquista da vitória (caso freqüente) não terá outra saída senão aceitar e de buscar uma vitória posterior: “condenados a vencer”.

ESQUEMA III

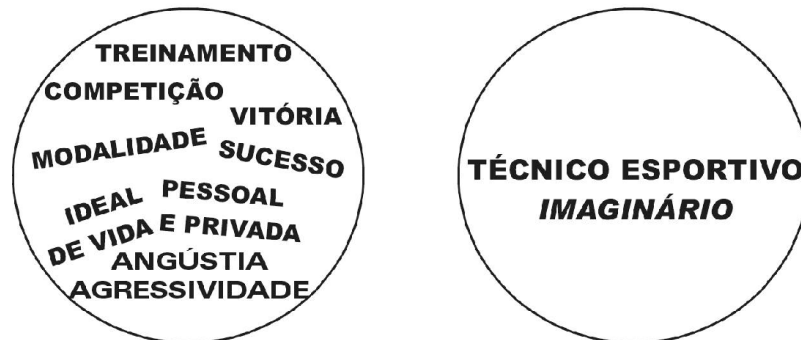


Figura 3 – Esquema III: técnico esportivo imaginário (2ª situação).

Os esquemas I, II e III se referem unicamente às transações entre o atleta e o técnico esportivo (como fenômeno social). Eles fazem abstração: das características próprias do atleta, as quais têm, evidentemente, um papel importante na relação atleta-técnico esportivo; do sistema de defesa do desenvolvido pelo atleta no decorrer de sua vida infantil, qual (sistema de defesa) é um indicador de sua maior ou menor

vulnerabilidade em relação à ação do fenômeno, a transferência, e o qual o inclina a um determinada direção.

A fraqueza do ego

Sem dúvida, o ponto mais importante no processo a que se presta aqui examinar é que se trata de uma ação direta da figura do técnico esportivo sobre os impulsos e as angústias primárias do atleta, tirando-lhe condições de elaboração no nível do Ego. Esta figura propõe ao atleta um sistema de defesas inconscientes contra seus impulsos e suas angústias e este o utiliza como tal. O fato de a elaboração no nível do Ego ser menor significa não só que o atleta está inconsciente do processo, mas, sobretudo que não tem possibilidade de vivenciar suas fantasias, de testar o grau de realidade e irrealidade delas, nas suas trocas com um objeto real e de exercer uma influência sobre esse objeto. Seria uma situação equivalente à da criança, por exemplo, ao menos parcialmente, em relação às figuras parentais, ou então à do atleta em relação à comissão técnica em um clube de futebol. As trocas psíquicas com a figura do técnico permanecem imaginárias. A imagem inconsciente que ele criou é rígida, pois o técnico que ele teme e deseja não é um objeto real, mas uma formação psíquica que traz respostas às suas necessidades de segurança psicológica.

A construção da figura do técnico esportivo *imaginário* e a impotência do atleta em influenciar o técnico esportivo *real* se misturam circularmente pelo fato de que: o atleta não pode influenciar a figura do técnico esportivo que ele investe projetivamente e identifica a ele; por ele se identificar a ele, que seu Ego é fraco, ele se

defende contra os impulsos, especialmente agressivos, e não os testa mais em suas *trocas reais* com a figura idealizada do técnico esportivo.

Outro aspecto se caracteriza pelo *empobrecimento do sentido de identidade*. A identidade de uma pessoa está ligada à suas ações e às trocas com o meio ao qual depende material e psicologicamente (as figuras parentais e as figuras de autoridades ulteriores). A possibilidade para a criança, e mais tarde para o adulto, de exercer influência sobre a autoridade, de testar limites desta, é essencial para permitir-lhe diferenciar-se do outro, para separar o que é idealizado do que é realidade em suas percepções. A construção da identidade é um processo de *assimilação*, através do qual o atleta toma parte da identidade do outro e rejeita outras, através de um *jogo* de projeções e introjeções sucessivas no decorrer das trocas com o outro, o que vai permitir-lhe melhorar e diferenciar a percepção, confrontar as fantasias em contato com a realidade. A identidade individual não é um bloco puro, inalterável – obviamente que não vem do nada. Ela é feita de partes tiradas de outras e ela se constrói no decorrer das trocas sociais (HALL, 1999), especialmente com a autoridade, e é a combinação original dessas partes que é específica, e, sobretudo, é na prática esportiva do atleta que se constrói no decorrer das trocas. Num processo de projeção e de introjeção maciço, tal como o que foi apresentado, a identidade individual não se constrói, ela é captada, de uma vez, e fixada no objeto social que lhe serve de suporte projetivo. Empobrecimento de sentimento da identidade, uniformização dos indivíduos e massificação são as conseqüências desse processo.

Um terceiro aspecto que é sugerido é a *ambigüidade da imagem do Ego* (não confundir com o Ego enquanto instância ativa que reage à troca com o meio). O atleta oscila entre duas imagens extremas do Ego; uma imagem grandiosa, magnífica, de um Ego onipotente e a imagem do Ego pequeno, terrificado, impotente, que está em segundo plano e que ressurgue de tempos em tempos, por exemplo, quando ele evoca seu futuro, seu lazer, sua vida privada. Ele não pode construir uma imagem estável e intermediária entre os extremos, ou seja, a imagem de um Ego que dispõe de uma força real, embora limitada. Ou, talvez, construir o ego com vigor suficiente para suportar as intempéries a que se submete.

Origem das estruturas inconscientes

Os processos de projeção e identificação são provocados pelo fenômeno esportivo que, de um lado da mesa, organiza a fraqueza e o isolamento do atleta diante dele, mantendo e reforçando sua angústia e, no lado oposto, instaura um sistema de defesas contra a angústia que ele provoca. De maneira que, os elementos essenciais desta origem que, agrupados, auxiliam na compreensão deste conjunto.

A imagem e o culto do poder do fenômeno esportivo

O fenômeno esportivo, na sua realidade própria e singular (GUTTMANN, 1978; BOURDIEU, 1980), propõe aos atletas uma imagem de força e de poder; o porte do fenômeno esportivo, seu caráter global, sua eficácia, seus objetivos de conquista (vitórias e expansões), constituem a imagem agressiva de onipotência (o caráter global é

importante neste caso), que favorece a projeção de sonhos individuais de onipotência, ao mesmo tempo em que mantém a angústia que os alimenta. Neste nível, é o poder real do técnico esportivo que age por si próprio, sem que para isso seja necessário apelar para o desejo consciente dos dirigentes e técnicos esportivos de influenciar os atletas. Isto não quer dizer, entretanto, mesmo em se tratando deste nível, que o fenômeno esportivo esteja neutro, agindo passivamente sobre o atleta, pois, não é apenas a possibilidade do poder, mas o desejo real de dominação (conquista) global que age sobre o atleta, ao mesmo tempo, como uma ameaça e um estímulo excitante.

Esta imagem de onipotência é consolidada ideologicamente pelo técnico esportivo, isto é, ele propõe, conscientemente, a imagem de seu poder, que é consolidada como um valor e um modelo para os atletas. Ele mantém o *culto de figura parental*, de seu sucesso, de seu poder e de sua expansão.

A máquina do prazer

As múltiplas satisfações que ele oferece aos atletas se configuram como um outro constituinte da origem: salários, prática esportiva, carreira, viagens, contatos e, também, a possibilidade de escapar às contradições de casta, de classe, da família. A prática esportiva, idealizada na figura imaginária do técnico esportivo apresenta-se, assim, como uma *imensa máquina de dar prazer* ao atleta e adquire dessa maneira um imenso poder sobre ele, ou seja, o poder de “*exercitá-lo*” (dar prazer) com a condição de que ele satisfaça suas exigências, e o poder de retirá-lo, se isso não a satisfaz. Essa figura

idealizada é, pois simultaneamente tentadora (sedutora, para retomar a imagem de amante) e ameaçadora (à medida que se torna maior fonte de prazer).

Os prazeres propostos pela figura imaginária do técnico esportivo são do tipo sadomasoquista. É o prazer de identificação com o poder do técnico, de dominar os outros e de vencer continuamente a si próprio. São prazeres que excluem a paz e a calma. É o tipo de prazer totalmente voltando para a excitação. É como um orgasmo indefinidamente adiado²⁶. Além disso, as condições precisas em que o treinador oferece o prazer ao atleta não fazem mais que reforçar seu poder, pois com o prazer:

- o atleta possui o sentimento de sua fraqueza (imagem do seu Ego pequeno e fraco);
- é reforçado por um modelo de personalidade, um ideal de sucesso e de conquista;
- é acompanhado por um sistema muito forte de sanções que proíbe ter o prazer de outra forma.

O ISOLAMENTO DO ATLETA

À medida que os prazeres são oferecidos ao atleta, eles reforçam seu isolamento: é o sucesso individual na prática esportiva e na realização da carreira e são os altos salários como sinal de mérito individual. Tudo contribui para encorajar o atleta a tirar prazer, não da satisfação dos outros (seus companheiros de equipe, a torcida, mesmo o técnico esportivo), mas da satisfação do *técnico*. Seu técnico esportivo é apenas um instrumento que lhe comunica o testemunho da satisfação ou da insatisfação do fenômeno esportivo e de conformidade aos princípios dele. Ele precisa, portanto,

²⁶ A procura do poder, no caso a ambição, corresponde no plano sexual à masturbação ou aos jogos sexuais pré-coito, isto é, com atividades centradas na evocação de fantasias, excluindo uma descarga com o objeto real.

esforçar-se para satisfazer uma entidade abstrata, diante da qual *ele está só*. A satisfação de atletas concretos (seus companheiros de equipe, seus familiares, a torcida, o treinador) entrará apenas e eventualmente como um elemento entre os outros da satisfação do *técnico esportivo idealizado* e sempre será apreciado segundo os princípios deste. Em última análise, o indivíduo aprende a obter seu prazer dominando os outros, a serviço do fenômeno esportivo e dominando a si próprio, num prazer solitário, obtido ao vencer as dificuldades, a novidade de sua tarefa, encontrando o mito do herói solitário. O isolamento do atleta não tem, portanto, somente um aspecto sociológico (evitar a formação de coletividades opostas ao técnico), ele se prolonga psicologicamente num monólogo do tipo masturbatório do atleta com o técnico esportivo *imaginário*.

O prazer da realização em *modalidades esportiva coletivas*, de alcançar resultados em equipe, de reconhecimento pelos outros, do auxílio mútuo e da solidariedade, não podem ser completamente eliminados, pois são inseparáveis do *Esporte* em sua expressão *coletiva*, são apenas desvalorizados e subordinados ao primeiro tipo de prazer.

Além disso, o fenômeno esportivo, ocupa-se diretamente de evitar a formação de ações coletivas suscetíveis de ter em seu meio uma política autônoma: não só os atletas, mas, também, as equipes esportivas.

UM MODELO DE PERSONALIDADE BASEADO NO SUCESSO E NA VITÓRIA

Este sistema de organização dos impulsos individuais (econômico no sentido psicanalítico do termo) é consolidado ideologicamente por um modelo de personalidade cuja difusão é harmonizada pela organização: modelo de sucesso na prática esportiva e na carreira, de ambição, de afirmação agressiva de si, de auto-superação (luta contra si mesmo e dominação de si mesmo), um *egocêntrico selvagem* (entretanto, submisso às regras). É um modelo agressivo e anárquico, este indivíduo que pode fazer *aquilo que bem entender* (na condição de perseguir os objetivos e de obedecer aos princípios do técnico esportivo). Ele favorece o desenvolvimento de um sistema de defesas agressivo contra a angústia, ao mesmo tempo em que canaliza a agressividade em direções não perigosas ou úteis para a prática esportiva (a torcida, os familiares, os companheiros de equipe). Afinal, isto é a própria imagem que o técnico esportivo oferece dele. Adotá-la já é identificar-se com o *técnico esportivo idealizado*.

A máquina de angústia

Comporta dois elementos básicos, a comunicação das exigências muito altas (carga de treinamentos, rendimento esportivo, vitórias e conquistas, *et cetera*), que implicam o risco do fracasso e, sobretudo, a organização do sistema de controle, visando ao respeito das exigências.

O sistema de controle é extremamente elaborado: formalização de controles (planos, regras, princípios escritos e mantidos atualizados), frequência, duplo

controle pela hierarquia e pelos *staffs esportivos*, multiplicação e especialização dos *staffs esportivos*.

O sistema se estende, ainda, por um sistema de sanções: não-promoção, mutação, *desvios*. Neste viés, “*saltam aos olhos*” três observações que se enquadram pertinentes.

Uma primeira diz respeito ao acoplamento de grandes incitações ao prazer e de exigências elevadas com elemento essencial. É o que se pode chamar de política da mediação da figura do técnico esportivo: uma *tolerância repressiva*. Mas, a interpretação vai muito além da idéia segundo qual o técnico esportivo oferece gratificações elevadas para impor suas exigências. De fato, a figura do técnico esportivo apresenta-se ao atleta ao mesmo tempo extremamente gratificante e ameaçadora. Diante da ameaça objetiva e dos sentimentos de angústia e agressividade que ela provoca no atleta, o acoplamento dos dois elementos só deixa para ele como saída a identificação ao técnico esportivo e a aceitação das gratificações, assim como, do modelo de personalidade que os acompanham.

O segundo realce explana sobre quanto menos o sistema de sanções, mais ameaçador ele se torna. Trata-se aqui da função dos controles múltiplos e onipresentes. Eles criam uma atmosfera de ameaça permanente, conservando a angústia e a culpa. Cabe aqui lembrar a distinção, usual em psicologia, entre medo e angústia. O medo tem um objeto preciso, é limitado no tempo e no espaço. A angústia é difusa, está sempre presente e pode se fixar a todo o momento em objetos diversos. O técnico esportivo, em

tempos anteriores, gerava o medo diante da desobediência às ordens precisas, faz saber que quem a obedece está obrigado de ameaça. Como se pode observar, treinadores esportivos, que pautam suas ações em modelos mais arcaicos e mais opressivos, são também aqueles que dão ao atleta zonas de liberdade relativamente invioláveis, pois, sendo livre fora dos Centros de Treinamento, o atleta se define por suas obrigações precisas. Enquanto treinadores que adotam posturas mais contemporâneas, caracterizam sua ação como a “*mãe da angústia*”. Sempre se é culpado, nunca se aplicam integralmente os regulamentos, sendo estes sempre (re)elaborados. Como se a ameaça pode vir de qualquer lugar, seja após uma mudança de normas ou de profissionais do esporte (comissão técnica, de qualquer área). Assim, a equipe esportiva nunca aparece inconstante e, portanto, intolerável, pois sempre será explicada e racionalizada de imediato e sempre obedecerá aos princípios do conjunto esportivo. Não é devido a um erro preciso que se torna culpado; a culpa é onipresente e consubstancial à vida no *Esporte*.

Por último, e propositadamente apresentado, salienta-se que o *princípio da sanção* consiste em retirar o prazer que a própria prática esportiva oferece. O técnico esportivo não faz *mal* aos atletas; salvo exceções, não reduz seus ganhos, suas vitórias, suas conquistas, não o dispensa, contenta-se em lhe retirar o prazer que lhe dispensa: confinando-o à vida morta dos “*encostados*”.

Isto aponta o impacto do fenômeno esportivo ao mesmo tempo em que o reforça. Não é necessário ser permissivo para o atleta, pois o técnico esportivo já possui

tal dominação psicológica sobre ele, que o maior mal que ele pode lhe oferecer é retribuindo-lhe seus favores: a desgraça é o pior castigo, é o que arruína o atleta e da qual ele não se restabelece.

ESQUEMA IV

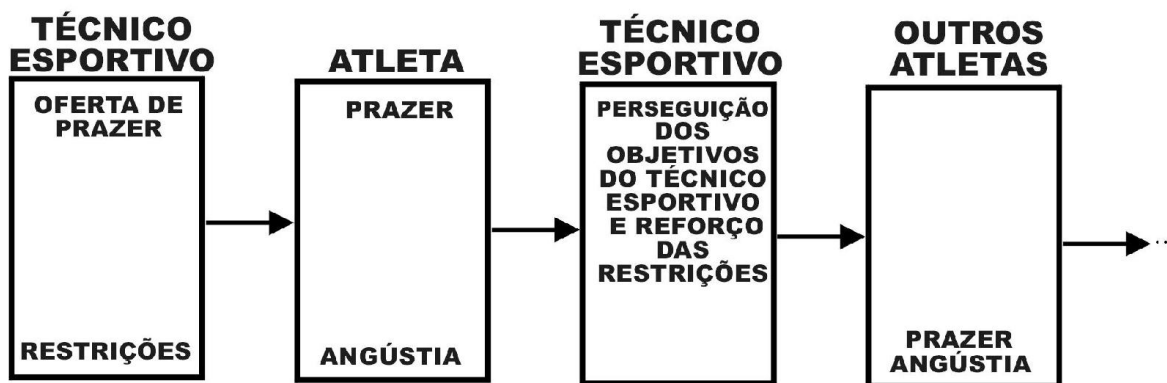


Figura 4 - Esquema IV: sistema de sanções.

Este sistema de sanções apresenta, além disso, a vantagem para o *Esporte* de ser mais difícil de opor-se a ele. O “mal” causado ao atleta é invisível, este não é levado à revolta por uma agressão direta, ele próprio torna-se o colaborador da equipe esportiva na punição que esta lhe inflige. Em última análise, uma vez pronunciada a sentença, o próprio atleta é encarregado da aplicação da pena.

Freud²⁷ retratou a sociedade, como seria inevitável, como dividida entre as massas (a perspectiva filial), de um lado, e os líderes (a figura paterna), de outro. Decifrou conflitos sociais em larga escala, como a expressão de um conflito interacional inconsciente subjacente, centrado nas exigências de obediência pelas massas aos líderes e na relutância ou recusa das massas a se submeterem às exigências dos líderes. Nesse conflito, Freud assumiu sistematicamente o lado dos líderes (embora sempre se opusesse a alguns deles, como por exemplo: a *religião*), pois para ele:

[...] é somente pela influência dos indivíduos capazes de dar exemplo, e reconhecidos pelas massas como seus líderes, que eles podem ser introduzidos a executar o trabalho e suportar as renúncias de que depende a vida da civilização. Tudo corre muito bem quando esses líderes são pessoas dotadas de um discernimento superior das exigências imperiosas da vida [...]. Mas existe o risco de que, para não perderem a influência, eles façam mais concessões à massa do que esta lhes faz, e então lhes pareça necessário independê-la da massa usando os meios de poder de que dispõe (FREUD, 1998m[1927]).

Em alguma parte dos escritos freudianos encontram-se exemplos de pessoas que se rebelam contra déspotas, por terem tido sua vida e seus bens, seus direitos e seus interesses ameaçados ou violados por líderes autocráticos. No discurso deste pensador, as rebeliões aparecem, invariavelmente, como obra de massas (figura filial) que recusam obediência a líderes (figura paternal) por não conseguirem tolerar as restrições que estes lhes impõem. Essa abordagem, autoritária é o resultado lógico de uma cultura (GUTTMAN, 1978; BOURDIEU, 1990/1980), que apresenta a submissão e a

²⁷ Conforme elaborou e ampliou diversos pressupostos e implicações político-sociais da relação entre a *figura paterna* e as *figuras filiais* em diversas obras, donde podem ser citadas por sua maior incorrência: *Psicologia das Massas e análise do eu*, em 1921; *O futuro de uma ilusão*, em 1927; *O Mal-estar na cultura*, em 1930, e; *Moisés e o monoteísmo*, em 1939, neste manuscrito ele recapitulou a horda primeva (a origem primitiva desta relação). Nestes textos, todos aqueles que se tornam autoridades e despertam a *obediência* dos outros são vistos como figuras paternas.

obediência às figuras paternas como necessária à existência social e que desconsidera os perigos do autoritarismo. Além disso, esta visão hegemônica na cultura esportiva exibe uma clara tendenciosidade patriarcal: ela reduz a relação de seus protagonistas envolvidos a uma atividade de *pais e filhos varões*.

Ao mesmo tempo, entretanto, a leitura psicanalítica contribui muito para os métodos contemporâneos de treinamento e de desvelamento dos líderes e de suas posturas, ao chamar a atenção para os desejos, fantasias, medos e angústias inconscientes que fazem parte da natureza humana. Afinal, um dia o treinador também foi um atleta iniciante.

* * *

Após a redefinição da concepção de que a realidade não é absoluta, a cartografia da relação técnico-atleta se modifica. Colocando-nos num quadro mais preciso, e indubitavelmente mais modesto, de dois indivíduos que buscam conceber a atualidade um do outro pelo uso de lentes dos seus princípios organizadores únicos, sem que nenhum deles distorça; ou esteja em contado com alguma realidade absoluta²⁸.

Isto nos mostra a extensão do impacto de quem orienta e de quem é orientado, os técnicos estão agora se apercebendo quão enorme é o impacto daquilo que se encontra inconsciente no técnico, sobre os conteúdos inconscientes do atleta. A

²⁸ Isto não outorga ao relacionamento um caráter de *simetria*; pois ambos estão a serviço do atleta.

compreensão emergente da subjetividade do atleta é conjuntamente construída pelas deste e do técnico.

Faz-se necessário abrir os olhos para a importância de se levar a sério a percepção que o atleta tem do técnico. Acredito que a teoria da transferência, numa concepção mais ampla, nos mostra que carregamos para cada encontro interpessoal a nossa história encoberta de desejos, medos e traumas psíquicos, revelando-nos o poder que o inconsciente tem de influir nas percepções que possuímos uns dos outros e nas mútuas reações, quer no treinamento, quer na vida. Todos os que lidam com dimensão psicológica na preparação de atletas sabem a importância que tem, para o atleta, o encontro de si com seu técnico, ou seja, por mais que se tenha em mente que objetivo do treino aí não se coloca, este fato, contudo, não implica que esse efeito deva ser negligenciado ou desprezado.

À guisa das “conclusões”

A busca da perspectiva psicanalítica é manusear e se valer de *concepções nada oficiais*, considerando diferentes pontos de vista, pois entende que os fatos humanos possuem diferentes níveis de significado, alguns por de trás da cortina da vida cotidiana. Buscar tais *concepções* é, nada mais que, “*olhar por de trás do pano*”, ou assumir uma postura de desconfiança.

Neste processo de procurar além daquilo que a fachada procura mostrar, vemos que tais fachadas se prestam a mostrar apenas uma conformidade aparente, preconizando ocultar seus mistérios inconscientes. Pois, por de trás de sua ostentação *formal* existe uma realidade *informal*, onde, para se apercebê-la, há de se fazer um considerável esforço intelectual. Esta realidade *informal* constitui uma configuração de homens, símbolos e significados e de relações de poder, que podem se encontrar descrita nos estatutos e que, raramente, aparece nos jornais. Àquele que utiliza perspectiva psicanalítica interessa a condição de “*olhar por de trás*” dos mecanismos

formais que supostamente regem o poder em determinado contexto. Eis a evidência: existe um outro nível para ser investigado e analisado.

Não se está postulando que de nada serve a *versão oficial*, mas que, não se faz necessário delongar as atenções nestas definições, onde há uma apresentação formal dos fatos, “*por de trás do pano*”, encontra-se uma rede informal, existente nos mais variados níveis de acomodação e conflitos do sistema oficial. Esta coexistência, do oficial e do *submundo*, é inerente a qualquer processo relacional.

Cabe, então, se embrenhar pela cortina do *espetáculo das cenas oficiais da realidade* e primar por entender aquilo que o *submundo* exprime, lançando os olhos para além das interpretações imediatas e aprovadas, ou seja, é preciso levar em consideração a máquina que participou da construção de tais cenas: quais os símbolos do *status* que abrigam as pessoas, os cânones de gosto e tática que determinam certo costume, as muitas formas de expressão da linguagem e da conduta que situam sociologicamente os protagonistas, o que, por conseguinte, acabam por definir sua localização social e a intencionalidade de toda a atividade pesquisada.

Isto nos imputa que é exatamente a capacidade de assumir perspectivas diferentes de uma mesma situação, em um determinado sistema de interpretações antagônicas, entre si. Assumir uma postura desmistificadora dos fatos e situações que imbricam diferentes situações, de maneira a se colocar a procura de outros níveis de realidade e a desmascarar as simulações e a propaganda (*oficiais*) com que as pessoas ocultam suas ações, pois, as conseqüências ocorrem apesar das intenções. Com muita

freqüência, o resultado das idéias é muito diverso daquilo que seus formuladores *arquitetaram*.

Com a *postura desmistificadora* à mão, vê-se que há uma diferença do que se é, e daquilo que se afirma *ser*, indo além do discurso encobridor e atingindo as fontes não admitidas e muitas vezes desagradáveis da ação, imbuindo o observador de uma compreensão, que tenderá sempre a relativizar a pretensão de absoluta correção em que as pessoas gostam de repousar o espírito.

Assim, é possível, suficientemente, guardar a idéia de que, a perspectiva psicanalítica se caracteriza como um panorama amplo, aberto e emancipado da vida humana e que, quem se utiliza desta perspectiva, se mostra um verdadeiro desbravador de outras terras que não aquelas *à vista* do entendimento *formal*; portador de uma postura aberta à infinidade das possibilidades humanas, ávido por novos sentidos e novos mundos de significação humana.

1

Já é possível perceber, ao fim desta empreitada ao percurso pelo desvelamento da relação técnico-atletas, que não se encontrará qualquer conclusão do tipo “*a relação técnico-atletas é...*” ou “*o impacto da relação se dá por...*”. Já se entendeu que a essência do pensamento psicanalítico que se acabou se percorrer é, justamente, manter em aberto as possibilidades interpretativas, recusando sentenças que pretendam

expressar qualquer verdade absoluta, ontológica, sobre o fenômeno esportivo em questão.

Ao contrário, acaba-se de concluir que a verdade é sempre relativa à estrutura conceitual com o qual o observador se aproxima do fenômeno a ser estudado. É o olhar do observador que permite interpretar o comportamento dos atletas influenciados e impactados pelos dos comportamentos conscientes e inconscientes do técnico.

Desde já, nesta perspectiva não há, nem haverá, um critério último, 'objetivo', para *decidir* qual interpretação corresponde de maneira unívoca à verdade, à realidade última do comportamento dos atletas e do técnico. Ao contrário, eles se rendem à evidência de que há apenas *interpretações*, as quais remeterão sempre às teorias que as tornam possíveis. O que não significa, evidentemente, que não haja interpretações melhores, mais abrangentes e/ou mais sofisticadas do que outras; caso em que o critério hierárquico será sua utilidade: melhor porque mais útil e não porque mais verdadeira.

2

Perceber um ajustamento melhor aos treinamentos ou à competição esportiva, ou um relacionamento melhor com a comissão técnica, além de não ser difícil, não depende apenas de uma avaliação subjetiva – todos a percebem. O alívio de medos, ansiedades e depressões é relatado diretamente pelos próprios atletas e indiretamente

por técnicos esportivos e familiares. Eventualmente na relação psicólogo-atleta, é possível registrar mudanças psicodinâmicas mais extensas; as mais duradouras não têm como ser avaliadas a não ser em programas específicos (preparação psicológica) para mensurar critérios de melhora, ou por eventuais informantes indiretos.

Como as metas em psicoterapia breve em contextos esportivos de competição são mais modestas e bem definidas, é mais fácil comprovar a eficácia das intervenções psicológicas. Alguns atletas tentam conversar sobre estas coisas com seus técnicos esportivos, superando certas barreiras, como o receio de ouvir deles a confirmação de suas suspeitas e assim perder as últimas esperanças.

A intervenção psicológica com atletas tidos difíceis é, antes de tudo, uma tentativa de abrir um canal de comunicação que amenize a sensação de isolamento. Este canal deverá permitir ao atleta falar sobre os temores, preocupações e fantasias.

Cada indivíduo confronta uma *fase negra* das suas atividades com as características específicas de sua cultura, de sua personalidade e de seu estilo de vida. Nem todos os atletas desejam falar sobre seus problemas e dificuldades ou o conseguem fazer de forma direta e clara.

A conduta do psicólogo precisa ser clara e objetiva, sem perder de vista seu caráter livre e, como aberto canal de comunicação, seguindo os passos do atleta – este indicará de que forma deseja falar sobre o assunto e em que circunstâncias. Se o

psicólogo se mantiver atento, perceberá as formas indiretas e sutis com que o atleta se exprime.

Mas para que se consiga perceber o que é dito e se saiba o que dizer, é antes necessário que tenha entrado dentro de si uma aceitação da derrota como evento natural do processo de preparação para competição, bem como da competição propriamente dita. Deverá encarar a verdade sobre as próprias perdas e derrotas. Só assim estará preparado para transmitir ao atleta, de forma verbal e não-verbal, a tranqüilidade, o respeito e a compaixão necessários à ajuda para incentivar o atleta a que se prepare, de maneira mais plena possível,

O trabalho atesta a importância e a possibilidade de se utilizar a estratégia da *psicoterapia breve*, como metodologia de intervenção para o psicólogo no âmbito esportivo, já que a abordagem oferece um trabalho de qualidade, ágil e eficaz; propiciando o rompimento da dinâmica da vida dos sujeitos, o que possibilitará uma “reelaboração” de suas referências e construção de novas falas e ações, mobilizando uma reflexão interna e facilitando seu desenvolvimento pessoal e interpessoal. A análise dos possíveis efeitos terapêuticos e positivos da *psicoterapia breve*, no entanto, demanda uma avaliação a médio e longo prazos.

Referências Bibliográficas

1. Livros e Publicações Acadêmicas

ALBERTINI, P. O corpo construído e a importância do gesto pessoal. **Motriz**, 7(1)(Supl.): S107-110, 2001

ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNADJER, F. **O Método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANGELO, L.F. Psicanálise e psicologia do esporte: é possível tal combinação? In: RUBIO, K. **Psicologia do esporte**: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ARTUSIO, F. **Psicologia e psicoanalisi dello sport**. Umbertide: Politécnic Perugio, 1985.

ASSUNÇÃO, M. A. **A estruturação da entrevista psicológica**. São Paulo: Atlas, 1977.

BASTIDAS, C. **Driblando a perversão**: psicanálise, futebol e subjetividade brasileira. São Paulo: Escuta, 2002.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Texto originalmente publicado em 1925).

BAYER, C. **Appoches actuelles dune épstémologie des activités physiques et sportives**. Paris: L'Harmattan, 1999.

BECKER Jr., B. & SAMULSKI, D. **Manual de treinamento psicológico para o esporte**. Porto Alegre: Feevale, 1998.

BION, W.R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1979. (Texto originalmente publicado em 1897).

- BIRMAN, J. **Mal-estar na civilização: a psicanálise e as novas formas de subjetividade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1980.
- BRANDÃO, M.R.F. **Perfil sócio-psicológico da equipe nacional de voleibol masculino – uma análise à luz da ecologia do desenvolvimento humano**. Santa Maria, UFSM, 1996, [Dissertação].
- BROUSSE, M.H. & *et alli*. **Sport, psychanalyse et science**. Paris, PUF, 1997.
- CAGIGAL, J.M. *Psicologia del deporte, psicologia de que?* In: CONGRESSO MUNDIAL DE LA SOCIEDAD INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DEL DEPORTE, III, 1973, Madrid. **Anais...**, Madrid: I.N.E.F, 1973.
- CAMPOS, A. A. **O desporto: fenômeno típico da sociedade moderna**. São Paulo: Loyola, 1976.
- CARRAVETTA, E.S. **O esporte olímpico: um novo paradigma de suas relações sociais e pedagógicas**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- CARVALHAES, J. **Um psicólogo no esporte**. São Paulo: Esporte e Educação, 1974.
- CAVALCANTI, Z.G. **O “herói” desportivo e sua relação com a sociedade contemporânea**. São Paulo, PUC-SP, 1996, [Dissertação de Mestrado].
- CILLO, E.N.P. *Análise do comportamento aplicada ao esporte e á atividade física: a contribuição do behaviorismo radical*. In: RUBIO, K. **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- CHELLADURAI, P. & CARRON, A. *Leadership. Ottawa: sociology of sport. Monograph series. Canadian association for health, physical education and recreation*, 1978.
- CHELLADURAI, P. & HAGGERTY, T.R. *A normative model of decision styles in coaching*. **Athletic Administrator**, 13:6-9, 1978.
- CHELLADURAI, P. & SALEH, S.D. *Preferred leadership in sports*. **Canadian Journal of Applied Sports Sciences**, 3:85-92, 1980.
- CRATTY, B.J. **Psicologia do Esporte**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.
- CRUXÊN, O.S. *Os eixos biológico e social do psiquismo*. **Revista de Psicologia da UFC**, Fortaleza, 1(20): 54-61, 2002.
- DERWIN, D. *A psychoanalysis os sports*. **Psychoanalytic Rewiew**, 72: 277-299, 1985.
- DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FEIJÓ, O.G. **Corpo e movimento**: uma psicologia para o esporte. Rio de Janeiro: Shape, 1992.

FIGUEIREDO, S.H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta. In: RUBIO, K. **Psicologia do esporte**: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FREIRE COSTA, J. **Violência e narcisismo**. Rio de Janeiro: Grall, 1986.

FREITAS, L.A.P. O jogo competitivo, destino pulsional imposto pela cultura In: TURINI, M. & DACOSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. v. 2. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

FREITAS, C.M.S.M. O desporto como mecanismo de integração social: a ilha de João de Barros. **Revista Corporis**. 1(1), 1996. [edição on-line], acessado através do endereço: [<http://www.upe.br/corporis1/artigo4.html>]

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. vol.I. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998a. (Texto originalmente publicado em 1892).

_____. Lembranças encobridoras. vol.III. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998b. (Texto originalmente publicado em 1899).

_____. Sobre a psicoterapia. vol.VII. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998c. (Texto originalmente publicado em 1905).

_____. A dinâmica da transferência. vol.XII. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998d. (Texto originalmente publicado em 1912).

_____. Sobre Psicanálise. vol.XII. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998e. (Texto originalmente publicado em 1913).

_____. Recordar, repetir e elaborar - novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. vol.II. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998f. (Texto originalmente publicado em 1914).

_____. História do movimento psicanalítico. vol.XIV. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998g. (Texto originalmente publicado em 1914).

_____. Conferência XXVIII: terapia psicanalítica. vol.XII. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago: 1998h. (Texto originalmente publicado em 1917).

_____. A psicologia das massas e a análise do eu. vol.XII. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago: 1998i. (Texto originalmente publicado em 1921).

_____. Ego e Id. vol.XIX. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998j. (Texto originalmente publicado em 1923).

_____. O problema econômico do masoquismo. vol.XIX. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998k. (Texto originalmente publicado em 1924).

_____. Inibições, sintomas e ansiedade. vol.XXI. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998l. (Texto originalmente publicado em 1926).

_____. O futuro de uma ilusão. vol.XXI. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998m. (Texto originalmente publicado em 1927).

_____. O Mal-estar na civilização. vol.XXI. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998n. (Texto originalmente publicado em 1930).

_____. Moisés e o monoteísmo. vol.XXIII. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago, 1998o. (Texto originalmente publicado em 1939).

FROSH, S. **Identity crisis: modernity, psychoanalysis Nd the self**. Nova York: Routledge, 1991.

GAYA, A.C.A. **As ciências do desporto nos países de língua portuguesa: uma abordagem epistemológica**. Porto: Universidade do Porto, 1994.

GUTTMANN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

GOLDIN, M.A. **'Freud explica...': como compreender e superar alguns medos e dificuldades do homem moderno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

IANNI, Octavio. A polêmica sobre ciências e humanidades. In: SEMINÁRIOS UNICAMP: diversidade na Ciência, 2003, Campinas. **Anais...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

KAHN, M. **Freud básico: pensamentos psicanalíticos para o século XXI**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KLEIN, M. Algumas considerações teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: RIVIERE, J. (org.) **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978. (Texto originalmente publicado em 1952).

- KNIJNIK, J.D. Conceitos básicos para a elaboração de estratégias de ensino e aprendizagem na iniciação à prática do handebol. **Revista Ludens: Ciências do Desporto**, Lisboa, 17(4): 75-81, abr./jun., 2004.
- KOZAC, R. O 13º jogador: como a psicologia entra em campo a favor do futebol. **Revista de Psicologia Catharsis**. Rio de Janeiro: 40, nov/dez, 2001.
- KRAUZ, R. **Diagnóstico organizacional**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- LACAN, J. **Seminário III: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LAPASSADE, G. **Grupos, organizações e instituições**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- LAPHANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LAPIERRE, A. & AUCOUTURIER, B. **Fantasma corporais e a prática psicomotora**. São Paulo: Manole, 1984.
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. A vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983. (Texto originalmente publicado em 1979).
- _____. **The minimal self**. Psychic survival in troubled times. Nova York: Norton, 1984.
- LEVENSON, E. **The ambiguity of change: an inquiry into the nature of psychoanalytic reality**. New York. Basic Books, 1983.
- LEVI, E. A clínica interdisciplinar em crianças com transtornos na estrutura e no desenvolvimento. **Amarelinhas**, Curitiba, 3 (3): 20-29,1996.
- LIMA, T. **Saber treinar, aprende-se!** Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 2000.
- MACHADO, A.A. **Aspectos psico-pedagógicos da competição esportiva escolar**. Campinas: Unicamp, 1994. [Tese de Doutorado em Psicologia].
- MANNONI, M. **A primeira entrevista em psicanálise**. São Paulo: Campos, 1981.
- MATOS, V.S. **Relação técnico-atleta**. Rio Claro, UNESP, 1991. [Trabalho de Conclusão do curso de Educação Física].
- MARQUES, A.T. As profissões do corpo: o treinador. In: **Treinamento Desportivo**, 5(1), Londrina, 2000.
- MASTRO ROSA, A. Competição: o espelho de Narciso. In: RIBEIRO, T.L. (org). VI ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, VI. **Anais ...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2002, pp. 55-58.

- MOLLET, R. **L'entraînement total**. Bruxelas: Consell International de Sport Militaire, 1963.
- NOVA LEI DO DESPORTO BRASILEIRO: Lei nº 8.672. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília, 1993.
- PEREIRA, F.O.M. **Dialética da cultura física**. São Paulo: Ícone, 1988.
- PICHON-RIVIÈRE, E. & QUIROGA, A.P. **A psicologia da vida cotidiana**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PRONI, M.W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. [Tese de Doutorado em Educação Física] - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998. pp - 15-83.
- RAFAELLI, R. **Condições interdisciplinares: psicanálise psicologia cognitiva**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, **Florianópolis, 27: 1-15, 2002**.
- RAMIREZ, F.A. 2001. Questões éticas implicadas na formação do "psicólogo desportivo". **Revista Digital**. Buenos Aires: 6(32), 2001. Acessado através do endereço: [<http://www.efdeportes.com/>].
- _____. Uma perspectiva psicanalítica para o treinamento em equipes de base de basquetebol. Campinas, Unicamp. 1999. [Monografia, Especialização em Educação Física].
- ROCHA, M.L. & AGUIAR, K.F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, 23(4): 64-73.
- RUBIO, K. A Psicologia do esporte: histórico, áreas de atuação e pesquisa. **Psicologia: ciência e profissão**, 19 (3), 60-69, 1999.
- SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte**. Barueri: Manole, 2002.
- SANT'ANA, D.B. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. **Motrivivênica**, Florianópolis, 11(15): 13-24, 2001.
- SANTOS, S.G. & SHIGUNOV, V. Suporte psicológico ao atleta: uma necessidade "teórica" que precisa ser aplicada. **Revista Treinamento Desportivo**. Londrina: UNOPAR, 5(2): 74-83, 2000.
- SHIGUNOV, V. O perfil de atuação dos técnicos esportivos: percepção da importância das ações esportivas. **Revista Treinamento Desportivo**, 3(1), Londrina, 2001.
- SILVA, A.R. **Psicologia esportiva e preparo do atleta**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

- SMALL, L. **As psicoterapias breves**. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- SOBRINHO, L.G.P.; MELLO, R.M.F. & PERUGGIA, L. Influencias de pais, técnicos e torcida. In: MACHADO, A.A. **Psicologia do Esporte: temas emergentes I**. Jundiaí: Ápice, 1997.
- TOLEDO, F.L.P. **A influência do técnico nos aspectos psicológicos dos atletas**. Rio Claro, UNESP, 2001. [Trabalho de Conclusão do curso de Educação Física].
- TUBINO, M. G. **Metodologia do treinamento desportivo**. São Paulo: HARBRA, 1980.
- TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.
- WAGNER, C.M. O ato falho nos esportes: alguns apontamentos. **Motriz**, 7(1): S111-112, 2001. [Supl.]
- WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. parte 2. São Paulo–Campinas: Cortez–Unicamp, 2001.
- WEINBERG, R.S. & GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- WILLIAMS, J. M. & STRAUB, W. F. Psicologia del deporte – passado, presente e futuro. In: WILLIAMS, J.M. (orgs.). **Psicologia aplicada al deporte**. Madrid: Biblioteca, 1991.
- ZANELLI, J.C. Pesquisa Qualitativa em Psicologia e Administração. In: BORGES-ANDRADE, J.E.; CODO, W. & TAMAYO, A. (orgs.). **Trabalho, organização e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1997.
- ZIMERMAN, D.E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Anexos

Anexo I

Diagnóstico Psicológico de Equipes Esportivas (DiPEE)

Instruções

Assinale com um X para cada uma das letras a opção que, melhor expressa a sua opinião, quanto a situação presente da equipe.

LETRA	1	2	3	4
A Relações Pessoais	<i>RARAS:</i> Os atletas permanecem, sempre que possível, isoladas umas das outras.	<i>LIMITADAS:</i> Os atletas foram subgrupos fechados para se protegerem.	<i>APOIADORAS:</i> Os atletas aproximam-se e abrem-se com aquelas que as apóiam.	<i>ABERTAS:</i> Todos se sentem aceitos e há consciência da interdependência.
B Padrões de Relacionamento	<i>NECESSÁRIAS:</i> Os atletas relacionam-se o mínimo necessário para manter-se na equipe.	<i>DE INTERESSE:</i> Os atletas relacionam-se apenas com aqueles que lhes interessam num certo momento.	<i>CONFIÁVEIS:</i> Os atletas relacionam-se com aquelas em quem confiam.	<i>CONJUNTOS:</i> Todos relacionam-se facilmente.
C Relações Grupais	<i>OCASIONAIS:</i> O relacionamento entre os atletas é ocasional.	<i>DE TROCA:</i> Os atletas de relacionam quando realizam trocas que atendam seus interesses específicos.	<i>DE COLABORAÇÃO:</i> Os atletas reúnem-se para resolver problemas comuns.	<i>COOPERATIVAS:</i> Os atletas cooperam tendo em vista os interesses da equipe como um todo.
D Padrões de Comunicação	<i>DEFICIENTES:</i> A comunicação é espontânea e incompleta, ocasionando perda de informações importantes.	<i>INADEQUADOS:</i> A comunicação processa-se rigidamente, de acordo com os padrões estabelecidos.	<i>COMPLETOS:</i> Transmitem-se as informações importantes com detalhes.	<i>FLUENTES:</i> Não há perda de informações e estas fluem livre e adequadamente na equipe.
E Canais de Comunicação	<i>INTERROMPIDOS:</i> Há pouca comunicação entre atletas e comissão técnica. Perde-se a maior parte das informações importantes.	<i>RÍGIDOS:</i> Predomina a comunicação formal entre a comissão técnica e os atletas.	<i>SEMI-ABERTOS:</i> Nas informações rotineiras predomina a comunicação formal. Há muitos boatos e informações distorcidas.	<i>ABERTOS:</i> Há um mínimo de distorções. A comunicação flui entre a comissão técnica e também entre os atletas.
F Estilos de Liderança	<i>OMISSO:</i> Cada um faz o que quer. Não há coordenação de esforços.	<i>AUTORITARISMO:</i> Manda quem tem poder, obedece quem quer sobre-viver.	<i>CONSULTIVO:</i> As opiniões são solicitadas, mas as decisões cabem à comissão técnica.	<i>PARTICIPATIVO:</i> Todos os interessados participam das decisões que envolvem os atletas.

LETRA	1	2	3	4
G Processo de Tomada de Decisão	<i>DESORDENADO:</i> As decisões são tomadas ao sabor dos acontecimentos, sem coerência.	<i>INFLEXÍVEL:</i> As decisões são formais, baseadas em critérios inflexíveis e pré-estabelecidos.	<i>COMPARTILHADO:</i> Considera-se a interdependência dos atletas e fazem-se consultas para informar o processo decisório.	<i>INTEGRADO:</i> As decisões são tomadas de maneira flexível, em função da equipe como um todo.
H Planejamento	<i>AUSENTE:</i> Não há planejamento apenas im-provisação.	<i>POR CRISE:</i> Só se planeja para enfrentar crises.	<i>PARCIAL:</i> Planeja-se apenas com base em dados já existentes e disponíveis	<i>SISTEMÁTICO:</i> Planeja-se com o apoio de um sistema de coleta de dados atualizado e adequado.
I Resolução de Problemas	<i>OCASIONAL:</i> Os problemas acumulam-se e as soluções são ocasionais	<i>TECNICISTA:</i> Opta-se por soluções tradicionais ou técnicas de prestígio, mesmo que se-jam inoperantes.	<i>OPORTUNISTA:</i> Os problemas são solucionados sempre que surge uma oportunidade para fazê-lo.	<i>ORDENADA:</i> Um acompanhamento sistemático da realidade permite a busca e/ou antecipação da resolução dos problemas.
J Trabalho em Equipe	<i>INEXISTENTE:</i> Cada atleta trabalha por si e para si.	<i>ESPORÁDICO:</i> Trabalha-se esporadicamente e em equipe, para atender a situações críticas que ameaçam a todos.	<i>LIMITADO:</i> Trabalha-se em equipe, apesar da falta de integração dos membros, prejudicando sua produtividade.	<i>INTEGRADO:</i> Trabalha-se integralmente, havendo cooperação e aceitação de todos.
K Clima da Equipe	<i>CAÓTICO:</i> Os atletas se sentem inseguros, improdutivos e desconhecem o seu verdadeiro papel da equipe.	<i>DEPENDENTE:</i> Os atletas executam tarefas e desconhecem os objetivos da equipe como um todo.	<i>INSTÁVEL:</i> Os atletas nem sempre estão satisfeitos com o clima, mas não sabem o que fazer para mudá-lo.	<i>SAUDÁVEL:</i> Os atletas estão satisfeitos com o clima, mas não tem eventuais mudanças.
L Motivação	<i>INEXISTENTE:</i> Os atletas permanecem alienados. Não recebem <i>feed back</i> sobre seu desempenho	<i>BAIXA:</i> As atividades são rotineiras. Critica-se muito e as inovações são temidas.	<i>MÉDIA:</i> Aceitam-se sugestões de mudança, mas boa parte das pessoas procura manter a rotina. Às vezes as pessoas são elogiadas.	<i>ALTA:</i> Os atletas estão sempre dispostos a aceitar novos desafios. Reconhece-se o valor e a competência de cada um.